



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC**  
**CAMPUS CENTRAL - MOSSORÓ**

**YOKKY YWKY DANTAS DE OLIVEIRA**

**FUTEBOL E ESCOLA: ESSA IDEIA ROLA?**  
**ESTUDO REALIZADO NO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE**

**MOSSORÓ-RN**

**2018**

YOKKY YWKY DANTAS DE OLIVEIRA

**FUTEBOL E ESCOLA: ESSA IDEIA ROLA?**  
**ESTUDO REALIZADO NO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) como requisito final para obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: Políticas e Gestão da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Joaquim Gonçalves Barbosa

MOSSORÓ-RN

2018

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

O48f      Oliveira, Yokky Ywky Dantas de  
             FUTEBOL E ESCOLA: ESSA IDEIA ROLA? ESTUDO  
             REALIZADO NO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. /  
             Yokky Ywky Dantas de Oliveira. - Mossoró - RN, 2018.  
             134p.

Orientador(a): Prof. Dr. Joaquim Gonçalves Barbosa.  
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação  
em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do  
Norte.

1. Futebol. 2. Escola. 3. Políticas Educacionais. 4.  
Incentivo à Educação. I. Barbosa, Joaquim Gonçalves. II.  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

YOKKY YWKY DANTAS DE OLIVEIRA

**FUTEBOL E ESCOLA: ESSA IDEIA ROLA?**  
**ESTUDO REALIZADO NO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) como requisito final para obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: Políticas e Gestão da Educação.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Joaquim Gonçalves Barbosa - POSEDUC/UERN  
(Orientador)

---

Prof. Dr. Hugo Paula Almeida da Rocha - Colégio Pedro II/ProEF  
(Examinador 1)

---

Prof. Dr. Gilson Ricardo de Medeiros Pereira - UERN  
(Examinador 2)

A **Deus**, meus pais, minha esposa, meu filho,  
minha sogra e todos que contribuíram direta ou  
indiretamente para a construção deste trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, que foi, é e será minha força maior, em todos os momentos. Cada dia de dificuldade para chegar aonde cheguei foi vencido com a ajuda do Senhor, que me fez acreditar que era possível e que, através da superação, eu poderia ser vitorioso. Portanto, faço valer minha voz para agradecê-lo. Aqui, neste início, gostaria também de agradecer a Nossa Senhora de Sant'Ana, Santa Clara, Santo anjo, e a minha virgem Maria, mãe de Jesus.

Agradeço ainda à Senhora Jucinês Aparecida Dantas de Oliveira e ao Senhor Erivonaldo Cincinato de Oliveira, meus pais. Serei eternamente grato por tudo que fizeram e fazem por mim. Inclusive, foi graças ao Senhores que pude chegar até aqui. Agora, depois de superados tempos difíceis, reconheço que vocês foram e são a minha base. Obrigado por me guiarem numa perspectiva reflexiva, crítica e, sobretudo, construtiva. Minha “mainha”, a senhora não tem a menor ideia de quanto foi e é importante para mim, por ter me dado a chance de seguir por outro caminho. Devo tudo à Senhora, aliás, devo tudo aos Senhores.

Agradeço a minha esposa Wildejane Maia de Figueiredo, por todo cuidado para comigo nos momentos mais difíceis. Meu filho Lorenzo Maia Dantas de Oliveira, também sou grato pela tua vida, por ser minha inspiração a cada acordar. Vocês são meu bem maior, minha família.

Agradeço aos meus colegas do Mestrado (Rosângela, Fábila, Marecilda, Wilson). Obrigado pelas ajudas, pelos diálogos do dia-a-dia. Nilza, não sei se vai ler esses agradecimentos, todavia, quero que todos saibam do momento especial que teve em minha vida. Obrigado, viu? Jamais a esquecerei!

Aos meus Professores da graduação, por terem sempre me incentivado. Obrigado Bertulino, pelos estímulos e pelas provocações que me fizeram crescer. Obrigado Suênia Lima, por tantos e tantos momentos possibilitados através da sua presença. Você foi extremamente relevante nesse processo.

Professor Joaquim Gonçalves Barbosa, o Senhor não só contribuiu com o trabalho, o senhor me fez um humano melhor. Entender a multirreferencialidade é entender a vida através da importância do olhar/contribuição do outro para comigo. Obrigado por todos os encontros, bate papos, reflexões, puxões de orelhas. Obrigado por aparecer em minha vida e por me fazer um sujeito melhor. Se esqueci de mencionar alguém, perdoem-me. Afinal, são tantos e tantas pessoas que não dou conta de citar. Porém, recebam o mais fraterno abraço da minha pessoa em forma de agradecimento.

Futebol? Futebol não se aprende na escola. No país do futebol o sol nasce para todos, mas só brilha para poucos e brilhou pela janela do barraco da favela onde morava esse garoto chamado Brazuca. Que não tinha nem comida na panela, mas fazia embaixada na canela e deixava a galera maluca. Era novo e já diziam que era o novo Pelé. Que fazia o que queria com uma bola no pé. Que cobrava falta bem melhor que o Zico e o Maradona e que driblava bem melhor que o mané, pois é [...] Futebol não se aprende na escola. É por isso que brazuca é bom de bola.

(Gabriel O Pensador).

## RESUMO

Este trabalho dissertativo incorpora dois segmentos que se tornaram fundamentais na vida de jovens no Brasil e no mundo: futebol e escola. A proposta de estudo, de caráter qualitativo, visa propiciar o entendimento da dinâmica de conciliação da dupla jornada de jogador profissional e estudante sem grandes prejuízos numa perspectiva futura para os atletas. Assim posto, traz como objetivo geral a análise de ações ou políticas desempenhadas pelos clubes de futebol com o propósito de assegurar a permanência e o acompanhamento de seus atletas na escola. De forma mais específica, a análise se volta para os dois maiores clubes de futebol do Rio Grande do Norte, ABC Futebol Clube e América de Natal, desenvolvendo um comparativo entre eles e propiciando uma discussão também considerando minha experiência como ex-atleta com atuação em clubes do Brasil e de Portugal. Atuam como sujeitos desta investigação os coordenadores dos referidos clubes, a quem foi direcionado um questionário com perguntas que contemplavam os objetivos propostos. A discussão em torno da temática e a análise dos resultados estão alicerçadas em pesquisas que se debruçaram sobre a temática do futebol, assim como em questões relacionadas à escolarização dos atletas. A pesquisa revelou que, no Estado do Rio Grande do Norte, os dois maiores clubes de futebol relatam, principalmente através do discurso dos coordenadores, a importância da escola na vida dos atletas, porém, os encaminhamentos realizados se apresentam ainda muito frágeis com relação a uma real formação escolar dos jovens futuros atletas. Assim, as discussões no campo da formação escolar de atletas de futebol no Rio Grande do Norte necessitam de novos redimensionamentos que desencadeiem soluções concretas mais efetivas, considerando a dupla formação e o encaminhamento da carreira esportiva sem prejuízo quanto à formação escolar para os atletas.

**Palavras-chave:** Futebol. Escola. Políticas Educacionais. Incentivo à Educação.

## **ABSTRACT**

This essay incorporates two segments that have become fundamental in the lives of many young people in Brazil and in the world: soccer and school. The aim of this qualitative paper is to provide an understanding about the dynamics of conciliating school on the professional player double journey without great harm in a future perspective for athletes. Thus, it has as general objective the analysis of actions or policies carried out by soccer clubs with the purpose of ensuring the permanence and the accompaniment of their athletes in the school. More specifically, the analysis turns to the two largest soccer clubs in Rio Grande do Norte, ABC Futebol Clube and América de Natal, comparing them to one another and providing a discussion around the two highlighted segments and my experience as former athlete with clubs in Brazil and Portugal. Thus, the coordinators of the referred clubs act as subjects on this investigation, to whom a questionnaire was directed with questions that contemplated the aims proposed. The discussion around the theme and the analysis of the results are based on a theoretical framework whom focused on the theme of soccer, as well as issues related to schooling of athletes. The research revealed that, in the State of Rio Grande do Norte, the two largest soccer clubs do not have internal policies, actions, strategies or even mechanisms that allow the permanence of young soccer athletes in school. This, however, is not an isolated reality, so there is a national lack of policies or actions to encourage athletes to stay in school, a problem that calls attention to possible solutions.

**Keywords:** Soccer. School. Educational Policies. Incentive to Education.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - A Formação do Jogador de Futebol no Sport Club Internacional desde 1997 a 2002 .....	19
Quadro 1 - Quadro síntese das principais obras que fundamentam o estudo. ....	46

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>I FUTEBOL E ESCOLA: DUAS REALIDADES QUE SE DEFRONTAM.....</b>	<b>18</b>
<b>II O FUTEBOL E A MINHA VIDA .....</b>	<b>48</b>
Da paixão à profissão .....	53
Formação no futebol .....	55
Escola ou futebol? Por que não os dois?.....	62
<b>III A REGRA DO JOGO: OS ELEMENTOS E O PERCURSO DA PESQUISA .....</b>	<b>67</b>
<b>IV ENTRANDO EM CAMPO: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>79</b>
Função do coordenador .....	79
Horários dos treinos .....	82
Turno para os estudos.....	83
Rotina dos jogos .....	86
Acompanhamento escolar dos atletas .....	87
Importância dos clubes para com a questão escolar.....	88
Competitividade entre escola e futebol .....	90
Legislação .....	92
Outras considerações.....	97
<b>V CONCLUSÃO.....</b>	<b>107</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>110</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>114</b>

## INTRODUÇÃO

O futebol é o esporte mais praticado<sup>1</sup> e assistido do mundo. Essa relação se estabelece por meio de mecanismos que, por sua vez, exploram o esporte, seja através da divulgação dos campeonatos ou por meio da venda de imagens que contribuem com a sua propagação. Tal observação nos permite entender, portanto, que esse contexto é permeado por uma relação mercadológica. Alcântara (2006), por exemplo, em sua obra intitulada *Magia do futebol*, destaca as cifras milionárias envolvidas através dos salários, transferência e o próprio personagem que é o atleta de futebol. O autor, quando faz este recorte, evidencia a possibilidade de se chegar ao que o antropólogo Damo (2005) denomina de oásis da profissão, fazendo referência àqueles que se tornam ricos através do esporte.

Dito isto, todo este cenário de exposição, por sua vez, alimenta uma cadeia que tem em sua base camadas populares de jovens que vislumbram ascender socialmente de forma rápida fazendo aquilo que mais gostam: praticando futebol, assim como visto na televisão. É preciso atentar ao fato de que o futebol pode ser praticado nas mais diferenciadas dimensões<sup>2</sup> ou manifestações, aqui a ênfase será dada no esporte de alto-rendimento, aquele que por proposta pode se torna uma profissão dos atletas.

Com frequência, programas de TV, bem como a internet ou jornais impressos ou noticiários expõem atletas sendo bem-sucedidos por meio da prática do futebol. Essa exploração midiática é responsável por construir no imaginário de jovens amantes do esporte a ideia de que podem ter o mesmo sucesso alcançado por esses atletas e, sobretudo, através de uma grande exploração midiática, subtende-se que a maioria dos atletas são bem-sucedidos no futebol, pelo menos é o que se vê com frequência através dos programas de tevês, internet, jornais. A partir desta publicidade quanto à ascensão dos atletas, cria-se uma atmosfera que estabelece uma relação futebol/dinheiro muito forte e o resultado disto é uma afirmação contundente, tornando o futebol como uma profissão dos sonhos, afinal nada melhor do que ficar rico (ascender socialmente) fazendo o que se gosta.

Todavia, nesse ínterim, existem caminhos que se fazem presentes na vida dos atletas e, fruto destes caminhos, as diversas escolhas que são necessárias e, sobretudo, extremamente importantes para prosseguirem. Deste modo e considerando o contexto específico do nosso país

---

<sup>1</sup> Ver em: <<https://noticias.bol.uol.com.br/bol-listas/os-12-esportes-mais-populares-do-mundo-sera-que-voce-conhece-o-segundo.htm>> Acesso em: 10 jan. 2017

<sup>2</sup> TUBINO (1992) **Dimensões sociais do esporte**; Esporte - educação, esporte – participação/lazer, esporte-rendimento;

(muitos adolescentes apostam neste caminho) se faz de extrema valia ter uma compreensão crítica acerca do processo de formação futebolística e, portanto, enfatizamos o “outro lado da bola”, onde milhares de sujeitos ficam pelo caminho ou, quando se tornam profissionais, se deparam com uma situação oposta daquilo que sonharam.

Rocha *et.al* (2011) problematizam esta reflexão quando apontam números relevantes sobre os salários no futebol Brasileiro. Os autores afirmam que “84% dos jogadores, de todas as divisões do futebol profissional no Brasil, recebem salários de até R\$ 1.000,00, 13% recebem entre R\$ 1.000,00 à R\$ 9.000,00, e apenas 3% recebem acima de R\$ 9.000 por mês” (ibidem 2011, p.253). Estes números evidenciam uma realidade divergente daquela exibida pelos meios de comunicação, de modo que as correntes de ouro, carros importados, grandes casas ou apartamentos dão lugar aos ônibus, pequenas casas alugadas com falta de estrutura, baixas remunerações ou ausência delas e, com grande frequência, abandono de um sonho.

Ingressar no mundo do futebol já se sabe que não é fácil. O vestibular da bola, como é chamado por Toledo (2002), é considerado mais difícil do que qualquer outro para ingresso nas Universidades, devido à tamanha concorrência e pouco aproveitamento. Segundo o autor, apenas 1% dos candidatos é aproveitado nas *peneiras*<sup>3</sup>. Sobre a dificuldade para um possível aproveitamento nas categorias de base de um grande clube brasileiro, o repórter Caco Barcelos, da TV Globo, em uma reportagem realizada no ano de 2001, destacou que cerca de 28 mil jovens tentaram entrar no futebol de formação do Sport Clube Corinthians Paulista e completou informando que desses 28 mil apenas 20 foram aproveitados<sup>4</sup>.

Quando se fala em Brasil, a primeira coisa que vem à cabeça de muitos sujeitos nativos ou estrangeiros é o futebol. Essa forte relação das pessoas com o esporte transparece a cada gol marcado no campeonato nacional, em Copas do Mundo, Olimpíadas ou em campeonatos estrangeiros que despertam atenção de muitas crianças, jovens e mesmo adultos. Sem dúvida, somos uma potência nessa modalidade. Não por menos, a cada ano que passa, o Brasil exporta centenas de jogadores para clubes do exterior.

O futebol, espetáculo absorvido por um mundo capitalista, tem acoplado à sua base o rendimento como premissa para admissão ou exclusão de atletas. Por conseguinte, não há espaços para brincadeiras, ou o sujeito se torna rentável ou está excluído desse meio. Instruídos sobre isso, milhares de adolescentes abdicam de um processo natural de maturação cronológica,

---

<sup>3</sup> Processo de detecção de possíveis talentos. Em seu estudo, Toledo (2002) destacou várias peneiras realizadas, em 2008, pelo Clube de Regatas Flamengo – RJ, que somaram 1000 garotos participantes. Em 1996, 4000 garotos tentaram acesso ao São Paulo Futebol Clube – SP.

<sup>4</sup> A matéria está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P0ZA9AtD8d8>>. Acesso em: 13 ago. 2015.

social e cultural para mergulharem neste mundo, com extenuantes horas de trabalho. Essa rotina é, aparentemente, simples aos que assistem, no entanto, aos olhos de quem a vivencia é extremamente complexa e difícil.

Ao investir na carreira de jogador de futebol, o adolescente não está sozinho, a família incorpora este sonho e passa a viver com ele a perspectiva de que vencerá e levará consigo toda família (SOARES *et al*, 2011; PAULA, 2013. Conforme Damo (2005) e Melo (2010), os adolescentes que se dedicam de corpo e alma à realização do sonho de ingressarem no futebol, geralmente o fazem aos 12 anos de idade. Esses garotos têm que dedicar-se em média de 5.000 a 6.500 horas entre treinos e jogos para adquirirem um capital cultural futebolístico adequado. Mesmo chegando à fase final do processo, ainda assim não há garantias de sucesso<sup>5</sup>.

Damo (2005) destaca ainda a importância das indicações pessoais para a formação futebolística, o famoso “Q.I - Quem Indica”, ou, dito de outro modo, de um “empresário da bola”. Figura que passa a ser extremamente importante na fase final do processo de seleção dos atletas. Não bastando toda essa complexidade, o risco de lesão também é determinante para prosseguir ou interromper essa carreira.

Esse assunto foi por mim<sup>6</sup> abordado no trabalho de conclusão do curso de Educação Física, na UERN, no qual apresento a realidade de ex-atletas que depositaram no futebol uma esperança de vida promissora. Os sujeitos que fizeram parte da amostra tiveram chances concretas de realização desse sonho, inclusive frequentaram grandes clubes no cenário nacional, todavia, desistiram ou abandonaram o sonho. Uns alegaram ter feito isso por ocasião de lesões, outros por terem sido descartados, e outros, ainda, por desapontamento com o meio futebolístico.

No caso específico dos dois jovens lesionados, considerados grandes promessas e com oportunidades claras de ascensão no futebol, para completar sua decepção, o clube a que pertenciam não realizou o tratamento necessário para que pudessem retornar aos campos. Suas experiências comprovam que, em caso de impossibilidade de rendimento dos atletas, não há o que fazer e existe grande possibilidade de serem dispensado. Mas, como seres sociais, não há o que fazer, não resta outra oportunidade para esses jovens?

A partir desse questionamento, ainda na minha monografia, constatei a dificuldade desses sujeitos em conciliar os estudos e o futebol. No mesmo estudo, mostro ex-atletas que

---

<sup>5</sup> Essa constatação é fruto do estudo realizado por mim para a elaboração do meu TCC, apresentado à coordenação do curso de Educação Física da UERN, no ano de 2015. Cf. (OLIVEIRA, 2015, p. 26).

<sup>6</sup> Por se tratar de um texto que traz relatos de vida do pesquisador, as pessoas verbais do discurso variam entre 1ª pessoa do plural, para as partes mais gerais, e 1ª pessoa do singular, para os trechos referentes as minhas experiências de vida e formação.

tentaram outras possibilidades de ingresso no mercado de trabalho, porém, encontraram dificuldades. Participaram dessa investigação seis indivíduos, dentre os quais apenas dois conseguiram ingressar em nível superior de ensino até aquele ano (2015). Vale salientar que a média de idade dos entrevistados era entre 24 a 28 anos. Ao depositarem as esperanças e tempo no futebol, esses sujeitos não conseguiram sucesso nos bancos escolares e arcaram com as consequências de não terem estudado.

Diante dos resultados da pesquisa anteriormente realizada, me propus a ampliar a discussão sobre a importância da escola na vida dos adolescentes que buscam no futebol um meio de melhorarem de vida. Assim nasceu a temática desta dissertação: Futebol e escola, essa ideia rola? A discussão proposta considera a hipótese de sujeitos que investem tempo significativo no futebol não conseguirem materializar o sonho de se tornarem grandes jogadores. Nesse sentido, a escola se apresenta como estrutura indispensável para o prosseguir na vida.

Elementos comuns exigidos pelos dois âmbitos de formação, com destaque para tempo/esforço/dedicação, são considerados essenciais nesta reflexão, cujo objetivo central é analisar, mediante o olhar dos coordenadores de dois clubes da categoria juvenil (até 19 anos de idade) do Rio Grande do Norte, ABC Futebol Clube e América de Natal, a importância da formação escolar para atletas de futebol.

O clube de futebol aparece aqui como importante instituição social que administra os sonhos desses jovens, haja vista que é ele quem decide ou avalia se eles têm ou não condições de permanecerem treinando em suas instalações. Posto isto, três questões norteiam esta discussão, quais sejam: como os clubes de futebol percebem a formação escolar dos atletas juvenis? Quais os tipos de ações desempenhadas pelos clubes com o propósito de assegurarem a permanência e o acompanhamento de seus atletas na escola? Até que ponto é possível conciliar as duas formações? Quais as possíveis interferências de uma na outra? Diante desses questionamentos, são objetivos específicos desta investigação:

- ✓ Comparar as políticas relacionadas ao incentivo escolar em dois clubes de Futebol do Rio Grande do Norte (ABC Futebol Clube e América de Natal).
- ✓ Compreender o significado dado pelos clubes de futebol à formação escolar dos atletas em idade escolar.
- ✓ Identificar e refletir sobre as ações e políticas adotadas pelos clubes para que iniciantes em futebol se mantenham efetivamente engajados em seus estudos.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB/1996, em seu art. 4º, inciso I, a obrigatoriedade dos jovens para com a escola vai dos 04 aos 17 anos de idade

(BRASIL, 1996). Entretanto, aqueles que se dispõem a seguir carreira profissional no futebol também estão amparados pela Lei Nº 12.395, de 16 de março de 2011, que, em seu art. 28, diz: “a atividade de um atleta profissional é caracterizada por remuneração pactuada em contrato especial de trabalho desportivo, firmado com a entidade de prática desportiva” (BRASIL, 2011). Em virtude dessa constatação, é importante e necessário compreender a mediação dos clubes nesses dois segmentos, o que exige a reflexão de aspectos importantes, como uma maior dedicação dos jovens a apenas um dos segmentos, geralmente ao futebol, e o fato de nem todos conseguirem êxito na busca do sonho de se tornarem grandes jogadores.

É preciso salientar que, além de ser um espaço garantido e obrigatório por lei, a escola é um momento de transformação social. São os currículos nela estudados que possibilitam aos sujeitos competências para ingressarem no nível superior, ou competências e habilidades para se inserirem em outros espaços, como o mercado de trabalho. Logo, a escola se torna fundamental na vida dos atletas.

Nesta análise, em que se entrecruzam de forma tão impactante dois mundos (futebol e escola), é necessário considerar ainda o contexto vivido pelos adolescentes para, de fato, entender por que, em alguns casos, o abandono da escola é a única opção para seguir no sonho de ser um profissional do futebol. Assim posto, para dialogar com a fala dos coordenadores dos clubes investigados, trago também meu relato como ex-atleta que viveu essa jornada dupla, tanto no Brasil como em Portugal.

Com base nas minhas vivências como jogador nos dois países a proposta inicial era realizar um estudo comparativo entre Portugal e Brasil, de modo que pudéssemos compreender como os dois lidam com a questão escolar na vida dos atletas em formação. Devo ressaltar que a inquietação direcionada à temática surgiu ainda na época em que jogava, quando pude perceber um olhar diferente de ambos com relação à escola. Em Portugal, o atleta consegue, ao mesmo tempo, manter-se na escola e treinar em alto nível, pois frequenta a escola em turnos diurnos, tanto pela manhã quanto pela tarde, ou nos dois períodos, enquanto os treinos ficam destinados ao período noturno. No Brasil ocorre o inverso, os treinos são distribuídos em períodos diurnos, ora pela manhã, ora pela tarde e dependendo da realidade de cada clube ou Estado e da realidade dos atletas, uns treinam/trabalham nos dois períodos. Vale salientar que isso ocorre com mais frequência na medida em que os atletas vão se aproximando do nível profissional, isto é, quando já estão na categoria sub19.

Essa discussão renderia um capítulo teórico no qual apresentaríamos trabalhos produzidos nos dois países, voltados para uma discussão relacionada à questão escolar na vida

de atletas em formação<sup>7</sup>. Todavia essa ideia inicial foi abandonada em virtude da questão financeira para nosso deslocamento e pelos demais gastos relacionados com a pesquisa. Decidimos, então, deixar a sua realização para um outro momento, focando nosso olhar apenas para o Estado do Rio Grande do Norte.

Compreender as ações dos clubes de futebol em conjunto com o Estado, no que se refere ao contexto escolar, tem extrema relevância no sentido de melhorar, fortalecer, redimensionar novas estratégias junto aos adolescentes em idade escolar, de modo que não se prejudiquem nessa esfera. Preocupados com os grandes dribles dos nossos craques de futebol dentro do campo e com a beleza dessas ações que fazem brilhar os olhos dos brasileiros, acabamos nos esquecendo dos grandes dribles que milhares de estudantes, em seus diversos e complexos contextos sociais, dão com os livros, a caneta e o papel. Longe de podar, restringir, inibir, excluir um sonho do outro, queremos entender por que é tão difícil conciliar futebol e escola.

A importância desta pesquisa está, pois, em propiciar a ampliação das discussões relacionadas à formação futebolística em concomitância com a formação educacional, de modo que permitirá entender até que ponto a formação atlética é compatível com a formação escolar. Nessa ótica, resolvemos investigar os dois maiores<sup>8</sup> clubes de futebol do Rio Grande do Norte, fazendo um comparativo entre eles e propiciando uma discussão em torno dos dois segmentos em destaque, com o propósito de entender a dinâmica de conciliação dessa dupla carreira - jogador profissional e estudante -, sem grandes prejuízos numa perspectiva futura para os atletas. A ênfase da discussão está, pois, na importância de os clubes de futebol estabelecerem um permanente e estreito diálogo com a instituição escolar, solicitando até mesmo o desligamento dos atletas caso sejam constatados problemas de indisciplina na escola ou de aprendizado.

Diante da proposta e dos objetivos estabelecidos, a dissertação está composta pelas seguintes seções: Introdução, onde estão incorporados o problema, a justificativa, os objetivos, e a metodologia; I – Futebol e escola: duas realidades que se defrontam, capítulo que contém um levantamento bibliográfico sobre o tema Formação futebolística e escolar no Brasil. Nesse espaço, ampliamos a discussão da temática com base nos autores utilizados como pressupostos teóricos; II – O futebol e a minha vida, capítulo que traz as minhas narrativas de vida, ou seja, o percurso da história de vida de um cidadão nascido no interior do Estado do Rio Grande do Norte, que sonhou em mudar a vida da família através do esporte; III – A regra do jogo: os

---

<sup>7</sup> Encontrados estudos feitos em Portugal, os quais foram acrescidos à discussão. Já os estudos no Brasil, dedicamos um capítulo teórico exclusivo com trabalhos desde 2013 até 2017 relacionados a essa temática.

<sup>8</sup> Os critérios considerados são os títulos estaduais e o maior número de adeptos.

elementos e o percurso da pesquisa, onde apresentamos os sujeitos investigados, os materiais e os métodos adotados na investigação; IV – Entrando em campo: análise e discussão dos resultados, capítulo no qual trazemos os resultados da pesquisa e nossas considerações a seu respeito, bem como os aspectos legais da obrigatoriedade escolar dos adolescentes; V – Conclusão, onde apresentamos as contribuições da pesquisa e fomentamos outros estudos sobre a temática.

## I FUTEBOL E ESCOLA: DUAS REALIDADES QUE SE DEFRONTAM

Na perspectiva do alto rendimento, especificamente na Profissionalização<sup>9</sup> do esporte, com destaque para o futebol de formação, cabem as seguintes indagações: futebol e Escola: essa ideia rola? Seria utopia pensarmos na possibilidade de conciliar ambos no “país do futebol”? O que se sabe ao certo é que tanto a escola quanto a formação futebolística exigem um tempo considerável na vida dos sujeitos que se encontram envolvidos nessa complexa relação, ora imersos no universo escolar – com os trabalhos, seminários, pesquisas, estudos em geral –, ora na rotina de extenuantes trabalhos físicos, técnicos, táticos e psicológicos.

Diante desses questionamentos, buscamos apresentar, de forma singular, o processo de formação futebolística e escolar no Brasil, com a finalidade de provocar e ampliar o(s) olhar(es) sobre a temática. Para isso, trazemos, inicialmente, um levantamento bibliográfico com o qual dialogamos de forma crítica e reflexiva.

Num primeiro momento, a título de compreensão ampliada deste fenômeno, descreveremos, de forma sucinta, os aspectos gerais e elementares do processo de formação futebolística. Mais adiante, apresentaremos os principais estudos que evidenciam a formação escolar e futebolística no Brasil e que se constituem uma base sólida de fundamentação teórica daquilo que já se tem de produção.

Assim como Soares (2011), Bossle e Lima (2013), enfatizamos que a temática é recente, todavia, reforçamos que, nos últimos anos, recebeu maior atenção, o que aumentou a produção de trabalhos que contribuíram diretamente com o crescimento/enriquecimento das discussões a seu respeito.

A partir dos anos 2000, com a dissertação de Mestrado de autoria do Professor Francisco Xavier Freire Rodrigues, cujo o título é *A Formação do Jogador de Futebol no Sport Club Internacional desde 1997 a 2002*, publicada no ano de (2003), encontramos referências alusivas ao tema em questão. O universo de pesquisa desse estudo foram as categorias Juvenil<sup>10</sup>, Júnior<sup>11</sup> e Profissional<sup>12</sup>, 56 atletas<sup>13</sup> no total, a quem foi direcionado um questionário semiestruturado. Após a análise dos dados, faremos um recorte às categorias Júnior e Juvenil (40 atletas).

---

<sup>9</sup> Um jogador se torna profissional quando assina o primeiro contrato ou vínculo empregatício com o clube.

<sup>10</sup> Jogadores numa faixa etária de 15 a 17 anos de idade.

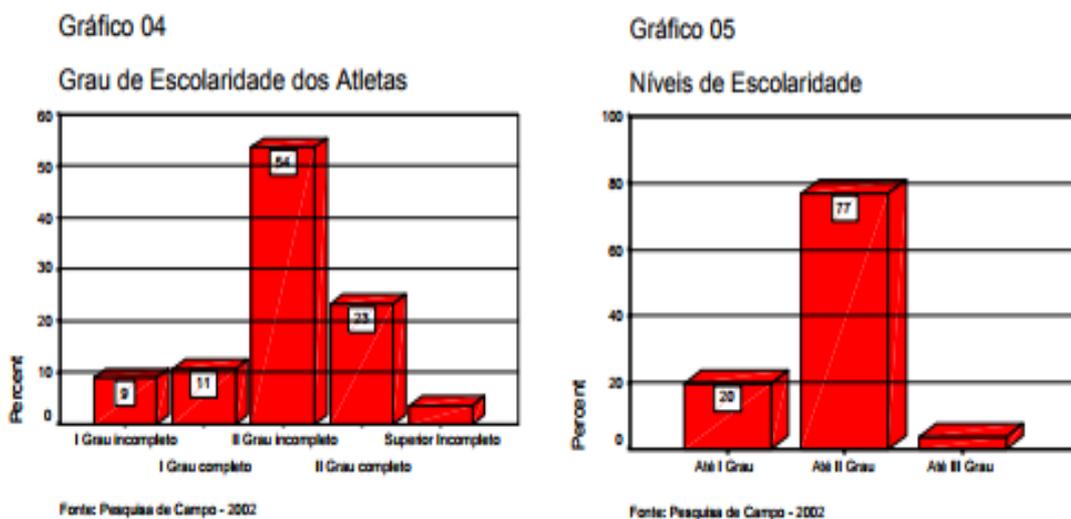
<sup>11</sup> Faixa etária entre 18, 19 e 20 anos de idade.

<sup>12</sup> Profissional é caracterizado através de um vínculo de trabalho (contrato).

<sup>13</sup> 20 para os Juvenis, 20 para o Juniores e 16 para atletas Profissionais.

A dissertação revela como ocorre o processo de formação de jogadores de futebol no Sport Clube Internacional<sup>14</sup>. Para tanto, toma a sociologia como arcabouço teórico. No capítulo 5 do trabalho, o autor descreve o nível de escolarização dos atletas do clube, ponto a que demandaremos energia nesta investigação, sobretudo, pelo fato de a escola ser espaço de grande responsabilidade e importância na vida dos adolescentes. O autor ilustra, através de dois gráficos, o grau e o nível de escolaridade dos atletas, que, inclusive, contraria a hipótese do senso comum, de que jogador de futebol não estuda.

Figura 1 – A Formação do Jogador de Futebol no Sport Club Internacional desde 1997 a 2002



Fonte: Rodrigues (2003, p.131).

Rodrigues (2003), no gráfico 4, destaca que 54% dos entrevistados possuem o II Grau (ensino médio) incompleto e 23% o II Grau completo. No gráfico 5, ele destaca que 77% dos atletas concluíram o II Grau, 20% têm até o I Grau (ensino fundamental II) e 2% frequentaram o ensino superior. Ressaltamos a dificuldade em esclarecer quais categorias representam os gráficos, mesmo assim faremos uma análise da situação apresentada.

A interpretação do gráfico 4, exposto na figura 1, externa, a priori, uma preocupação com a formação escolar, sobretudo por mais da metade, que não concluiu o ensino básico. De início, esse dado desperta a atenção, fazendo com que, seja questionado o processo de escolarização dos atletas de futebol. Mesmo considerando a importância do que foi relatado pelo autor, no que se refere ao “aumento da escolaridade do jogador de futebol no Brasil” (RODRIGUES 2003, p.131), o número dos que não concluíram os estudos ainda foi superior.

<sup>14</sup> Sediado em Porto Alegre (RS) e conhecido, popularmente, por Inter de Porto Alegre.

É importante frisarmos o contexto histórico/social à época da realização do estudo, em que ocorreram mudanças no processo educacional e suas dificuldades, no entanto, considerando esses importantes aspectos, ressaltamos o direcionamento à formação para o esporte, em primeiro lugar, e conseqüentemente a secundarização da escola. Os dados evidenciam essa afirmação.

No gráfico 5, registrado na figura acima, está presente a informação de que número superior à metade (77%) concluiu o ensino básico, no entanto, Rodrigues (2003, p.131) revela que um número elevado concluiu o ensino médio através de curso supletivo<sup>15</sup>, modelo educacional que propõe suprir o ensino médio regular para jovens adolescentes em formação escolar e que altera a qualidade do processo educativo. Com base nesses dados, é importante ponderar que, naquela época, a formação futebolística se apresentava em confronto com a formação escolar. Essa situação acarretou na busca por modelos de flexibilização da escola por parte dos alunos, e os cursos supracitados entraram como solução para o determinado problema.

A relevância deste trabalho está, pois, em refletir sobre a possibilidade da união entre formação escolar e formação futebolística na vida de atletas. No entanto, devemos considerar as particularidades de cada contexto. No Brasil, por exemplo, o contexto do Sul do país é diferente do Nordeste. O Internacional é um clube num total de, aproximadamente, 500 filiados à Confederação Brasileira de Futebol (CBF)<sup>16</sup>. É um dos 20 times que fazem parte da elite do futebol brasileiro. Já no Nordeste, temos clubes como América-RN e ABC FC que por ora, não fazem parte da elite do futebol Brasileiro e, do ponto de vista financeiro, possivelmente, o Sul do País deveria apresentar condições mais adequadas para assimilar as duas carreiras.

Outro trabalho com proporções maiores que a de Rodrigues (2003) e com impacto dentro do contexto de formação futebolística é a tese de doutorado do antropólogo Arlei Sander Damo (2005), intitulada *Do Dom À Profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. O autor estudou o futebol de espetáculo a partir do processo de formação de atletas em duas realidades distintas: Brasil e França. Ele corrobora de forma considerável com a proposta de refletir sobre o futebol de formação em

---

<sup>15</sup> O Supletivo **mais comum** que existe é o de ensino presencial de todas as séries faltantes ao aluno em um espaço de tempo bem menor do que aquele exigido para a conclusão das séries individualizadas. As aulas precisam ser frequentadas **pessoalmente** pelos alunos e acontecem geralmente em **escolas especializadas** nessa modalidade – apesar de alguns colégios, privados e públicos também disponibilizarem supletivos. O tempo de estudo pode variar, porém, os mais comuns duram, no mínimo, de **seis meses a um ano**, dependendo da quantidade de conteúdo que o aluno precisa para sua formação em educação básica. Matéria disponível em: <<http://www.subanavida.com.br/educacao-faculdade/o-que-e-supletivo-quem-deve-fazelo-e-porque-e-importante/>>. Acesso em: 15. jun 2017.

<sup>16</sup> Número aproximado. No ano de 2017 o Brasil possuiu um total de 662 clubes filiados. Encontrado em: <<https://www.terra.com.br/esportes/futebol/brasil-comeca-2017-com-662-times-profissionais-no-futebol,36a1936f4e0da65e23cfa795fe6549f3ke4y112a.html>>. Acesso em: 24 set. 2018 às 8h52.

concomitância com a escola. Seu trabalho foi essencial para que a escola começasse a ganhar destaque na discussão sobre formação futebolística. A partir dele, a preocupação deixou de repousar em qual série o estudante encontra-se ou qual nível concluiu, para focar a importância da escola durante a formação futebolística na vida dos atletas. Essa perspectiva abre, pois, espaço para o seguinte questionamento: quais são as consequências para vida dos atletas que não estudaram?

Podemos dizer que a discussão iniciada por Damo (2005) é mais densa e engloba reflexões que perpassam pela complexidade e transcendem as quatro<sup>17</sup> linhas do campo. Posto isso, nossa proposta tem claras intenções de proximidade com este trabalho, não apenas por conter um capítulo que discute os dois polos por ele investigados, mas também por considerar contextos diferentes.

Com efeito, a comparação de realidades distintas nos permite identificar quais ideologias ou caminhos esses países têm pensado para os adolescentes que apostam no futebol como um meio de vida. Vale frisar que, para se tornar um atleta de futebol profissional, o adolescente tem que se submeter a um processo que perpassa por várias situações, tais como as relatadas por Damo (2005, p. 06):

Centros de formação, recrutamento e seleção de talentos, organização para o trabalho, tecnologias de treinamento, redes de agenciamentos, normas legais, especialistas em vários saberes e outros procedimentos que demarcam a rotina do referido processo.

Toda essa complexidade envolvida na formação do futuro atleta profissional do futebol contribui para ele adquirir aquilo que Bourdieu (1996 *apud* DAMO, 2005) chama de “capital cultural” necessário, ou seja, as habilidades e competências bases para progredir nos trilhos e aumentar as chances de realizar o sonho. De fato, hoje, não se pode imaginar um atleta de futebol Profissional que não tenha passado por esse processo, salvo raras exceções. Nesse sentido, é mister refletir sobre todo o processo de formação do atleta, tendo em vista que o adolescente está passando por outro momento extremamente importante para sua formação humana, que é a escolarização.

No capítulo 5 de sua tese, denominado *As lógicas da formação/produção futebolística*, Damo (2005) traz uma discussão riquíssima que provoca a reflexão, dentro de uma perspectiva crítica, sobre como se dá o processo de formação futebolística no Brasil em comparação com a

---

<sup>17</sup> Alusão ao campo de futebol. Queremos dizer que vão além do jogador ou prática do futebol.

formação Francesa. Nos itens 5.3 e 5.3.2: Produção à brasileira e à francesa em torno do desempenho escolar das formações brasileira e francesa, ele apresenta seu olhar sobre os países citados, dando ênfase à preocupação despendida por eles e seus respectivos clubes de futebol através de ações/omissões que cada um tem com a escola.

Ao direcionar o olhar para a escola, o autor relata a diferença entre o que pensa a França, com relação aos estudos de seus atletas de futebol, e o que pensa o Brasil, fazendo uma crítica ao modelo brasileiro. “É nesse ponto que a comparação entre o modelo francês e o brasileiro expõe as fragilidades deste” (DAMO 2005, p. 215).

Sem dúvida, cabe ao aluno a decisão entre o querer e o não querer estudar, todavia, as ações do clube em muito contribuem para uma possível permanência/progressão no sistema de ensino e/ou estímulo do gosto pelos estudos. Por conseguinte, DAMO (2005) estabelece uma relação complexa entre os principais atores do processo de formação (Clube, Família, Escola, Atleta), tomando como base as prioridades determinantes ou determinadas por um ou por outro, e que acabam interferindo na escolha. Por exemplo: os horários dos treinos é que determinam a frequência na escola. Nesse sentido, se jovens buscam, através do futebol, uma profissionalização, terão consciência que para um aproveitamento maior das práticas esportivas, deverão frequentar a escola no período noturno. Sobre a frequência escolar do aluno, a responsabilidade do(s) clube(s) na sua efetivação, a administração do tempo e aquilo que pode “atrapalhar” os treinos nos rendimentos escolares, Damo (2005, p. 217) descreve:

A frequência à escola é que faz a diferença em relação aos centros franceses. Não obstante, a esse respeito não se pode atribuir todas as responsabilidades ao clube, pois é notória a má vontade dos meninos em relação aos bancos escolares, quer pelo fato de serem egressos das camadas populares, para os quais a escola está longe de ser uma instituição privilegiada, quer pelo fato de que o trabalho que realizam, centrado nas atividades práticas, dificulta e por vezes oblitera a disciplina corporal que os bancos escolares demandam.

É claro que a formação no futebol exige um longo tempo. Na verdade, todo esse processo é, de certa forma, natural. Contudo, sempre que aparecerem as oportunidades, devem ser pautadas em uma relação dialética, para que nenhum dos envolvidos (atletas e clubes) seja prejudicado.

É necessário reconhecer que as atividades no futebol acabam contribuindo para o enfraquecimento, digamos assim, do processo de escolarização, haja vista a quantidade de treinos e preparação do jovem atleta. Sobre essa questão Damo (2005) relata que as atividades esportivas, devido às exigências, demandam muito tempo dos atletas e dificultam sua

frequência na escola, sobretudo por determinarem que estudem no período noturno, sendo os outros períodos destinados aos treinos. Mas, e se fosse ao contrário? E se os clubes flexibilizassem seus horários para que fosse priorizada a escola?

Ainda com relação ao trabalho de Damo (2005), é importante frisarmos sua especificidade contextual. A pesquisa é direcionada ao Sul do País, local de origem do clube Internacional de Porto Alegre e palco de uma realidade seletiva, composta por mais ou menos 20% da elite do futebol brasileiro. A essa elite são destinados os maiores investimentos e, por essa razão, subentende-se que já se tenha uma maturidade do clube sobre tal importância. Por essas características, este deveria ser o local onde obteríamos resultados significativos sobre a escolarização dos atletas em formação, o que, para nossa surpresa, não aconteceu. Corroborando essa constatação Damo (2005, p. 218), ao relatar que:

Na gestão Miranda-Media [ver próximo capítulo], o Inter fez uma parceria com um colégio de rede privada, situado em frente ao Estádio e a 100 metros do albergue. Segundo as supervisoras, o resultado foi quase desastroso. À exceção de Tainan dispensado do Inter no início de 2002, no segundo ano de juvenil, e de um outro menino de idade, que estava a pouco tempo no colégio, os demais tinham fracassado.

As palavras acima descrevem uma situação ocorrida no ano de 2002, mas que continua extremamente comum aos atletas em formação escolar. Com efeito, a realidade não mudou muito, principalmente pelo fato de os clubes manterem suas rotinas, “jogando” para os atletas e suas famílias a decisão de permanecerem nos estudos ou não. Com base nessa realidade, verifica-se a necessidade da criação ou mesmo verificação do cumprimento da Lei, 12.935/2011<sup>18</sup> que garante o ensino, como também estimula os adolescentes em formação no futebol a permanecerem na escola. Tais políticas devem ser inseridas ou efetivadas por meio de uma relação dialética e envolvendo os maiores interessados.

Em um outro momento de sua tese, o autor relata a situação descrita por uma atleta do Internacional, da categoria de base, a qual pode ser a mesma de muitos que sonham com o futebol. Vale salientar que grande parte dos atletas levando em consideração a falta de estrutura da maioria dos clubes pelo Brasil, estão em condições bem piores e que, de fato, nem esta opção de estudar possuem. Segundo Damo (2005, p. 218), essas foram as palavras do atleta Diego, um ex-atleta dispensado:

---

<sup>18</sup> Discutida anteriormente na introdução desse trabalho. A lei refere-se a responsabilização do clube no que se diz respeito a questão escolar dos atletas.

Não tinha como estudar! Eu saía de casa às 8h para pegar o treino às 9h. Treinava até meio dia, e as vezes à tarde – 3 turnos por semana, ao menos. Chegava no fim do dia táva acabado, e ainda tinha que pegar o trem depois do colégio. Chegava em casa às 11h. Não tinha como, então eu só fiz até o supletivo da 8ª (ensino fundamental) e parei.

A importância da escola é tanta na vida dos atletas que mesmo em caso de desistência, abandono, frustração durante o processo de formação futebolística, o fato de terem estudado lhes permitirão seguir, por exemplo, uma carreira acadêmica de excelência, como também tentar sucesso em outras profissões, ou mesmo retornar ao futebol. No caso de Diego, o adolescente entrevistado por Damo (2005), as dificuldades serão imensuráveis se não obtiver sucesso na Profissão, tudo graças a uma decisão tomada por ele. De repente essa decisão pode ter sido por influência da família e acarretará em consequências inesperadas como, por exemplo, um posto de trabalho não desejado.

A situação citada é extremamente relevante e permite uma abertura para a discussão de políticas que assegurem e estimulem atletas de futebol ou qualquer outro esporte a permanecerem na escola. Para além disso, mostra que os caminhos no futebol são “direcionados” ou “naturalizados”. É como se o jogador seguisse um ritual no qual o estudo não é necessário, ou como se não houvesse estratégias que o estimule ao estudo. Este caminho se dá atrelado à possibilidade de um dia se tornar rico através do futebol. Isso é até compreensível, todavia, a título de reflexão: e se a carreira de atleta não der certo?

Muitos “boleiros<sup>19</sup>” dizem que o “se” no futebol não existe, graças às famosas “resenhas<sup>20</sup>” durante o convívio entre eles, as quais, muitas vezes, utilizam o “se” para relatar uma frustração, por exemplo: “se tivesse cabeceado para o chão, seria gol”; “se tivesse batido no canto esquerdo, tinha feito e seríamos campeões”; “se não tivesse colocado a mão na bola, não seria pênalti”; “se”, “se” e mais “se”. No Brasil, o “se” é uma possibilidade concreta que interfere na vida de milhões de atletas, tendo como parâmetro as estatísticas que apontam que a maioria não ficará rica através do futebol. Dito isso, é pertinente questionar: e “se” não estudaram, o que esses jovens farão de suas vidas?

Como se pode observar, os dados apurados por Damo (2005), sobre a cultura ou a escolaridade dos atletas em formação de alta performance na França, em muito contribuem com novas reflexões e olhares para o contexto brasileiro. Segundo Gasnier Gilles (2003 *apud* DAMO, 2005, p. 217):

---

<sup>19</sup> Gíria utilizada no mundo do futebol, o mesmo que Jogador;

<sup>20</sup> Conversas paralelas, brincadeiras.

A formação escolar ‘à nantaise’, e com o Centre éducatif nantais pour sportifs (CENS) o clube mantinha essa tradição. Os meninos do futebol tinham, desde então, a possibilidade de interagir com outros esportistas, com meninas, inclusive, e assim ampliar suas redes de relações com adolescentes com quem possuíam afinidades em termos de experiências no mundo da performance esportiva.

Na França, o envolvimento de instituições públicas (prefeituras), privadas (clubes) e famílias diz muito sobre qual o nível de comprometimento que o país tem com a formação escolar de atletas de alto rendimento. Essa iniciativa contribui diretamente na vida dos atletas, de forma positiva, pois, está presente a certeza de que podem tentar os dois caminhos (escola e futebol) e, em caso de insucesso em um, tornam-se maiores as possibilidades de sucesso no outro. Esse exemplo nos convida a lançar novo olhar relacionado à escolarização de atletas de futebol em formação, ou mesmo esportistas em alta performance no Brasil.

O *Centre Éducatif Nantais pour Sportifs* (CENS), local da investigação feita por Damo (2005), mantém uma estrutura de excelência composta por biblioteca, salas de aula, laboratórios (de biologia, química e línguas), professores especializados e, o mais importante, em horários compatíveis com os treinamentos. A relação entre alunos e professores é baseada no diálogo, como uma engrenagem, em grupo, solidária com o outro. Assim, é estabelecida uma relação de provável sucesso no futebol e nos estudos. Um funciona em conjunto com o outro e não contra o outro.

Observamos que o CENS demonstra uma preocupação com o cidadão, quando firma, através de ações, o compromisso com a formação escolar de seus atletas. Essas atitudes enfatizam a importância da Instituição com a sociedade, permitindo ao atleta em formação andar pelos dois caminhos, com a clareza de que nem todos conseguirão êxito no Futebol. É importante salientar que a reflexão aqui proposta não é de “destruir sonhos” ou esquecer o retorno financeiro na venda de um atleta por parte do clube. A nossa intenção é propor uma base de formação escolar que possibilite aos sujeitos ocuparem e terem êxito em outros postos de trabalhos, caso não obtenham sucesso no futebol.

A comparação estabelecida no estudo de DAMO (2005), como já explanado em momentos anteriores, é salutar quando nos propomos a pensar duas realidades para um mesmo objeto. No que se refere à preocupação escolar dos atletas em formação, ao compararmos o *Olimpique* de Marselha e o Internacional, observamos uma diferença considerável. Enquanto o clube francês demonstra preocupação com a escola, o brasileiro demonstra o fracasso dos atletas de base no rendimento escolar. Lembramos e reforçamos que os contextos são diferentes e,

portanto, não atribuímos total responsabilidade ao(s) clube(s), pois é uma relação complexa que precisa de vários olhares em prol de soluções.

No Brasil, no ano de 2002, o Internacional realizou uma parceria com uma escola privada que recebia os atletas das categorias de base. O fracasso ou a própria evasão dos atletas se deu, a priori, pela falta de diálogo dos clubes com as instituições de ensino, ou seja, pelos horários de treinos, falta de acompanhamento, estranhamento do ambiente (são alunos em outros ritmos de estudo), entre outros. A proposta do Nantes, por exemplo, em parceria com outros clubes e com a prefeitura, resultou, principalmente, em uma excelente saída para congregar valores de uma formação escolar junto com o esporte de alto rendimento, em específico o futebol.

De fato, os resultados da tese de DAMO (2005) corroboram para compreendermos realidades distintas (do ponto de vista de países diferentes) sobre a formação ou produção de futebolistas para o espetáculo. Na França, dentro desse processo de fazer atletas, a escola é pensada a partir de duas propostas diferentes: por um lado, o país inclui a importância desta formação em paralelo com a formação futebolística; por outro, resolve, em parceria com as prefeitura e clubes, criar ações que, na prática, efetivam o ingresso, o acompanhamento e a avaliação dos atletas de futebol nas escolas. Exemplos de clubes que seguem essa dinâmica são o Nantes (modelo desta corroboração) e o Olympique de Marselha, que também direciona ações que efetivam/incentivam atletas em formação no esporte a estudarem.

A partir desses modelos, podemos iniciar novas reflexões sobre a formação futebolística e escolar no Brasil, tendo em vista uma proposta de conciliação entre ambos, onde a escola passe a ser base e os outros campos, como a formação no futebol, sejam pensados de acordo com as necessidades das instituições de ensino. A expectativa é de que, essa dinâmica permita a formação de sujeitos que, mesmo não alcançando sucesso no esporte, tenham a opção de escolher e ter sucesso em outras profissões.

No anseio de contribuir para que essa possibilidade se torne real, Marques e Samulski (2009) decidiram analisar a carreira de jovens atletas de equipes de alto nível do futebol brasileiro, sobretudo, ao se depararem com a transição do esporte amador para o esporte profissional. Os autores: a) levantaram dados referentes à escolaridade; b) identificaram fatores relevantes na sua formação esportiva inicial; c) caracterizaram seu contexto familiar e social; d) identificaram fatores que influenciam no planejamento de sua carreira esportiva.

A pesquisa por eles realizada caracteriza-se como quantitativa e qualitativa e teve uma amostra considerável, composta por 186 jogadores, com média de idade entre 18 e 46 anos ( $\pm 0,82$ ), que pertencem a clubes cujas equipes profissionais disputaram a série A do Campeonato

Brasileiro no ano de 2007. Na época, 11 atletas faziam parte da Seleção Brasileira sub 20, que participou do Mundial na categoria Júnior em 2007, no Canadá.

Um dado relevante descrito pelos autores é de que 26,4% desses jogadores nasceram na mesma cidade do clube onde jogavam, enquanto 73,6% nasceram em outras localidades. Este dado nos permite dizer que uma grande porção dos atletas que sonham em ser profissionais precisam estar habituados com a possibilidade de saírem de suas cidades para buscarem o sonho.

Marques e Samulski (2009) utilizaram dois instrumentos para obter os dados da pesquisa: uma entrevista estruturada com 46 questões e uma entrevista semiestruturada. A seleção dos participantes da entrevista foi através de indicações dos diretores/supervisores, permitindo, desta forma, uma maior filtração.

Aos termos acesso aos dados da pesquisa em questão, conjecturamos que os jogadores investigados pelos autores teriam uma média de idade entre 18 anos e que, portanto, deveriam ter concluído o ensino médio ou pelo menos estar cursando o 3º ano do ensino médio. Em resposta a nossa suposição, Marques e Samulski (2009, p.107) revelam que “53,2% dos atletas estão defasados com relação à série correspondente à sua idade”.

A informação dos autores evidencia uma defasagem escolar dos atletas e falhas durante o processo de escolarização. Para eles, a desistência da escola tem forte relação com a persistência no futebol. E complementam: “Outro aspecto relevante diz respeito ao fato de que 51% dos atletas, em algum momento da sua carreira esportiva, interromperam os estudos para jogar futebol” (MARQUES; SAMULSKI, 2009, p.107). Tais argumentos salientam ainda mais as fragilidades na administração destes dois segmentos, representadas no trecho a seguir, referente à análise feita pelos pesquisadores:

Ainda com relação à escolaridade, foram dadas cinco opções para que os atletas pudessem mensurar o grau de dificuldade que eles tiveram para conciliar os treinamentos e competições do futebol com os estudos: 57% acreditam ser ‘Relativamente Difícil’ estudar e jogar futebol ao mesmo tempo; 23% acharam (vê no original) ‘Normal’; 17,2% ‘Muito difícil’; 0,5% ‘Relativamente Fácil’. Nenhum atleta classificou como ‘Muito Fácil’ conciliar os estudos e os treinamentos. (MARQUES; SAMULSKI, 2009, p.107).

Ao aprofundarem sua análise, os autores identificaram que uma pequena parte dos atletas não conseguiu ingressar no ensino médio, assim como, também, identificaram que 12,9% conseguiram ingressar no ensino superior, todavia, interromperam os estudos. Em

síntese, a maior parte dos atletas entrevistados encontravam-se no ensino médio (1º ano – 19,9%, 2º ano – 22,6% e 3º ano no ensino médio 33,9%).

Os resultados da pesquisa evidenciam uma realidade que, no Brasil, de certa forma, já se tornou comum, nos referimos ao fato de a grande maioria dos atletas de futebol terem dificuldade em conciliar estudos e treinamento. Essa dificuldade culmina, num determinado momento, na escolha de um dos caminhos, mesmo sem medir as consequências futuras dessa decisão, que pode acarretar em algum tipo de arrependimento. Nesse sentido, é preciso refletir sobre o processo de formação futebolística no Brasil em concomitância com a escola e, de fato, pensar em caminhos que possibilitem essa complexa relação. Preocupados com essa questão, Marques e Samulski (2009) destacam a importância de os clubes possuírem escolas dentro de suas instalações, bem como currículos flexíveis e adaptados aos atletas. Essa, porém, é realidade de uma minoria e não garante a qualidade da formação escolar dos atletas, em virtude das faltas ocasionadas pelos treinos. Então, por que não pensar em treinos adaptados aos horários escolares?

Um outro trabalho relevante para essa discussão é o de Soares, Bartholo e Melo (2009), publicado no *XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología*, em Buenos Aires, e na *VIII Jornada de Sociología de la Universidad de Buenos Aires*. Os autores discutem aspectos relacionados à escola e à formação de jogadores para o mercado do futebol. Igualmente tem relevância o estudo de Soares *et al* (2009, p. 5), que destacam:

Os jovens que se alistam para disputar uma vaga nesse mercado possuem, em geral, baixo capital cultural e são a “matéria-prima” necessária para montagem de uma “linha de produção de jogadores” no Brasil. De fato, as poucas oportunidades de ascensão social, somadas à precariedade da escola pública brasileira e do mercado de trabalho para as novas gerações, transformam o futebol profissional em projeto familiar para aqueles que possuem um menino hábil com a bola nos pés.

No Brasil, existe um conceito, inclusive confirmado por diversas pesquisas, de que o atleta de futebol possui um baixo capital cultural, além de apresentar dificuldades na aprendizagem escolar. Contudo, temos o discernimento de que este fato não é uma atribuição ou responsabilidade exclusiva do clube. Acreditamos que, devido ao contexto sociocultural a que pertencem, os sujeitos, por pressão ou simplesmente por não gostarem, optam, em determinados momentos, pelo abandono dos estudos. Infelizmente, a naturalização desse fenômeno se torna preocupante.

Não há dúvida que o clube é instância máxima e direta na administração do sonho. Ele é quem dá o sim ou não; é quem determina o futuro do atleta. Por essa razão, resolvemos direcionar o(s) olhar(es) para o(s) clube(s), a fim de averiguar qual a sua real postura no que diz respeito à formação futebolística e à formação escolar dos atletas. Para que possamos prosseguir com essa reflexão, destacamos a fala de Soares *et al* (2009, p. 6) sobre esse aspecto:

Embora os clubes mantenham os jovens jogadores matriculados em escolas públicas ou privadas, o acompanhamento do processo de escolarização difere de clube para clube. Muitos desses jovens chegam aos CTs com um histórico de abandono escolar ou com defasagem de aprendizagem, se for considerada a idade ideal de passagem pelos anos de escolarização básica. Para além dos problemas de investimento e de qualidade que enfrentamos na escola brasileira e do desinteresse pelos conteúdos com ausência de significado para o seu cotidiano, esses jovens atletas, em geral, enfrentam variados percalços no processo de escolarização que são específicos dos jovens trabalhadores: cansaço físico pelo excesso de treinamento; falta de tempo para o estudo e para assistir às aulas, em função das constantes viagens que realizam; falta de motivação pelo sucesso escolar; e interesse central no futebol, tornando a escola um objetivo secundário em suas vidas.

É imprescindível voltarmos a atenção para a importância da escola na formação dos atletas, sobretudo por considerar este um momento importantíssimo para eles. Embora demande bastante energia e mexa com a estrutura base (do processo de formação), é necessário discutir políticas (estratégias) que permitam rever este processo e que garantam o direito do indivíduo de se tornar um profissional no futebol, e de, ao mesmo tempo, estudar com qualidade.

Uma das grandes referências para a discussão da formação escolar de atletas do futebol é a dissertação de Mestrado do Professor Leonardo Bernardes Silva de Melo, intitulada *Formação e escolarização de jogadores de futebol no Estado do Rio de Janeiro* e publicada no ano de 2010. Melo (2010) analisou como é feita a compatibilização entre a formação escolar e futebolística de atletas das categorias de base (sub-13; sub-15; sub-17; sub-20) no Estado do Rio de Janeiro. Ele dividiu a dissertação em dois artigos. No primeiro, analisou o impacto temporal causado pela formação do futebol na escola. No segundo, descreveu o perfil escolar dos atletas. Desse modo, possibilitou ao campo acadêmico de pesquisa uma base sólida de fundamentação teórica sobre o tema, assim como um novo olhar para hodiernas pesquisas.

O autor utilizou uma abordagem quantitativa. Por conseguinte, para coletar os dados, se fez valer da entrevista estruturada, dirigida a uma amostra considerável de 417 atletas de 19 clubes do Estado do Rio de Janeiro. Em virtude de possíveis lacunas deixadas pelo modelo estruturado, optou, em seguida, pela entrevista semiestruturada, e, desta forma, ampliou as possibilidades de interpretação dos dados.

No primeiro artigo, na seção dos resultados e discussão, Melo (2010) destaca o tempo gasto na escola e no futebol enquanto elemento fundamental, e abre precedentes para pensar essa condição no Brasil. Segundo o autor, o tempo gasto durante a formação escolar em muito se assemelha ao dispensado na formação futebolística. Por essa razão, compreendemos que existe uma competição que pode atrapalhar o processo de formação do sujeito. É importante destacarmos que os horários de estudos são direcionados pelos clubes, ou seja, o adolescente sabe em qual horário vai estudar com base nos treinamentos do clube. Sobre a semelhança dos tempos e suas consequências, Melo (2010, p. 28) complementa:

Apesar das semelhanças do tempo de permanência na escola entre atletas e não atletas, as observações e conversas registradas no trabalho de campo, sugerem que os atletas colocam a escola em segundo plano, mesmo reconhecendo a importância da escolarização diante do futuro incerto da carreira do futebol.

Como se pode ver, à medida que os adolescentes vão progredindo nas categorias de base (sub-13, sub-15, sub-17, sub-20 e profissional), as horas de treinos vão aumentando, assim como as matrículas no ensino noturno. Tudo é feito em busca de uma conciliação dos dois caminhos, todavia, é preciso ter o discernimento de que, este movimento/ação poderá ocasionar prejuízos em relação à formação escolar, tendo em vista o número de aulas ser menor, acompanhado do cansaço dos treinamentos e da saudade da família<sup>21</sup>.

É importante atentar para o fato de que o tempo gasto no futebol pode criar dificuldades na vida escolar e formação cultural de qualidade (MELO, 2010). Assim, retomamos a primeira indagação e, ao refletir sobre sua égide, questionamos, através de um movimento contrário: e se o clube fosse o responsável pelo primeiro passo? Qual o olhar do clube em relação a formação escolar de seus atletas? Que ações são tomadas para a conciliação de ambos?

No segundo artigo escrito por Melo (2010), ele traça o perfil educacional de atletas do Estado do Rio de Janeiro que vão do sub-13 ao sub-20. Amplia as discussões sobre a temática trazendo à tona importantes informações, a saber: turnos em que os atletas frequentam as aulas, sua escolarização, a que tipo de escola estão vinculados, repetência, atrasos e evasões escolares. A partir de toda descrição apontada pelo autor, podemos dizer que sua pesquisa abre precedentes para refletirmos a atual condição da formação escolar e futebolística no Brasil.

---

<sup>21</sup> Em conclusão, o autor sintetiza “que os atletas, para conciliarem futebol com escola negociam estratégias de flexibilização de horários e frequência junto aos estabelecimentos de ensino” (MELO 2010, p.36).

Decerto, a lei 12.935/2011 se torna a ação ou uma das ações mais consistentes nesse caminho de conciliação da formação futebolística e escolar no Brasil, no entanto, fica a critério do clube garantir e supervisionar sua execução, ou seja, acompanhar os atletas e por esse motivo, acabamos por qualificar como frouxa/solta, ficando para a família tal responsabilidade. Ademais, é importante frisar que, no Estado de São Paulo, por exemplo, os clubes são obrigados a manterem os atletas matriculados em instituição de ensino até aos 18 anos, conforme a Lei nº 13.748, de 8 de outubro de 2009 (*apud* MELO, 2010, p. 46). Todavia, ressaltamos que nada garante a qualidade da formação escolar e, por essa razão, não há como afirmar que eles estão progredindo na escola.

Ao contrário do que se pensa, o futebol não é o maior carrasco da escola, haja vista que “[...] jogadores das categorias de base do futebol no Rio de Janeiro possuem índices de escolarização semelhantes ou maior que a população em geral na faixa etária dos 12 aos 20 anos”, todavia, “os dados não explicam a qualidade da formação escolar” (MELO, 2010, p. 46, 47). Assim posto, dentro do contexto atual de formação futebolística, se torna uma missão extremamente singular e relevante o desenvolvimento de trabalhos que contemplem essa perspectiva. Na verdade, o que se tem hoje de produção nessa área traz como problemática o tempo exigido pelo futebol e o tempo exigido pela escola, bem como o resultado da relação entre os dois segmentos, com destaque para os prejuízos na formação escolar.

Sobre a escolarização, o estudo de Melo (2010) aponta para uma maioria matriculada no ensino médio (170 atletas/49,3%). A partir dessa informação, destacamos, além do futebol, o momento de extrema importância que vivenciam esses adolescentes na formação escolar, nos referimos ao período das escolhas profissionais. É nessa fase que, comumente, os sujeitos são direcionados a qual carreira seguir.

Mesmo considerando que alguns conseguiram/conseguirão o sucesso, a base escolar é fundamental para a formação adequada a outros tipos de trabalhos. Dito isto, atentamos para o fato de 60% dos atletas investigados por Melo (2010) estudarem em escola pública, o que, certamente explica a escolha pelo futebol. No Brasil, a frequência dos atletas à escola ocorre “após uma carga intensa de esforço corporal” (MELO, 2010, p.53). Ora, não é necessário ser um “expert” no assunto para deduzir que o aproveitamento escolar, nesses casos, cairá.

Essa não é a realidade de outros países. “Em Portugal e na Espanha a maioria dos clubes adotam o treinamento das categorias de base no turno da noite” (MELO, 2010, p.53). Os clubes se adaptam à realidade escolar e transferem o período de treinos para a noite. Isso não comprova, entretanto, melhor qualidade na aprendizagem, mas podemos deduzir que o

rendimento escolar será maior, principalmente porque os atletas estarão em melhores condições físicas, visto que não estarão esgotados por uma carga excessiva de treinos.

Por suposto, faz sentido dizer que a rotina pesada dos treinos atrelada a um momento de difíceis decisões acaba prejudicando os atletas na escola, com alguma repetência, por exemplo. Melo (2010, p. 56) comprova esse fenômeno, quando afirma que “153 atletas já repetiram pelo menos um ano na escola”. O autor reforça, pois, que a agenda do futebol entra em conflito com a rotina escolar, e essa situação é jogada para os adolescentes, assim como os familiares, que ficam encurralados, sendo obrigados a decidir se o atleta falta à escola ou vai para o jogo, treino, ou atividade do clube. Para a solução desse impasse, acreditamos que a relação dialética entre as instituições é o melhor caminho para evitar possíveis “choques” de horários. Afinal, por que não uma flexibilização do clube?

Um último dado na pesquisa de Melo (2010, p.62) nos chama a atenção, o fato de “26 atletas” terem abandonado a escola. Mesmo sendo um número pequeno, se considerados os 417 entrevistados, desperta a nossa atenção, especialmente pelas características do meio esportivo, que podem ter contribuído para essa decisão.

Na conclusão, o autor apresenta aspectos relevantes relacionados aos dados por ele obtidos, os quais sugerem a incompatibilidade entre a formação futebolística e escolar. Sua análise aponta que o movimento de flexibilização no Brasil ocorre somente por parte da escola. Além disso, revela a existência de uma pequena defasagem em relação à idade e série dos atletas também. Por fim, admite que quanto maior o investimento na carreira esportiva, maiores as chances de se colocar a escola num plano B, isto é, em segundo lugar.

No intuito de aprofundar essa relação entre a formação escolar e futebolística, Soares *et al* (2011) publicaram trabalho intitulado *Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola*. O estudo é singular e contribui de forma grandiosa com as nossas reflexões, sobretudo porque transcreve sobre a complexidade estabelecida nessa relação. Por essa razão, reforçamos o paradoxo que torna a busca pelo sonho de ser um jogador profissional incansável.

Se o mercado do futebol profissional é altamente competitivo, com uma carreira que possui longevidade curta quando a comparamos com outras profissões e com uma pirâmide salarial tão desigual, por que há então uma grande demanda de jovens que buscam um lugar nesse limitado mercado? (SOARES *et al*, 2011, p. 916- 917).

Ao refletir sobre o questionamento levantado pelos autores, subscrevemos outra problemática: “o que os filhos das camadas populares perdem com o investimento no futebol?” (SOARES *et al*, 2011, p. 917). A razão pela qual jovens adolescentes das camadas populares

insistem nesse caminho tem total relação com a questão financeira, contudo, existe a possibilidade de não terem sucesso na carreira futebolística. Sendo assim, é imprescindível estabelecer a escola ou formação escolar como base do contexto esportivo, pois, desse modo, o insucesso no futebol não comprometerá a busca ou sucesso em outras ocupações.

Os resultados do trabalho citado apontam, de início, para a existência de uma competição entre os dois segmentos no que se refere ao fator tempo. Essa constatação, de certa forma, vai ao encontro do que afirma Melo (2010 *apud* SOARES *et al*, 2011, p. 913), ou seja, que “a carga horária que esses atletas em formação dedicam ao futebol em pouco difere do tempo dedicado para frequentar a escola”. Essa competição, na verdade, é desnecessária e compromete um dos caminhos. Sobre o tempo aqui em discussão, (SOARES *et al*, 2011, p. 914-915) afirmam:

O fato do tempo de dedicação à formação no futebol ser igual ou superior ao de dedicação à escola pode criar percalços no processo de escolarização. Por exemplo, os jogadores da categoria sub-15, treinam uma vez por dia, num dos turnos, e estudam no outro; a partir da categoria sub-17 o clube pode programar treinos de manhã e à tarde. Isso conduz naturalmente que os atletas optem por frequentar a escola no período noturno. Melo (2010) indica que boa parte dos atletas que atua na categoria sub-17 permanece na escola frequentando o ensino noturno (em torno dos 50%), enquanto na categoria sub-20 esse número salta para 85% dos atletas. Nessa categoria a maioria faz ensino médio, uma pequena parte estuda no nível fundamental, alguns abandonaram a escola e poucos estão no ensino superior (MELO, 2010). O dado sobre o ensino noturno nas categorias sub-17 e sub-20 sugere que essa concentração pode estar associada a maior dedicação do dia para as atividades relacionadas ao treinamento esportivo e a carreira.

Fica evidente que existe uma grande probabilidade em direcionar os esforços para uma permanência no futebol, sobretudo em razão de uma sedução das propostas financeiras. Por consequência, a escola acaba em segundo plano. Devemos frisar que consideramos essa decisão arriscada, principalmente diante dos dados que comprovam ser uma minoria os jovens que abandonam a escola por acharem não ser o melhor caminho.

Levando em conta a literatura sobre o Nordeste, é notório destacarmos o trabalho de Santos (2010), que contribuiu de forma relevante sobre a questão da educação para os atletas. O autor discutiu o valor da educação na vida de atletas de futebol em formação na cidade de Recife. Para tanto, utilizou dois clubes considerados grandes a nível nacional e internacional<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> Participaram em competições a nível internacional o Sport, na Copa Sul-Americana 2017, e o Náutico, em campeonatos brasileiros, como o de 2011. Disponível em: <<https://www.gazetaesportiva.com/todas-as-noticias/conmebol-divulga-as-44-equipes-da-copa-sul-americana-de->>;

e descobriu que a educação não recebia o devido valor por parte dos clubes, ficando, aliás, a critério dos atletas e família. Em caráter conclusivo, o autor descreve que “a educação, na formação dos jovens atletas, é um aspecto pouco valorizado por parte da direção dos clubes investigados (SANTOS, 2010).

Para nós, isso não se torna uma novidade, haja vista, a existência de toda uma lógica capitalista e ideológica que circunda a formação no futebol. É pensando no rendimento ou retorno financeiro que os clubes investem na formação e, nesse ínterim, a escola não é o centro ou base, e sim um complemento que pode perfeitamente ser descartável. Retornamos, então, ao “x” da questão: e os que não conseguem se tornar um profissional bem-sucedido, o que farão? Como disse Rosa (2009), a maioria sucumbe. A autora assim completa sua observação: “Muitos acabam em subempregos, às margens da sociedade, ou até mesmo na criminalidade, nas drogas e em outros vícios decorrentes do fracasso, da frustração e da desilusão (ROSA, 2009, p.01 e 02).

Rocha, Bartholo, Melo e Soares (2011) apresentam um trabalho que engrandece as discussões deste capítulo. A proposta dos autores foi verificar como os atletas das categorias de base do futebol, mesmo com uma rotina “puxada” de treinos, conciliam ou administram a escolarização básica. Além disso, buscaram entender como os estudantes-atletas percebem o significado da escola na busca por uma ocupação futura. A abordagem adotada pelos autores foi a qualitativa. Eles realizaram entrevistas com 12 atletas das categorias de base de quatro clubes do Rio de Janeiro, com faixa etária entre 15 e 20 anos, distribuídos nas categorias sub-15, sub-17 e sub-20. Também utilizaram uma técnica de observação e registro, com o propósito de entender quais as estratégias adotadas pelos atletas para conciliar a escola com os treinamentos ou os treinamentos com a escola.

É importante ressaltar que a investigação realizada pelos autores paira sobre os dois campos de formação e uma possível conciliação entre eles. Todavia, apontam que as estratégias de como administrar as rotinas ficam por conta da família e dos atletas. Nesse caso, abrimos um parêntese e acrescentamos a importância da participação do clube, que deve assumir parte da responsabilidade.

Decerto, os resultados da referida pesquisa dão conta da complexidade estabelecida sobre os dois campos, sobretudo, no quesito tempo. No futebol, verificou-se que são utilizadas, em média, 15 horas semanais para desenvolver as habilidades que se julgam necessárias. Na

escola, por sua vez, o tempo gira em torno de 20 horas semanais (ROCHA *et al*, 2011, p. 257). Somando os dois, tem-se uma média de 35 horas semanais, isso tudo sem considerar, por exemplo, as atividades para casa, trabalhos em grupos, assim como jogos, palestras entre outros. Isso significa que esse número pode ser aumentado.

Para refletirmos sobre a real condição dos atletas, segue a descrição da rotina de um dos garotos investigados no referido trabalho:

O atleta 1, da categoria sub-20, que mora em São Gonçalo e atua em um clube com sede em Austin, no município de Nova Iguaçu contou que acorda às 10h30 da manhã, almoça às 11h30 e sai de casa às 11h50. O trajeto que percorre até o clube costuma durar 1 hora e 40 minutos na ida e pode superar esse tempo na volta em virtude do trânsito intenso. Ele treina das 14h às 17h, e em seguida vai direto para a escola em que estuda. Seu horário de entrada na escola é às 19h30, horário diferente dos demais e estipulado exclusivamente para este atleta pela diretora da escola, mediante apresentação de uma declaração do clube. O próprio jogador declara que tenta cumprir este horário à risca, já que recebeu o benefício do atraso sistemático (ROCHA *et al*, 2011, p. 257).

No trecho destacado, é notória a preferência do adolescente. Mesmo com todo o esforço de frequentar as aulas, o futebol, por razões particulares, recebe maior atenção. Ainda assim, considerar outros caminhos se torna imprescindível nesse exercício de reflexão sobre esses dois campos de formação. Para tanto, lançamos a seguinte pergunta: quais as consequências de um caminho inverso, onde o clube promoveria a flexibilização dos horários?

Problematizamos esse aspecto tendo em vista que o caminho de flexibilização da escola já está naturalizado, o que é alvo de nossa preocupação. Em outras palavras, quem quiser percorrer essa trajetória terá que passar por tais condições. Rocha *et al* (2011, p. 257) reforçam essa constatação ao mencionarem que “os atletas convivem naturalmente com esse mecanismo de flexibilidade por parte de professores e diretores de escolas, que lhes concedem certos benefícios” (ROCHA *et al*, 2011, p. 257). Nessa linha de raciocínio, destacamos a realidade vivenciada por mais um atleta:

Ao ser perguntado sobre sua rotina escolar, o menino mencionou que chegava à escola a partir do segundo tempo de aula. Como solução para este problema, o jovem revelou que os professores – previamente avisados sobre a situação deste estudante em particular – elaboram atividades que substituem a primeira aula perdida. (ROCHA *et al*, 2011, p. 257).

Tanto o primeiro quanto o segundo trecho demonstram a aceitação/naturalização da escola como facilitadora do processo de conciliação dos horários exigidos para os estudos e

treinos. Deste modo, é graças a ela que se torna possível a permanência dos adolescentes na escola. Contudo, é importante destacar que no último exemplo o clube conta com escola própria em suas dependências e essa estrutura é parte de uma pequena parcela dos clubes no Brasil, onde grande parte dos adolescentes frequentam a escola pública.

Segundo Rocha *et al* (2011, p. 257), este modelo, onde o clube tem uma escola em suas dependências,

[...] quebra a lógica organizacional básica de escolas regulares, porque: 1) não há uma turma fixa para o aluno; 2) não há um horário único para as aulas regulares (horário da manhã, da tarde ou noturno); 3) não há uma continuidade das aulas com os mesmos docentes.

Por compreendermos haver uma relação complexa entre os dois campos de formação, enfatizamos que as dificuldades são extremas e de difícil decisão. A esse respeito Rocha *et.al*, (2011, p. 261) proferem as seguintes palavras:

A busca pela profissionalização no futebol oferece muitos riscos aos que a desejam. As dificuldades para conciliar as rotinas diárias dos atletas os distanciam da escola básica, apesar de não impedi-los [sic] de frequentá-la. Todavia, os atletas entrevistados indicam em suas falas que a escola não é representada como a principal estratégia de vida nesse momento e a dedicação aos estudos não é a principal meta.

Os principais resultados alcançados pelos autores destacam o importante mecanismo de flexibilização dos estabelecimentos de ensino para que se tenha uma conciliação da dupla carreira. Em alguns casos, o próprio clube estabelece como isso ocorrerá, em virtude de ter uma escola ou profissionais da educação dentro de seus estabelecimentos.

Os atletas reconhecem a importância da escola, porém, atribuem à rotina do futebol a dificuldade em conciliar e permanecer nos estudos. Importante salientar que a decisão em seguir um dos caminhos (majoritariamente o futebol) pode contribuir com problemas futuros e de difícil reparo, como a impossibilidade de assumir outros ofícios. Por essa razão, devemos refletir sobre a existência/ausência de ações/políticas que contribuam com a permanência dos adolescentes na escola.

Relevante para essa discussão é também o trabalho de Bossle e Lima (2013), que propuseram verificar a representação da escola para os atletas em formação futebolística de dois clubes tradicionais do Brasil (Grêmio e Cruzeiro). Eles averiguaram o que jovens numa faixa etária entre 13 e 17 anos priorizavam: escola ou futebol. Por fim, verificaram quais influências esses garotos sofreram, no intuito de estabelecer quem tem papel fundamental em suas decisões.

Foram entrevistados oito atletas e o produto final, sem dúvidas, valida as reflexões subsequentes.

O trabalho dos autores nos convida a pensar a respeito do que os jovens inseridos no processo de formação de dupla carreira pensam sobre a escola. Essa é uma ação singular que dá voz aos atletas, por isso merece ênfase.

Tendo em vista a concepção mundial de que no Brasil o futebol é o esporte mais praticado, de certo modo, considera-se natural a adesão de mais praticantes e o estímulo para a formação de novos jogadores. Todavia, este sonho divide espaço com a formação escolar e, portanto, se caracteriza como uma relação complexa conduzida por um fio condutor estreito, no caso, o próprio atleta, que precisa buscar o equilíbrio. Mas, será que é possível conciliar as duas coisas?

Bossle e Lima (2013) nos trazem provocações em todos os sentidos, sobretudo quando os atletas relatam que a escola fica no plano B e que a principal meta, o principal objetivo é a realização do sonho em ser um profissional do futebol. Vale salientar que todos os entrevistados consideraram a escola importante, porém, acabaram priorizando o futebol. Este plano B denota um sentido que nos inquieta enquanto pesquisadores, mas a sua escolha, por parte dos atletas, é, de certa forma natural, quando consideramos o contexto brasileiro e mundial, como também a própria influência gerada em torno do futebol. Os pais aparecem como principais influenciadores dessa escolha e, nesse sentido, são vistos como possíveis vilões, haja vista apresentarem uma certa passividade ou aceitação da escola como menos importante na vida dos filhos, quando ela deveria aparecer, ao nosso ver, como prioridade, devido sua relevância para formação humana.

Não seria exagero pensar que, se preciso for, a escola será abandonada para dar continuidade a um sonho. Mesmo com a ausência de uma pergunta relacionada a essa questão na entrevista realizada pelos autores, fica clara qual a prioridade dos atletas por eles investigados. Sabe-se que é a minoria que consegue os cargos mais cobiçados, isso significa que dedicar-se intensamente ao futebol não garante a concretização do sonho de se tornar um jogador profissional.

Tendo em vista uma relação direta entre escola e futebol na vida dos adolescentes, como também o tempo de formação e dedicação que ambos exigem, priorizar um único caminho é considerado arriscado, principalmente quando esse caminho é o futebol, pois, em caso de não aproveitamento, o que farão?

Decerto, as duas formações se defrontam a partir do momento em que não se tem um planejamento, diálogo ou política que se adeque a essa complexa realidade e que não permita

conciliar as duas coisas. Sem essa possível conciliação, é provável que um campo dispute com o outro, prejudicando um processo amplo de formação dentro uma perspectiva de afirmação.

Melo *et al* (2014) destacam o perfil educacional de atletas em formação no Rio de Janeiro tendo como amostra 417 atletas da base, inscritos na Federação Carioca de futebol, nas categorias sub13 até a sub20, no ano de 2009. Os autores buscaram contemplar toda a formação futebolística, período em que, simultaneamente, deveria ocorrer a formação escolar.

Os resultados encontrados descrevem que dos 417 atletas entrevistados, 345 (82,7%) frequentavam a escola, enquanto que 72 (17,3%) não frequentavam. Destes, apenas 46 concluíram o ensino médio e 26 abandonaram os estudos. Daqueles que não estudaram, 15 (57,7%) desistiram de prosseguir quando estavam próximo de concluir o ensino médio, 6 (23,1%) deles estavam no 1º ano e 9 (34,6%) no 2º ano (MELO *et al*, 2014, p. 620).

Os autores apontam que 65% daqueles que abandonaram a escola, repetiram de ano ao menos uma vez e este valor “representa uma proporção muito além do encontrado na amostra total, cujo resultado foi de 36,7% de atletas que reprovaram pelo menos um ano na trajetória escolar” (MELO *et al*, 2014, p. 620). Sobre a repetência ou o não acompanhamento das aulas, cabe alegar alguns fatores responsáveis, como o próprio cansaço em decorrência dos treinos, o motivo de optar por um dos caminhos, a desmotivação com a realidade escolar e outros.

Vale salientar, contudo, que não foram realizados estudos que avaliam a qualidade do ensino destes atletas. Mesmo com a não desistência no Rio de Janeiro, o ensino só se dá através da flexibilização da própria escola, caso contrário o número de repetentes poderia ser consideravelmente alto.

O trabalho revela que os atletas desistentes dos estudos provêm de famílias que possuem renda muito baixa. Essas famílias, por sua vez, consideram a oportunidade do futebol como crucial para a ascensão social, por isso apostam na carreira do jovem e o incentivam, de todas as formas, para que consiga êxito e, conseqüentemente, transforme a vida de todos, nem que para isso precise abandonar a escola. Diante desse contexto, surgem novas indagações: será que há políticas que asseguram ou garantem a permanência dos atletas na escola?

Diante desse cenário, de uma coisa temos certeza, da não garantia de um bom aprendizado por parte dos atletas, o que, na maioria dos casos, gera uma preocupação do clube apenas em cumprir a lei e matricular os atletas na escola. “De fato, a permanência dos atletas na escola pode simplesmente significar na amostra selecionada o cumprimento adequado da lei. Essa interpretação significa uma das faces da moeda” (MELO *et al*, 2014, p.623). A escola, na formação do atleta, aparece, pois, apenas como um cumprimento da lei, e nessa perspectiva, o

comprometimento com a qualidade do ensino é esquecido, ou deixado de lado, cabendo apenas ao atleta/família a preocupação com os estudos.

No artigo intitulado *Jornada escolar versus tempo de treinamento: a profissionalização no futebol e a formação na escola básica* Melo *et al* (2015) dedicaram-se a analisar o tempo investido na formação profissional no futebol e na escola básica entre os atletas das categorias de base dos clubes do Estado do Rio de Janeiro. Nesse estudo, um desdobramento dos anteriores, foram realizadas entrevistas com um total de 228 atletas das categorias de base sub-17 e sub-20 de 19 clubes do Estado do Rio de Janeiro, sendo 119 da categoria sub-17 e 109 da categoria sub-20, que incluíram, segundo os autores, os próprios atletas da capital fluminense (10 clubes), como também do interior (09 clubes).

Devemos frisar que nosso trabalho possui relações bem próximas com este estudo, pois ambos convergem para a seguinte reflexão: é possível conciliar formação escolar e futebolística no Brasil? A partir daí, buscamos respostas para a seguinte problemática: quais ações adotadas pelos clubes para garantirem ou materializarem a escola na vida dos atletas?

Quando selecionaram adolescentes em formação escolar e futebolística como amostra, Melo *et al* (2015) fizeram uma relação sobre as implicações resultantes das extenuantes horas dedicadas à formação futebolística impactadas na formação escolar. A heterogeneidade das amostras dos clubes também recebe destaque tendo em vista que foram incluídos clubes tanto da capital como do interior.

Os resultados e as discussões mostram as questões relacionadas com a impossibilidade de seguir os dois caminhos e, resultante disso, possíveis comprometimentos no aprendizado, refletidos na baixa qualidade do ensino e nos prejuízos futuros, principalmente na realização de testes/provas (ENEM E SEAB) para ingresso em Universidades. “Com isso, verificamos que a baixa jornada escolar dos atletas em relação aos alunos não atletas do Rio de Janeiro, possivelmente colocá-los-ia em posição de desvantagem nos resultados dos testes supracitados” (MELO *et al*, 2015, p. 403).

Aliada a todas as questões relativas ao processo de formação futebolística e escolar, está a ausência de políticas educacionais que incentivem o estudo. Desta maneira, o processo de aceitação, as incidências ou consequências de se investir numa carreira esportiva é naturalizada. Alertamos aqui para um novo contexto de reflexão que exige um direcionamento de esforços em prol da possibilidade de tornar possível essa carreira dupla.

Não distante da realidade do trabalho anteriormente discutido, Conceição (2015) desenvolveu um estudo dissertativo fundamental para as reflexões propostas neste capítulo que ora apresentamos. O autor discute sobre a relação atleta-estudante, destacando, no próprio título

do trabalho, os desafios desta conciliação: escolarização e formação esportiva no futebol. Ele explica:

A presente dissertação é parte integrante de um projeto de investigação mais amplo, envolvendo o Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea (UFSC/CNPq) e o Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (UFRJ/CNPq), o qual tem investigado o processo de formação de atletas no esporte e a concomitância com o processo de escolarização (CONCEIÇÃO, 2015, n/p).

O autor se propôs a investigar como os atletas de futebol dentro de uma faixa etária entre 14 a 17 anos (todos integrantes de grandes clubes brasileiros do Estado de Santa Catarina, Avaí Futebol Clube e do Figueirense Futebol Clube) compreendem e se relacionam com a formação no espaço escolar em concomitância com a formação esportiva, ou seja, como eles se comportam perante estas duas realidades que, de fato, se tornaram relevantes para sua condição.

A investigação é etnográfica e contempla duas escolas de ensino médio da rede pública de Florianópolis que possuíam parcerias com os respectivos clubes incluídos na pesquisa. Ambas as escolas estão localizadas em bairros urbanos da cidade de Florianópolis, próximas às instalações dos clubes de futebol acima referidos. O horário ou turno selecionado foi o período da noite, estando a maior parte dos jovens das categorias de base matriculados justamente pelo fato de, em período diurno, estarem em horário de treinos ou realizando atividades referentes à formação esportiva.

O autor utilizou um diário de campo para acompanhar e registrar a rotina escolar dos atletas, sendo também parte da metodologia entrevistas e conversas com os próprios atletas, gestores das escolas, funcionários do Avaí e do Figueirense (assistentes sociais, psicólogo e pedagogo) que, em tese, são responsáveis pelos jovens alojados no(s) clube(s) e pela mediação entre as escolas e a comissão técnica das equipes.

As observações e entrevistas foram utilizadas como fontes primárias da investigação, todavia, o autor enfatiza a aplicação de um questionário com estudantes-atletas e não atletas enquanto fonte secundária, atribuindo a justificativa de perceber relações, efeitos do comportamento e atitudes dos estudantes em relação à sala de aula.

Os resultados indicam a escolarização como uma escolha que, no meio do futebol, ainda não se caracteriza como exigência para formação de um excelente atleta. Além do mais, os atletas percebem a escola como uma obrigação para permanecerem no processo de formação esportiva e a qualificam como “uma responsabilidade pessoal” que interliga o presente com o futuro.

Assim como em outros trabalhos já mencionados (MELO 2010; BOSSLE; LIMA 2013), no estudo de Conceição (2015) o futebol é prioridade na vida dos atletas e a escola, por sua vez, é um plano B, devendo, portanto, se adequar à realidade dos atletas. O estudo deixa claro que, em virtude do sonho, os jovens priorizam os treinamentos, as viagens, as concentrações e que, em razão desses compromissos, a escola flexibiliza os conteúdos para esses sujeitos. Entretanto, o autor alerta sobre um único ponto priorizado pela escola, o número “exagerado” de faltas, que pode provocar ou causar uma possível repetência. Conceição (2015) enfatiza ainda que os atletas colaboradores da pesquisa frequentam os dias letivos no período noturno. Além disso, afirma que a formação futebolística em ambos os clubes por ele investigados ocupa, de uma forma ou de outra, os turnos matutinos e vespertinos, tornando-se uma atividade diurna.

A dificuldade em conciliar a escola quando a entrega ao futebol é por completo está exposta no trabalho de Conceição (2015) e em outros estudos que constataam a dificuldade de permanência dos jovens nos dois segmentos. Vemos que o comprometimento, ou mesmo a entrega completa a um desses dois campos elimina um deles. Mas, por que não os dois? A evidência da preferência pelo futebol fica por conta da frequência dos atletas nos bancos escolares no período noturno. Resta, pois, saber: depois de dois turnos de treinos extenuantes, qual a disposição dos jovens para estudar? Que horas farão as atividades da escola? Quantas horas dedicarão aos estudos?

Os trabalhos analisados propõem discussões sólidas e que evidenciam uma incompatibilidade entre a formação escolar e futebolística no Brasil. Esses estudos deixam claro que, os clubes brasileiros, mesmo aqueles que possuem escolas dentro de suas instalações ou centros formativos que conseqüentemente facilitam os estudos e um prosseguir na dupla carreira, têm como principal objetivo a dedicação do atleta ao futebol. O argumento para essa afirmação são as escolhas dos horários de treinos em períodos matutinos, vespertinos ou diurnos, haja vista a necessidade de se atingir uma qualidade excelente no final do processo da formação priorizada. O turno diurno para atividades relacionadas ao esporte levanta algumas questões, quais sejam: como estarão esses jovens ao final do dia para estudarem? O cansaço dos treinos compromete o rendimento escolar?

Nesse sentido, procuramos trabalhos que relatem a possibilidade de seguir nos dois caminhos. Considerando a realidade brasileira, essa conciliação aparece como improvável, hipótese comprovada pelo fato de não encontrarmos trabalhos que destaquem o êxito de sucesso escolar dos atletas, ou a priorização da formação escolar em concomitância com a formação futebolística. Porém, trabalhos já mencionados, como o de Damo (2005), relatam essa possibilidade de conciliação dos dois caminhos em outros países, como a França.

Além deste estudo, encontramos um artigo escrito por pesquisadores brasileiros e portugueses, em parceria, com o seguinte título: *A formação de jovens futebolistas além das quatro linhas: uma análise sob a ótica dos técnicos de Brasil e Portugal*. De autoria de DO PRADO SZEREMETA, Conde, Figueiredo, Gonçalves e Cavichioli, o texto teve sua publicação no ano de 2017 e analisa o processo de formação de jovens futebolistas sob a perspectiva de técnicos do Brasil e de Portugal. Os autores, pensando numa perspectiva crítica entre a relação escola e futebol, escolheram os treinadores para comporem sua amostra. É importante destacarmos a relevância dos treinadores para a formação no esporte, pois são eles que mantêm uma relação próxima com os atletas num sentido de colaboração para um crescimento/progresso no esporte.

A pesquisa, de caráter qualitativo, utilizou entrevistas semiestruturadas com oito treinadores, sendo quatro deles atuantes no Brasil e os outros quatro em Portugal. Vale salientar que todos trabalham na elite do futebol nacional, por isso atuam na primeira divisão das competições nacionais de cada país. Todos possuem formação em educação física, exceto um treinador português, que é formado em psicologia, porém, possui habilitações de curso de treinador.

Esse estudo tem grande relevância para as nossas discussões, haja vista as questões pertinentes propostas no trabalho, como a contradição existente no futebol brasileiro com relação ao discurso e à prática. Queremos mostrar que o discurso de que a escola é importante existe, porém, não é exigido pelos clubes de futebol, podendo o atleta apresentar baixos rendimentos escolares e, mesmo assim, não ser punido. Essa situação reforça um discurso de prioridade para o produto - o atleta, que dará retorno financeiro num futuro.

De acordo com Do Prado Szeremeta *et al* (2017), a estrutura dos clubes no Brasil são admiráveis e com boas instalações. Possuem, inclusive, maiores investimentos que os clubes portugueses. O autor menciona ainda que o clube brasileiro investe cerca de um milhão de euros e o clube português 350 mil euros anual. Mas, a grande diferença entre os clubes dos países está no *habitus*. Enquanto o clube português enfatiza a importância de formar para a cidadania em primeiro plano, o clube brasileiro, através das suas ações, prioriza a formação para o esporte e, com isso, secundariza a escola.

Citamos alguns trechos do trabalho dos autores que despertaram nossa atenção sobre o que ocorre com atletas com mau desempenho escolar. O primeiro trata-se da fala do treinador português 03 (TP 03) que assim disse: “Todo atleta que chegasse ao fim do período e tirasse duas negativas treinava, mas não jogava, e quem tivesse três negativas nem treinava e nem jogava se não levantasse pelo menos uma” (DO PRADO SZEREMETA *et al*, 2017, p.116).

Um outro treinador português (TP02), reforça: “Já fiquei sem cinco atletas titulares na equipe, obviamente a equipe decresceu, mas foi engraçado ver a preocupação deles em estudar” (DO PRADO SZEREMETA *et al.*, 2017, p.116). Esses relatos se tornam fundamentais para compreendermos que na formação dos atletas portugueses existem ações que priorizam a formação cidadã, mostrando uma preocupação futura e contradizendo a impossibilidade de se conduzir as duas carreiras, como ocorre no Brasil. A lógica da formação contribui e muito com essa afirmação, estando em primeiro lugar a escola e em segundo o futebol.

Para corroborar as constatações feitas por Do Prado Szeremeta *et al.* (2017), menciono a realidade por mim vivenciada em Portugal como atleta em formação. Reforço que os horários de treinos ocorriam no período da noite. Quanto aos estudos, cheguei a estudar ora em turno matutino, ora em turno vespertino ou nos dois turnos.

Sobre a realidade dos clubes brasileiros os autores citados admitem que as estruturas dos clubes de primeira divisão são boas, todavia existem clubes mais bem estruturados que outros. Dizem ainda que nesses clubes existe um acompanhamento com profissionais pedagogos, psicólogos, nutricionistas, médicos. Trata-se de uma estrutura completa e multidisciplinar que, em tese, deveria possibilitar uma formação de qualidade na dupla carreira.

No entanto, o clube não tem uma postura tão rígida quando o desempenho escolar é insuficiente. São vários os relatos de exigência por notas e comportamento positivo na escola, que na prática não se estabelece. O discurso de formar o atleta como cidadão é presente, mas os interesses por possibilidade de lucros no futuro é a variável que prevalece (DO PRADO SZEREMETA *et al.*, 2017, p.116).

As conclusões do artigo citado reforçam que, no Brasil, a prioridade está na formação futebolística, que possui relações intrínsecas com os lucros futuros advindos do rendimento dos atletas, lucro este que poderá se materializar através de títulos para o clube e, conseqüentemente, propagandas, vendas de produtos e atletas.

Concordamos com os autores quando dizem que clubes da primeira divisão do futebol brasileiro, em grande parte, possuem estruturas físicas de excelência, assim como uma equipe profissional capacitada e multidisciplinar que dão conta de possibilitar uma formação escolar de qualidade, e ressaltamos que o discurso que dá importância à formação escolar se distancia de sua materialização através das ações ou, como dito pelos autores, pelo *habitus* que, por sua vez, torna a escola descartável para o rendimento esportivo. Em outras palavras, tanto faz um dez como um quatro na nota dos atletas, o importante é o rendimento dentro de campo.

Nesse sentido, encontramos um artigo feito no estado do Ceará, mais especificamente, na capital Fortaleza, e que teve publicação no ano de 2017 na revista brasileira de futsal e futebol. O estudo, intitulado *O perfil dos atletas em transição para a fase profissional das equipes de futebol da cidade de Fortaleza*, de autoria de Oliveira, Balzano e Moraes (2017), foi realizado com dois clubes de Fortaleza, tendo como participantes 31 atletas da categoria sub17. Na pesquisa foi utilizada uma abordagem quantitativa, assim como um questionário fechado contendo 38 questões. O questionário foi adaptado de Samulski e Marques (2009), já mencionados aqui.

Segundo os autores cearenses, em Fortaleza “[...]verificou-se que 64,4% dos atletas estão defasados em relação à série escolar correspondente com a sua idade, e apenas 35,5% deles estão na série escolar compatível com a sua idade” (OLIVEIRA; BALZANO; MORAIS, 2017, p.132 e 133). O dado apresentado evidencia uma constatação presente no meio futebolístico nacional, a de que as altas jornadas de trabalho prejudicam o caminho escolar. No caso das equipes de Fortaleza, mais da metade dos jovens atletas já entram na escola fora de faixa. Essa constatação problematiza mais uma vez a discussão da importância da escola para uma formação global dos atletas de futebol no país, garantida por lei.

Em seu estudo, Oliveira, Balzano e Moraes (2017) destacam que 58% dos atletas entrevistados acham normal estudarem e jogarem futebol, enquanto 42% consideraram difícil conciliar os dois caminhos. Segundo os atletas, é possível seguir os dois caminhos, mas enfatizam que a defasagem na escola pode estar relacionada à dedicação ao esporte também. Sobre a importância de estudarem para uma pós-carreira no esporte, um número considerável de 89,3% afirmou que é importante estudar.

Os resultados apresentados pelos autores em destaque demonstram uma preocupação com a relação entre futebol e escola, pois os atletas envolvidos no rendimento esportivo possuem dificuldades em conciliar os treinos com os estudos. A curto prazo, e por estarem envolvidos com o esporte, esses jovens não têm percebido as árduas consequências de optarem apenas pelo esporte. Por estarem imersos no mundo do futebol, não percebem a importância da escola para alcançarem uma condição melhor de vida e não atentam para o fato de que, em caso de interrupção ou para seguir na carreira, terão que lidar com contratos, o que exige interpretar e compreender o contexto, fazer escolhas, dentre outras situações dependentes dos estudos. Na conclusão do trabalho, os autores assim se pronunciam quanto à dedicação dos clubes em relação à escola:

Já com relação aos clubes, identificou-se que os atletas percebem que o suporte dado é insuficiente para conciliar os estudos com os treinos. Isso pode ocorrer porque os dirigentes só exigem *performance* esportiva de seus jogadores, foco de interesse do clube, desconsiderando a formação integral dos atletas (OLIVEIRA; BALZANO; MORAIS, 2017, p.136).

Estamos diante de mais uma conclusão que reforça o desinteresse por parte das instituições formadoras de jovens promessas desse país com relação à educação escolar. A isso atribuímos uma falta de fiscalização da aplicabilidade da lei nº 12.935/2011 e a ausência de uma consciência sobre qual o papel social dessas instituições. Acreditamos que agregar valores morais, éticos e sociais à formação dos atletas, garantindo sua permanência, participação e acompanhamento na escola, trará outras dimensões, assim como resultados positivos ao processo de formação futebolística no Brasil.

É necessário compreender que a escola é uma necessidade e não um complemento durante a formação para o futebol. Reali *et al* (2005) ponderam sobre a relevância do papel da escola no processo de formação e inserção de um indivíduo na sociedade, dizendo que:

A escola tem a função de favorecer a aprendizagem dos conhecimentos construídos pela humanidade e valorizados pela sociedade em um dado momento histórico, de ampliar as possibilidades de convivência social e de legitimar uma ordem social. (REALI *et al* 2005, p. 240).

Com efeito, refletir sobre o papel da escola na vida de atletas que almejam a profissionalização no futebol é pensar na qualidade do ensino proposto, é pensar no futuro. Todavia, não faremos aqui essa avaliação, deixando o campo aberto para novas pesquisas. Entretanto, reiteramos que a total entrega ou dedicação dos atletas apenas ao futebol torna-se perigosa, tendo em vista um curto período que dura a carreira de um atleta e, sobretudo, por existir a possibilidade de parar pelo meio do caminho, por conta de lesão ou por diversos fatores.

Este capítulo teve como base apresentar as principais obras, publicações ou produções referentes às formações futebolística e escolar tanto no Brasil como em países europeus (França e Portugal). Nele fizemos um levantamento bibliográfico destacando os principais autores, assim como seus respectivos trabalhos referentes à temática, ainda recente no Brasil, tendo início a partir dos anos 2000, com o trabalho de Rodrigues (2003). De modo a facilitar a compreensão do leitor, apresentamos na sequência um quadro com a síntese das principais obras analisadas e seus resultados.

Quadro 1 - Quadro síntese das principais obras que fundamentam o estudo.

Autor/Ano	Tema/Título	Resultados	Considerações
DAMO (2005).	DO DOM À PROFISSÃO: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França.	Na França há um “Emparelhamento entre a formação escolar e futebolística” (p.215); “A frequência à escola é que faz a diferença em relação aos centros franceses” (p.217)	Sem a necessidade de conciliar a agenda futebolística com a agenda escolar, os atletas em formação, a partir dos juvenis - entre 15 a 17 anos - são disponibilizados praticamente em tempo integral.
MARQUES; SAMULSKI (2009).	Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira.	“A dificuldade dos atletas em conciliar escola e vida esportiva aumenta a responsabilidade social dos clubes em oferecerem alternativas que facilitem e estimulem a continuação dos estudos para que eles tenham uma opção vocacional futura.	A maioria dos atletas afirma planejar aspectos específicos de sua carreira esportiva, exceto com relação aos estudos
MELO (2010).	Formação e escolarização de jogadores de futebol no estado do Rio de Janeiro.	Os resultados apontaram que os atletas possuem maior escolaridade que a população de mesma idade e que os atletas buscam o ensino noturno devido às exigências do futebol	Os dados permitem afirmar que há um impacto objetivo na vida escolar desses jovens em termos de tempo de aula e da qualidade do ensino oferecido.
CONCEIÇÃO (2015).	O estudante-atleta: desafios de uma conciliação.	Os resultados indicam que a escolarização é uma escolha que no meio do futebol ainda não se enquadra como exigência para formação de um excelente atleta.	A escola, tende a flexibilizar e compensar suas ações com estes jovens por não desejar atrapalhar ou dificultar ainda suas carreiras.
DO PRADO SZEREMETA; CONDE; FIGUEIREDO; GONÇALVES; CAVICHIOLLI. (2017).	A formação de jovens futebolistas além das quatro linhas: uma análise sob a ótica dos técnicos de Brasil e Portugal.	O discurso de formar o atleta como cidadão é presente, mas os interesses por possibilidade de lucros no futuro é a variável que prevalece.	Mesmo que a preocupação com a formação extracampo seja visível, o discurso português parece ser mais coerente e mais palpável no que diz respeito à responsabilidade social, quando comparado com o brasileiro
OLIVEIRA; BALZANO; MORAIS (2017)	O perfil dos atletas em transição para a fase profissional das equipes de futebol da cidade de Fortaleza.	Com relação a estudar e treinar ao mesmo tempo, a família é que dá o maior auxílio; não possuem apoio dos clubes e das escolas. Verificou-se que os atletas apresentam dificuldades em conciliar escola e clube.	Os clubes, escolas e famílias devem encontrar estratégias para conciliar os estudos e os treinamentos dos atletas.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao fazermos uma análise das principais obras, podemos afirmar que existe uma relação extremamente complexa entre estes dois campos que ocupam grande espaço (em relação ao tempo/dedicação) na vida dos atletas. Por esse motivo, a escola acaba sendo negligenciada ou

colocada num plano B. Para que seja possível uma conciliação entre ambos, ocorre, pois, um movimento de flexibilização vindo das escolas que, por sua vez, adequam horários, permitem atrasos, entre outros mecanismos, para que os atletas consigam permanecer nos estudos.

Vale ressaltar que existem clubes que instalam escolas dentro do Centro de treinamento, a fim de facilitar o processo de adequação. Todavia, essa realidade é propiciada por uma minoria de Clubes no Brasil. A grande maioria, matricula seus atletas em escolas públicas ou privadas, de preferência próximo ao centro de treinamento. Ainda assim, neste modelo não se tem garantias da qualidade do ensino, o que suscita o aprofundamento dessa reflexão.

Quando voltamos, porém, nosso olhar para clubes do exterior, verificamos que é possível conciliar a formação escolar e futebolística, assim prova o Nantes da França, que, inclusive, é um modelo a ser pensado. A partir de uma ação coletiva e colaborativa, entre os clubes franceses, o setor público e o privado do país, foi criada uma escola para atender atletas não só de futebol como também de outros esportes. Essa experiência contribuiu para desmitificar um problema de ordem cronológica: jogador de futebol não estuda.

No Brasil, o atual processo de formação futebolística segue passos cristalizados que naturalizam uma situação preocupante, na qual temos sujeitos que investem na carreira de jogador profissional tomando como princípio norteador a ascensão social. Por essa razão, colocam a escola em segundo plano (prejudicando seu processo de formação escolar) ou, em casos extremos, abandonam os estudos para se dedicar apenas ao futebol. Esse processo de formação naturalizado precisa ser questionado e revisto, de modo que, dentro de uma perspectiva dialética, se chegue a conclusões que permitam conciliar os dois campos. Essa permissão contribuirá para o sucesso dos jovens, caso não obtenham êxito no futebol.

Diante do cenário nacional apresentado, lançamos questões que consideramos de extrema relevância para um aprofundamento teórico e para a possível materialização de políticas, ações que corroborem com o contexto da formação escolar e futebolística no Brasil, quais sejam: como os clubes de futebol percebem a formação escolar dos atletas infanto-juvenis? Quais ações de incentivo ou políticas são adotadas pelos clubes para facilitar a vida dos atletas quando o assunto é escola?

## II O FUTEBOL E A MINHA VIDA

A relação com o tema não é por acaso, visto que, durante seis anos de minha vida (2005 a 2011), transitei no mundo do futebol de alto rendimento em busca do sonho de me tornar um profissional bem-sucedido. Esse sonho acredito que iniciou ainda quando estava no ventre de minha mãe. Ela e meu pai criaram, desde cedo, uma atmosfera propícia para estimular em mim o gosto pelo esporte, em especial pelo futebol. Decerto, não consigo outra explicação para tanta paixão, senão o DNA.

Tenho lembranças riquíssimas relacionadas ao futebol desde muito pequeno. Recordo de quando meu pai saía para trabalhar e eu, ao perceber sua ausência, ia correndo calçar suas chuteiras e, com uma bola em baixo do braço, fazia do corredor de nossa casa um túnel para a entrada no “gramado”, que era a rua.

Feito milhares de crianças no mundo, sonhei em um dia ser assistido na televisão por minha família. Não obstante, ficava atento e, acima de tudo, empolgado com as matérias de televisão que retratavam mudanças na vida dos jogadores do ponto de vista econômico/financeiro, social, provocadas pelo futebol. De certo modo, aquela exposição instigava a mim e outros tantos jovens a também investirem na carreira. Em consequência do êxito de alguns, acreditei que era possível realizar esse feito de ser um atleta de futebol profissional, uma espécie de emprego dos sonhos.

Nascido no interior do Rio Grande do Norte, numa cidade chamada Caicó, que fica, aproximadamente, a 270 km da capital do Estado (Natal), hoje com uma população estimada em 67 mil habitantes<sup>23</sup>, de bioma caatinga, temperatura alta e de um povo extremamente acolhedor, as condições não eram as mais favoráveis para que eu me tornasse um jogador e, por si só, tornavam-se obstáculos.

Minha mãe, Jucinês Aparecida Dantas, Professora de Educação Física (também formada em Geografia), e meu pai, Erivonaldo Cincinato de Oliveira (Policia Militar), ambos nascidos e criados na zona rural<sup>24</sup>, em condições ainda mais difíceis, tiveram de lidar com a dura realidade, com os problemas diversos, inclusive de me manterem na escola. Na época, devido às grandes paralizações do ensino público, em virtude das greves, chegamos a ficar de 2 a 3 meses sem aulas, por essa razão, existiu um esforço lá em casa para que, a princípio, ficasse na

---

<sup>23</sup> Pesquisa realizada no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/rn/caico/panorama>>. Acesso em: 15 out. 2017.

<sup>24</sup> *Mainha* do Município de São José do Seridó (cerca de 20 km de Caicó) e *Painho* de Jucurutu (cerca de 50 km de Caicó),

rede privada de ensino. Mas, a partir do 8º ano do Ensino Fundamental II, até o 3º do Ensino Médio (pré-vestibular) fui bolsa atleta e, portanto, meus pais não pagaram mais escola.

Mesmo com empregos fixos, na época, os ordenados recebidos por meus pais, ao fim do mês, reforçavam uma proposta de medir bem ou planejar bem cada passo a ser dado e, por esse motivo, sair de Caicó para buscar o sonho em outros estados, ou mesmo em Natal, não estava nos seus planos, a não ser nos meus.

Minha realidade, de fato, era distante dos grandes centros do futebol, todavia, reforço que não me impediam de sonhar, nem muito menos de acreditar que era possível tornar realidade aquele sonho de criança. Considerando o contexto das dificuldades, aliado à força de um bom Nordesteño, refletia: “É daqui para o mundo. Vou ser um grande jogador de futebol e com aquele dinheiro todo que ganhar vou ajudar quem precisa”. Essa ideia ou princípio sustentava uma vontade indomável de realização. Toda dificuldade era revertida em motivação, tornando-se, inclusive, elemento essencial para impulsionar e perseverar o meu sonho. Mesmo sem conhecer toda complexidade envolvida no futebol.

A pretensão em dar ênfase aqui, sobretudo às dificuldades do início da minha carreira, ressalva a importância de persistir/insistir e de me coloca em patamares bem parecidos com outras realidades de garotos que têm o mesmo projeto de vida, reforçando que o objetivo não é de coibir, inibir, anular outros sonhos e sim de refletir sobre o processo de formação.

Não me lembro ao certo a idade em que me apresentaram o futebol, todavia, devo salientar que, além de ter ocorrido muito cedo - prova disso são as fotos de crianças -, foi um encontro em que houve sentimento recíproco de intimidade entre o objeto e sujeito. A felicidade transposta nas fotografias da época, pelo simples fato de estar com uma bola debaixo do braço, calçando as chuteiras do meu pai, ou praticando futebol, materializam esse momento que ainda me causa emoções quando relembro. Portanto, o futebol em meu constructo enquanto ser social foi parte intrínseca e atuante.

Lembro-me, também, de quando eu e dezenas de adolescentes saíamos para praças, ruas, campinhos, sempre com “ela” (a bola) debaixo do braço. Os paralelepípedos-vilões não eram obstáculos para o nosso futebol, mesmo quando arrancávamos um “xaboque”<sup>25</sup> do dedão do pé (ao tentar chutar a bola e acertávamos o concreto). No outro dia, lá íamos nós para a escola com um pé com um tênis e o outro com uma sandália.

---

<sup>25</sup> **Termo** regional usado na região Norte do Brasil e que significa: pedaço arrancado, normalmente com os dentes; naco. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/xaboque/>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

Recordo-me também de quando, em praça pública, conhecida por Praça do Coreto nas proximidades da Igreja de Sant'Ana e do Rosário (no bairro do centro da Cidade de Caicó-RN) não se podia jogar na grama e insistentemente jogávamos até as senhoras chamarem a polícia que, por sinal, carregava nossa bola. Acha que parávamos? Não. Criávamos estratégias para vigiar a chegada da polícia (quem estivesse esperando a sua vez ficava atento) e continuávamos a correr com a bola. Ora, aquele era o único gramado que tínhamos para jogar feito os grandes atletas. Alguma vez, geralmente durante a semana (período noturno), utilizávamos o local (pelo espaço e pouca circulação de pessoas) do “lixão” do nosso bairro, onde tinha umas escadas, que logo virava arquibancada para as duplas que ficavam de fora, na torcida. Tudo era motivo de um bom jogo de futebol e, nesse sentido, a minha vivência intercalava atividades do cotidiano e o jogar futebol.

Minha imaginação era tremenda, fantasiava situações nas quais os jogadores profissionais (Ronaldo<sup>26</sup>, Romário, Bebeto, Denilson, Zico, Garrincha, Pelé) viviam seu cotidiano. Eles eram espelho e exerciam uma influência direta sobre minha vida. Adorava imitar seus dribles, jogadas, gols e comemorações, assim como jogar com as chuteiras anunciadas por eles, andar e falar feito eles, ser como eles. Quando não tinha com quem jogar, os travesseiros transformavam-se em meus adversários, enquanto a cama era um lindo gramado. Dava início a uma partida de futebol ali mesmo, no quarto dos meus pais, que era meu também.

Sem dúvida, eu tinha uma relação muito íntima com o futebol. Queria ser como vários jogadores que passavam na televisão. Queria ser filmado, ter uma casa, um carro e escutar a torcida gritando meu nome. Entretanto, para minha surpresa, ao ingressar nesse mundo, percebi uma vida totalmente diferente daquela que a televisão mostrava.

Longe de casa, sem dinheiro, treinando firme e forte debaixo de sol (mais de 40° graus na Bahia, ao meio dia), chuva, ou mesmo com granizo, no frio (com temperaturas próximas a zero, em Portugal). Às vezes comia bem, outras mal. Dormia bem ou dormia mal (cheguei a dividir um pequeno quarto com 11 garotos, em beliches de três camas, em Santa Catarina). Mesmo assim, não me importava. Admitia essa situação porque tinha um objetivo bem claro: melhorar minha vida e a vida de toda minha família.

Foram anos e anos sonhando com essa possibilidade. Tinha que treinar, jogar, me concentrar, viajar, disputar competições, ficar longe da família e dos amigos. Precisei abdicar

---

<sup>26</sup> Ronaldinho Gaúcho e Ronaldo fenômeno – grandes craques que figuraram na mídia atuando no futebol na década de 90 e anos 2000.

de um crescimento que podemos chamar de normal<sup>27</sup> para vivenciar o futebol em sua totalidade. Afinal, tudo vale a pena quando buscamos concretizar um sonho.

Na rotina do futebol, na medida em que o atleta progride de categoria pode selecionar qual caminho seguir. Assim posto, num determinado momento optei por me dedicar integralmente ao esporte e o resultado disso foram as faltas à escola, negligência na realização de trabalhos, ausência de estudos, um conjunto de ações negativas que corroboraram para um desinteresse pelo espaço da escola e uma quase reprovação.

Sempre tive atração pela área da educação. Meus pais, principalmente minha mãe, enfatizaram sobre sua relevância. No entanto, não posso esconder minha paixão pelo futebol. Por conseguinte, em 2007, com 16 anos, ingressei em meu primeiro clube profissional no futebol de base, jogava em uma categoria acima da minha idade (sub-17). Desde o início foram muitas viagens, de modo que conheci vários estados brasileiros, do Sul ao Nordeste (com exceção do Norte e Centro-Oeste). Contudo, nesse ano de 2007, quase não consegui concluir os estudos, pois as viagens me fizeram perder muitas aulas. Mas, graças à flexibilidade da escola e, principalmente, a minha mãe, que foi ao clube e me “pegou pelo braço”, voltei à Natal e concluí o Ensino Médio.

. Em virtude da vivência com a Educação Física e por ser mais uma no meio de tantas lutadoras que lecionam no sistema público de educação, além da importância que atribuía à educação, “mainha”<sup>28</sup> (como a chamo), teve um *feeling* para mediar essa complexa relação entre futebol e escola na minha vida e não me deixou largar os estudos. Cumprir com as atividades escolares se tornou, então, pré-requisito para que eu continuasse no futebol.

Meu olhar para os dois segmentos só foi ampliado quando, por um curto período, fui morar na Europa, em Portugal Lá, consegui estudar e treinar, percebi uma relação de possível conciliação entre as duas coisas. Vale ressaltar que os treinos ocorriam no período noturno, enquanto as aulas pela manhã ou à tarde, ou nos dois períodos. Já havia terminado a temporada 2009/2010 pelo Sport Comércio e pelo Salgueiros de Portugal. De férias, não fazia mais nada, a não ser jogar vídeo game e frequentar o ginásio (aqui no Brasil academia). Essa ociosidade me fez pensar sobre tudo, inclusive, sobre o porquê de não estar estudando. A partir de então, questioneei: por que quando estava no Brasil tive tanta dificuldade em seguir os dois caminhos?

Aproveitei cada momento, aprendi com cada um deles. Sem meus pais por perto, aprendi a ser homem muito cedo, a andar pelo caminho certo da vida, haja vista que os

---

<sup>27</sup> Considerando o crescimento de todo e qualquer adolescente.

<sup>28</sup> Forma carinhosa de se referir à mãe utilizada em algumas cidades do Nordeste brasileiro. Também utilizam *painho* para pai.

bastidores do futebol caracterizam um espaço complexo. Em outras situações, buscava conversar com o clube para resolver determinadas questões. Nesses casos, tinha que dialogar com os possíveis empresários.

No âmbito educacional, esse processo de maturação também se fez valer, consegui pagar meus estudos (na escola privada) jogando futebol. Era simples, a escola utilizava “meu trabalho” e eu o “trabalho dela”. Estudar era o critério mínimo para jogar bola, e minha mãe, com extrema sabedoria, administrava esse emaranhado de emoções.

Hoje, na condição de ex-atleta, posso afirmar que durante a formação futebolística, vivenciei as dificuldades de conciliar o esporte e os estudos. Mas, com uma perspectiva racional e pensando no futuro, me dispus a trilhar as duas vertentes para, depois de concluir o ensino básico, seguir carreira profissional no futebol. Não abandonei meus estudos.

Minhas vivências me permitem compreender muito bem a importância dos pais na vida dos atletas em idade escolar. Se não fosse minha mãe, não sei se teria concluído os estudos, nem tampouco ingressado na Universidade. A proximidade com o futebol dentro de campo<sup>29</sup> e minha formação superior no curso de Licenciatura em Educação Física, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, possibilitaram a ampliação do meu olhar sobre a importância dessas duas esferas (futebol/escola) para a sociedade. A partir daí, decidi ampliar meus conhecimentos e me aprofundar, optando, então, pelo Mestrado em Educação.

Devo registrar que um dos traços marcantes e instigantes para a construção desta pesquisa foi minha passagem pelo Programa de Incentivo à Docência (PIBID). Graças a esta oportunidade, pude perceber a relevância de uma formação educacional para além da básica. Os encontros, discussões, leituras e escritas me fizeram perceber vários olhares que abrangiam novos caminhos, ou seja, um olhar multirreferencial<sup>30</sup>. Por meio desse olhar, o que mais me chama atenção quando recordo a época em que atuei em campo é a naturalidade com que alguns fatos (ser reprovado, desistir dos estudos) eram encarados por alguns dirigentes, empresários esportivos e por mim. Como atleta, compreendia e aceitava a justificativa do atraso da escola

---

<sup>29</sup> Joguei nas categorias de base do América, do Rio Grande do Norte. Em seguida, através de uma peneira, passei pelo Flamengo, do Rio de Janeiro, assim como também tive oportunidade de ir para o Grêmio, do Rio Grande do Sul, pelo mesmo processo. Posteriormente, estive no Bahia – BA, em 2008. No mesmo ano, fui, pela segunda vez, para Caruaru (2007, 2008). Em 2008, passei por São Paulo (Águas de Lindóia, Jacareí), depois fui para uma cidade no interior de Santa Catarina, chamada Guarujá do Sul (por volta de 4.000 habitantes). Em 2009, tive a oportunidade de jogar no futebol Português, através do Sport Lisboa e Nela (localizado na cidade de Nelas). Criei um vínculo emocional bem maior com o Salgueiros de Portugal, onde fiz vários amigos. Em 2011, fui campeão profissional da segunda divisão do futebol potiguar, pelo Caicó Esporte Clube (minha cidade de origem);

<sup>30</sup> Mais que um conceito, apresenta-se como uma epistemologia, um modo de ver o mundo no qual nos inserimos; um modo de compreender a ciência, o conhecimento, o outro, nossa própria atuação no social e conosco mesmo. (BARBOSA, 2012, p. 46 e 63).

em prol da busca pelo meu sonho. Não me recordo de incentivos, por parte dos gestores e treinadores, para priorizar a escola, pelo contrário, era sempre a escola que tinha que ser flexível. Quando os jogos ocorriam no meio da semana, por exemplo, bastava que eu levasse um documento e era liberado das aulas.

Com um pouco mais de maturidade e leituras, hoje analiso de uma forma mais crítica essa questão, principalmente quando, ao indagar alguns amigos do futebol sobre o que estão fazendo da vida e se é realmente isso o que queriam, ouço alguns lamentarem o fato de não terem estudado e, por consequência, terem ingressado em algo que não queriam devido às necessidades. Com base em suas experiências, posso dizer que a educação, se negligenciada, pode trazer problemas imensuráveis aos sujeitos, inclusive, frustrações devido à não qualificação nos bancos escolares, na busca por bons postos de trabalhos.

Sem dúvida, a educação é uma possibilidade clara de transformar o mundo no qual intervimos, sobre o qual refletimos e onde atuamos. Portanto, dentro de uma perspectiva crítica, é perfeitamente possível e importante aliar educação e futebol, ou seja, um com o outro e não um versus o outro. Assim posto, a possibilidade de darmos uma base sólida na formação educacional do atleta, o que, por sua vez, é um princípio básico de uma sociedade e dever do Estado, faz-nos crescer ainda mais enquanto cidadãos.

Durante essa breve apresentação fiz questão de situar o leitor acerca dos momentos significativos que tenho em memória propiciados pelo futebol. Na sequência falarei um pouco sobre como se deu o meu processo de formação na modalidade até a profissionalização, inclusive, refletindo sobre a complexidade entre a formação escolar e futebolística.

### **Da paixão à profissão**

As memórias de criança relevam momentos extremamente importante nessa caminhada. Um deles ocorreu por volta dos 7 a 8 anos, quando ingressei na escolinha de futebol conhecida por clube dos trintas<sup>31</sup>, localizada em Caicó-RN. Três vezes por semana, comecei, então, a receber informações acerca do esporte, dentro de uma perspectiva global/ampliada/lúdica, ou seja, brincando e aprendendo sobre o futebol.

Nessa fase, destaco a importância de professores para a iniciação, sendo motivo de estímulo para a prática de qualquer modalidade esportiva, no meu caso, o futebol. Um dos

---

<sup>31</sup> Clube localizado em Caicó-RN e que, na época, trabalhou com a iniciação e desenvolvimento na modalidade futebol. Os treinadores eram Reinaldo (campeão mundial com o Flamengo) e Alberioni (*in memoriam*) ex-atleta de futebol.

treinadores (Alberioni, *in memoriam*) de quem gostava bastante (pelas brincadeiras, atenção, dedicação, metodologia), tornou-se figura extremamente marcante em minha vida. Até hoje, tenho muito clara em minha mente sua fala, quando minha mãe perguntou algo do tipo: “Ele joga bem? Tem jeito pra coisa?” Ele disse: “Quando todo mundo pensa que Ywky vai fazer uma coisa, ele faz outra que, na maioria das vezes, é uma jogada melhor do que eu pensava. Ele tem futuro. É diferente. Vai longe”. Talvez pela simpatia, admiração que tinha por sua pessoa, ou por outro motivo, as palavras do meu treinador tiveram uma força de proporções imensas, que me fizeram guardá-las em todo o tempo, aonde quer que eu vá.

Ainda por volta dos meus 7 a 8 anos de idade, iniciei a especialização<sup>32</sup> no esporte. Durante esse processo fui marcando alguns gols e jogando bem, fato que despertou atenção de alguns treinadores de bairros. A partir de então, comecei a ser chamado para campeonatos pré-mirins<sup>33</sup> e para participar de competições escolares.

Desde o início, da escolinha de futebol até a primeira viagem para um clube (que ocorreu aos 14 anos), a escola, as ruas e o clube da cidade foram os grandes centros de minha formação, em virtude das “peladas”<sup>34</sup> ou em preparação para competições locais, regionais, escolares.

Na escola, a convivência com o esporte contribuiu de forma singular com o meu sonho, tanto numa perspectiva de desenvolvimento como também no que se refere à oportunidade. O futsal foi o esporte que sempre pratiquei, tendo em vista um maior número de competições, maior número de equipes (mais jogos para disputar) e um nível considerável. A prática dessa modalidade não anulava, entretanto, o futebol de campo, pelo contrário, devido à redução de espaço e por propiciar um jogo mais rápido, o futsal contribuiu significativamente na minha evolução para o futebol de campo.

Foi na escola e através das competições escolares que comecei a ter novas projeções. Aos 10 anos de idade (em 2001), nos JERNS (Jogos Escolares do Rio Grande do Norte), na categoria mirim (na época, de 10 aos 13 anos), tive a primeira e importante aparição para o cenário local do esporte. Para minha surpresa, era de se esperar que ficasse no banco de reservas aguardando uma possível chance no decorrer da competição, mas não foi o que ocorreu. De bate e pronto entrei de titular e marquei o primeiro gol da equipe na competição e nos jogos escolares. O mais marcante neste dia não foi apenas o gol e sim o fato de minha estar presente

---

<sup>32</sup> Pode parecer algo precoce ou soar como forte, no entanto, defini dessa forma para que se tenha clareza de que foi nesse período que frequentei uma escola especializada de futebol.

<sup>33</sup> Existem especificações de categorias com base na idade: pré-mirim, mirim (10 a 13 anos); infantil (14 e 15); juvenil (16 e 17) e juniores de (18 aos 20 anos). Vale salientar que, na época, eram assim e que hoje passou por mudanças, no entanto essa classificação aparece para o leitor ter clareza do que se trata.

<sup>34</sup> Futebol em forma de lazer, praticado em momentos de divertimento, sem estar associado ao trabalho, por exemplo.

no Ginásio. Consegui perceber sua presença ao sair para comemorar. Vi seus bracinhos no último batente da arquibancada, atrás de pessoas gritando: “Valeu, meu filho! Valeu, Ywky!”. Ressalto, o importante momento vivido na escola, sobretudo em termos de projeções, pois foi através do esporte na escola que pude aumentar de nível e viajar para capital.

A partir de então, e cada vez mais alimentado pelo contexto futebolístico (televisão, treinadores, colegas), fui incorporando, de fato, a real possibilidade de “virar” um jogador de futebol bem-sucedido na profissão. A meta sempre foi a de participar de um campeonato de maior nível, pelo simples fato da competitividade e, resultante desta ser uma vitrine de grandes proporções para revelar atletas.

As competições realizadas em minha cidade não diziam muita coisa do ponto de vista de me tornar conhecido pelos grandes clubes. Então comecei a pensar em novas possibilidades, como a de jogar em Natal (capital do Estado), onde, além de um número maior de competições, há grandes clubes do Estado, como América de Natal, Alecrim Futebol Clube e o ABC Futebol Clube. Lá a possibilidade de destaque e de ingressar nesses clubes para vivenciar a prática do futebol no sentido de me tornar profissional eram maiores. Mas, os recursos financeiros não me permitiram viajar de imediato para fazer testes, então o único caminho que me restava era ganhar ou ficar em segundo lugar na competição escolar da Regional de Caicó-RN, assim garantiria vaga para a fase final dos JERNS<sup>35</sup>, realizada em Natal.

### **Formação no futebol**

Antes de falar como foram as etapas formativas, preciso contar um pouco da minha primeira viagem para jogar futebol em um clube profissional. Reforço que antes dos 10 anos de idade eu já frequentava escolinha de futebol e que propunha desenvolver as capacidades físicas, técnicas, táticas, psicológicas do futebol dentro de uma perspectiva global/ampliada de forma lúdica.

Depois de iniciado meu período de competições nos jogos escolares e em outras competições (bairros, regionais), fiz a minha primeira viagem, para São Gonçalo do Amarante “o Touro”. Isso aconteceu quando tinha 14 anos de idade (2005). O responsável por essa viagem foi Silva Dioro (*in memorian*), um ex-atleta de futebol muito famoso no Nordeste, principalmente nos estados do Rio Grande do Norte e Paraíba, que residia em Caicó e tinha uma escolinha de futebol, na época frequentada por muitos adolescentes que também tinham o

---

<sup>35</sup> Última etapa dos jogos que reuniam os campeões e vices de todas as regionais.

sonho de se tornar um profissional do futebol. Na época, o São Gonçalo despontava no que se refere à infraestrutura no Estado. Tinha acabado de construir um excelente centro de treinamento para formação de atletas e trabalhos no profissional e ali estava a minha primeira oportunidade.

Minha ansiedade girava em torno de dois aspectos: o de estar no caminho certo para o tão esperado sonho; e a expectativa de sair de casa e ficar longe dos meus pais. Essa ruptura já se tornava preocupante. Eu, filho único, tinha uma ligação muito forte com minha família, sobretudo com a minha mãe, prova disso é o fato de que até os 12 anos de idade eu dormia nos braços dela. Mas o tão esperado sonho aproximava-se e era real.

Não me lembro da data desse momento, porém, me recordo do que ocorreu no dia. Ao chegar ao CT (bem afastado da cidade), naquele dia chuvoso, minha mãe me deu um beijo e disse: “que Deus te abençoe e proteja, meu filho”. Não contive as lágrimas. Mesmo com o sonho sendo extremamente importante, aquela ruptura doía, afinal, tinha apenas 14 anos.

Naquele dia, percebi de cara que não era como na televisão (toda aquela estrutura dos clubes etc.). Quando o gerente me levou para o quarto e disse que ali era o meu lugar, tomei um choque de realidade. Eu não era rico, lá em casa tinha apenas um quarto e eu o dividia com meus pais (quando não era numa rede por cima da cama deles era em uma cama do lado). No entanto, ao ver a cama de cimento e sem televisão pensei logo: “o que, danado, irei fazer quando não estiver treinando? Entrei em choque!

Ao final da tarde, assim como toda mãe, que conhece o filho apenas no olhar, ou através da voz, minha mãe me ligou e percebeu que eu não conseguia terminar uma frase. Minha voz estava trêmula como quem tinha chorado ou estava triste. E ela me fez a seguinte pergunta: “Meu filho, tá achando ruim”? Se quiser peço para Helena<sup>36</sup> passar aí e vamos pra casa, quer? De antemão, não foi a pergunta que me fez tomar a decisão de voltar pra casa no primeiro dia, e sim o choque de realidade. Refleti sobre o meu sonho e resolvi voltar e me preparar, sobretudo psicologicamente.

Um ano depois daquela experiência frustrante em São Gonçalo do Amarante (clube Touro), foi através da escola que surgiu uma excelente oportunidade. Na época, como já dito anteriormente, as duas melhores equipes da escola tinham acesso à competição em Natal (JERNS fase final). Em 2006, o Cuca Colégio e Curso (escola na qual fui bolsista atleta no 8º ano, 1º e 2º ano do ensino fundamental) ficou em 3º lugar e, para assegurar a vaga, uma das

---

<sup>36</sup> Helena foi a senhora nossa vizinha de rua, com quem viajamos de carona para São Gonçalo. Depois de ter me deixado no CT, minha mãe voltou para Natal em sua companhia.

escolas precisava desistir. Foi o que aconteceu e, para nossa alegria (inovador para Escola), participamos daquela competição.

Em uma de nossas partidas se fez presente um ex-atleta muito famoso e com grandes passagens por clubes no Brasil e pelo mundo, de nome Carlos Moura Dourado, ou Moura, popularmente. Ele foi olhar um jogador de nossa equipe, cujo irmão havia comentado (futura promessa) e acabou me convidando para fazer um teste em sua escolinha.

No final do ano de 2006 comecei, então, a ir para Natal, para treinar na escolinha de Moura. Estudava e treinava durante a semana, em Caicó-RN, e aos sábados viajava para a capital. Moura, ao final do ano, agendou um teste no clube onde também trabalhava (América de Natal) para avaliar qual o meu desempenho. Fiz o teste e tive a minha primeira aprovação para jogar em uma equipe, no entanto não havia garantias de mudanças para Natal. Como disse, meus pais não tinham condições de bancar despesas na capital do Estado (custo de vida alto).

Em virtude de mais essa barreira, tinha plena convicção de que precisava “agir”. Em um dia de sábado, soube que uma escola (particular) estava selecionando atletas para compor as equipes do ano de 2007. Pensando numa relação estudo-futebol, fiz a seletiva e fui aprovado. Tinha duas notícias para dar à mainha, a de que eu poderia jogar e estudar.

Com isso, no ano de 2007 as coisas começaram a tomar outros rumos. Agora me encontrava mais próximo do meu sonho do que quando estava em Caicó-RN, sobretudo pela visibilidade que os grandes clubes da capital proporcionam aos atletas. Tendo essa oportunidade, busquei intensificar as horas de treinos para além do clube. Tendo em vista que no clube treinava todos os dias, pela tarde, durante a noite, quando não havia treino do CDF (Colégio dos Feras), escola que frequentava, ia treinar na academia ou correr em média 12km. Na medida em que a chance aumentava eu também aumentava os treinos.

Neste mesmo ano de 2007, dei um importante passo na minha carreira futebolística. Além de ter sido aprovado e estar jogando nas categorias de base do América Futebol Clube-RN, passei na peneira<sup>37</sup> do Clube de Regatas Flamengo-RJ e no Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense-RS. Na época, a notícia saiu em matérias de jornais e assim ganhei visibilidade.

Estes foram momentos de extrema alegria para minha família, tendo em vista a dificuldade, concorrência e o nível dos testes. Para se ter uma ideia, a peneira do Flamengo contou com a participação de quase 1.000 atletas, já a do Grêmio com aproximadamente 300. Atribuo as conquistas ao grande esforço na perspectiva de materialização do sonho. Toda essa conjuntura nos encheu de esperanças para cada vez mais apostarmos na carreira futebolística.

---

<sup>37</sup> Processo de detecção de talento. Um clube anuncia este processo para que possam observar novos jogadores e agregarem a suas categorias de base com o propósito de revelar novos talentos.

A escolha do Flamengo se deu depois de vários momentos de reflexões, sobretudo com a minha mãe (mesmo sem entender muito de futebol). Por ser um clube de muita torcida despertava o meu interesse (mesmo sendo botafoguense). Portanto, a escolha do Flamengo se deu através da influência do clube em jornais, internet, da torcida e de sempre estar revelando excelentes jogadores.

Viajei sozinho para o Rio de Janeiro e estando lá, vivenciei a rotina de um grande clube. Treinos pela manhã e/ou tarde e em alguns dias da semana nos dois períodos, à noite. Quando os atletas que residiam no alojamento (localizado em Vargem Grande-RJ) iam para escola, eu ficava em casa (falando com os meus pais) ou então ia para uma *lan house* (espaço para utilizar a internet). Do ponto de vista futebolístico, não entendi, naquele momento, porque eu não participava dos coletivos<sup>38</sup> direito. Ora, se estava sendo avaliado e tinha sido aprovado em uma peneira com mais de 800 atletas, tinha algo de bom para mostrar. Todavia, os segredos e interesse do futebol trataram de me explicar o porquê de ter sido dispensado do Clube de Regatas Flamengo. Depois do resultado, retornei a Natal com uma experiência a mais e cheio de vontade para continuar a caminhada em busca do meu sonho.

Ainda neste mesmo ano de 2007, passei por um período de testes/avaliações no Clube Atlético do Porto, localizado em Caruaru, no estado de Pernambuco. Também, neste momento, não consegui progredir. Em 2008, viajei para a Bahia, para jogar no Esporte Clube Bahia (Clube de maior torcida do estado). Lá passei cerca de 3 meses e, por alguma razão, não assinei contrato profissional (mesmo o contrato estando pronto). Este momento também foi singular em minha carreira futebolística, desde a primeira semana de testes até a nossa saída (dispensa). Utilizo nossa porque pela primeira vez tive a oportunidade de jogar no mesmo lado de um amigo de Caicó-RN, de nome Tiago. Aliás, o considero como membro da minha família, inclusive, o denomino de primo, ainda que não seja de sangue.

Mesmo já tendo vivido em alojamentos (Flamengo e Porto de Caruaru), no Esporte Clube Bahia tomei um susto quando me apresentaram o quarto para os garotos que faziam testes no clube, sobretudo porque se tinha relatos que não era seguro, pois sumiam objetos (enquanto outros garotos treinavam). Por esse motivo, as bolsas tinham cadeados, da mesma forma que roupas, perfumes, dinheiro, os pertences em geral. Sorte a minha ter meu primo lá (já estabilizado) que guardou minha bolsa ao menos durante o primeiro dia de teste. Meu resultado foi positivo, de modo que fiquei no clube.

---

<sup>38</sup> Treinos que simulam um jogo, entre a mesma equipe, por exemplo: os 11 titulares com os 11 reservas.

Devido o aval do treinador, ganhei uma vaga nos quartos dos atletas com 4 camas e fiquei alojado em melhores condições no clube. Abro um parêntese para reforçar que essa situação nunca havia ocorrido comigo. Durante o período em que estive lá, devido à dinâmica do “entra – sai”, havia instabilidade/rotatividade de garotos (toda semana chegava e saía). Também reforço que não era algo exclusivo do clube. Presenciei isso em outros momentos da carreira. O motivo pelo qual o relato apareceu aqui tem justificativa pessoal, pois foi este o momento em que mais escutei ruídos de sumiços de objetos. No Porto de Caruaru, por exemplo, tinha quartos duplos e quartos com uma capacidade maior para os atletas que iam fazer testes e lá, também escutávamos relatos do tipo.

Criar-se no futebol é estar preparado para a vida e uma das condições para se tornar um jogador é estar preparado para o desaparecimento de alguns pertences. Não bastava a pressão do meio por resultados, assim como a saudade da família, abdicação de uma adolescência, entre outras situações a mais, o processo foi extremamente complexo e não dependia apenas de mim. Nada daquilo tinha visto na televisão. Até aquele momento nada fazia sentido. Onde estavam os carros? Dinheiro? Só me restava a vontade. Queria ir até o final, queria vencer.

No mesmo ano, viajei para uma cidade chamada Águas de Lindóia (estado de São Paulo). Junto comigo foram outros jogadores que faziam parte de um clube empresa<sup>39</sup> (localizado em Natal), do empresário que, na época, mandava jogadores para fora do estado e do país. O clube onde fui fazer teste tem como proprietário um grande jogador da Seleção Brasileira na década de 70, clube muito bem estruturado, todavia, foi nessa época que tive minha primeira interrupção por motivo de lesão, e, por essa razão, fui dispensado.

Ainda em 2008, não voltei para o Rio Grande do Norte. Passei uns dias na casa de parentes, em São Paulo, e de lá, depois de recuperado, fui para Jacareí (também no interior de São Paulo), um clube de um Polonês que formava jogadores no Brasil e levava (os destaques) para Polônia. Depois de alguns meses, o clube não se manteve e dispensou todos os atletas por questão financeira. Devido estar jogando bem, o treinador viajou para o Estado de Santa Catarina e levou me levou, juntamente com alguns jogadores, para disputar uma competição. Então conheci a pequena e pacata Guarujá do Sul. Tive uma passagem curta pela equipe da cidade e, ao término da competição, surgiu um convite para retornar a Natal para treinar.

Em 2009, já em Natal, voltei a treinar no clube empresa, dessa vez com uma proposta para jogar em Portugal. Essa oportunidade me fez brilhar os olhos de uma forma singular, porque era muito claro para mim o desejo de um dia jogar no continente europeu, disputando

---

<sup>39</sup> Clube que tem como objetivo revelar e, consequentemente, vender jogadores. De fato, torna-se uma empresa de “fabricar” jogadores.

grandes campeonatos e, por consequência disto, melhorar a vida da minha família financeiramente e me realizar profissionalmente.

A ida a Portugal é um capítulo à parte. De antemão, foi um dos melhores anos de minha vida. Conhecer outra cultura, outro povo e aprender muito com tudo aquilo me permitiu criar um carinho enorme por aquele país. No entanto, e como todo início, não foi fácil. Ao chegar, fui para um clube chamado Sport Lisboa e Nelas, mesmo nome da cidade Nelas<sup>40</sup>. Havia boas condições para treinamento (campo e bolas), só que a estrutura (dormida e alimentação, por exemplo) não era das melhores. O clube não era da elite portuguesa de futebol, por isso não tinha maiores investimentos e visibilidade.

Enfrentei dificuldades em relação ao frio e à própria dormida, pois não havia camas para todos os jogadores. Graças a outro brasileiro, que fez questão de juntar colchões no chão, eu tive como dormir. No entanto, tinha a convicção de que esses obstáculos eram passageiros. Por isso, todo e qualquer esforço valeria a pena (assim eu pensava). Vale tudo por um sonho.

De repente, recebi a notícia de que o clube não tinha condições de pagar minha transferência para jogar e, em virtude disso, se meus pais ou empresário não pagassem, seria dispensado. Devido às dificuldades financeiras, foi o que ocorreu com três dos cinco atletas que viajaram conosco. Eles retornaram a Natal. Como eu tinha idade para disputar competição Juniores<sup>41</sup> tive outra oportunidade para fazer testes, só que, ao invés de profissional, tive que “descer” de categoria e jogar nos Juniores (categoria até 20 anos).

O Sport Comércio e Salgueiros possui sede na cidade do Porto e tem uma linda história no futebol português. Com grande número de adeptos, se tornou um dos grandes times do país. Todavia, por questões financeiras, alguns anos antes de 2009, declarou falência e, naquele momento, apostava no futebol de formação (por estar na 1ª divisão de juniores) para revelar jogadores e manter-se no cenário nacional do esporte.

Depois de dois dias de testes, o treinador Leão (por quem tenho enorme carinho) me aceitou e logo fui incluído no elenco. Estava muito feliz porque a situação favorecia. Jogar em um grande clube da Europa e disputar a Primeira Divisão de Juniores (elite do campeonato de base) era uma vitrine e uma importante oportunidade.

Contudo, com o passar da temporada não brilhei o quanto esperava. E, infelizmente, resultante da máxima de um mundo capitalista, não produzir é condição *sine qua non* para dispensar/descartar. Ao final da temporada surgiram dificuldades, inclusive econômicas, que se

---

<sup>40</sup> Nelas é uma vila portuguesa no Distrito de Viseu, região Centro e sub-região do Dão-Lafões, com cerca de 4 700 habitantes. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Nelas>>. Acesso em: 22 out. 2017.

<sup>41</sup> Campeonato Português tem categorias e a Juniores era 18/19 anos

tornaram preponderante na minha decisão. Tive a possibilidade de permanecer mais um ano em Portugal, inclusive de tentar outro clube e passar por momentos de testes/avaliações outra vez, todavia, o momento de rever a família, amigos falou mais alto.

A partir desse momento, senti o cansaço de anos de viagens, longe de casa, dos amigos e da família, razão pela qual decidi retornar ao Brasil e passar aproximadamente 15 dias com minha família, uma espécie de férias. Ao chegar a Natal e depois a Caicó, a condição de atleta de futebol me propiciou fama e aonde eu ia logo as pessoas me paravam para conversar sobre a cidade, o clube etc. Claro que não havia ficado rico, porém, em Caicó, tinha ficado famoso. Fui convidado, inclusive, para visitar minha antiga escola e falar um pouco do que é ser jogador de futebol. Também fui solicitado para dar entrevistas em programas de rádios, etc. De modo geral, dos 15 dias que pretendia ficar no Brasil, passaram-se um, dois, três meses e não retornei a Portugal.

O convite do diretor da escola para voltar aos estudos (ao cursinho pré-vestibular) e para jogar um campeonato estadual de Juniores (categoria até 20 anos) pelo Clube Atlético Corinthians de Caicó, bem como a possibilidade do ressurgimento de um clube profissional da minha cidade (Caicó Esporte Clube), atrelado ao fator família em primeiro lugar contribuíram para a minha permanência em Caicó, pelo menos até o vestibular, no final do ano de 2010.

A aprovação no vestibular para o curso de Educação Física (ano de 2010) me fez continuar os estudos e colocar o futebol em segundo plano. Em 2011, disputei a última competição<sup>42</sup> como jogador profissional pelo Caicó Esporte Clube. Fomos campeões da 2ª divisão de Futebol Profissional do Estado do Rio Grande do Norte e, conseqüentemente, obtivemos o acesso à elite do futebol estadual.

Para o ano de 2012, optei pelos estudos e, aos 20 anos, abandonei a carreira de atleta profissional de futebol para me dedicar aos estudos. Muitos questionam a precocidade de minha decisão e dizem: “Mais omi! Talvez, se tivesse continuado, tivesse rico hoje”. Eu respondo a este tipo de reflexão, ou não, instigando a quem me faz este tipo de pergunta/reflexão a pensar sobre a complexidade de ser um atleta profissional e viver bem. Em outras palavras, eu conto um pouco da minha história até o momento em que decidi tomar a decisão.

Em síntese, não há garantias de sucesso e arrisquei até onde tive forças para arriscar. A escolha pelos estudos foi a minha primeira opção aos 20 anos de idade, tendo em vista e considerando toda uma maturidade adquirida durante a vida de atleta. Todavia, durante o

---

<sup>42</sup> Campeonato Estadual do Rio Grande do Norte – 2ª divisão

processo de formação no futebol meus estudos sempre estiveram em segundo lugar, justamente por arriscar no sucesso da profissão.

Adiante contarei um pouco da importância da escola na vida de um atleta em formação no futebol. Agora o olhar tem ênfase e maior peso no processo de formação escolar. Nesse sentido, o leitor reflita junto comigo a importância da escolarização na vida de milhares de jovens espalhados pelo Brasil. Mais uma vez, a história a ser contada foi a que vivenciei durante um bom período de minha vida.

### **Escola ou futebol? Por que não os dois?**

A formação escolar e a formação futebolística ocorrem simultaneamente na vida dos adolescentes, salvo os casos de abandono de um ou de outro. Nesse caso, a decisão pende/inclina predominantemente para o abandono escolar, devido às possibilidades proporcionadas pelo futebol, como fama, dinheiro, realização profissional, etc. Ao constatar o fato, nos deparamos com uma questão reflexiva e que me instigou bastante a pensar: por que não se pode conciliar os dois?

Pois bem. Essa questão tem um teor crítico/reflexivo aguçado, digamos assim. A ideia das fortunas propiciadas pelo futebol, de fato ocorrem, no entanto, apenas para uma minoria. No envolvimento desse contexto temos um grande número de jovens que investem nesse segmento apostando tudo que têm e o que não têm na concretização do sonho. Lembro, então, aquilo que relatei no início da minha chegada a Portugal e o discurso de aceitação que pelo sonho vale tudo. Pois bem, esta é uma mensagem bastante enfatizada em nosso meio, que motiva os adolescentes a estarem abertos a tudo que se tem pela frente em prol do sonho. Ainda nesse teor crítico de nosso diálogo, reitero que não proponho desiludir, desestimular nenhum adolescente na busca pelo sonho, ao contrário, proponho refletirmos juntos sobre esses caminhos.

Filho de uma professora que sempre acreditou muito que a educação é uma saída e excelente caminho no constructo do cidadão, minha, com maior peso em nossa casa sobre a questão escolar, fez um tremendo esforço para pagar meus estudos (até o momento das bolsas). Tendo isso claro, mesmo cogitando a possibilidade (na época) em desistir da escola para ficar apenas no futebol, não teve acordo. Aliás, teve um primeiro, eu terminaria os estudos (3º ano do Ensino Médio) e depois me dedicaria apenas ao futebol. Ou seja, a base familiar em meu caso foi extremamente importante na decisão.

No tópico anterior, falei sobre o meu processo de formação no futebol a fim de mostrar os percalços, barreiras, dificuldades enfrentadas por um indivíduo que nasceu no interior do

Rio Grande do Norte e que sonhava em vestir a camisa da Seleção Brasileira. Agora pretendo contar a minha trajetória escolar durante o processo de formação futebolística, perpassando por momentos singulares que contribuíram na escolha de um dos caminhos. De antemão, adianto, para os que buscam as duas possibilidades (estudar e jogar), que há uma complexidade enorme para manter-se com qualidade nas duas instituições, necessitando rever alguns pontos, inclusive o papel do clube, por exemplo.

Durante a iniciação esportiva, o futebol não atrapalhou meus estudos, pelo contrário, nas escolinhas o discurso de que estudar é preciso/necessário era uma constante, com a proposta de contribuir para a formação de um cidadão. Existia uma curiosidade, o acompanhamento das notas escolares. Ficar em recuperação, por exemplo, era um motivo para o aluno ser chamado atenção e, devido à vontade de jogar ser grande, o aluno/atleta se esforçava de modo que recuperasse a nota. Então, nessa perspectiva, posso dizer que o futebol contribuiu com a minha formação escolar lá no início da carreira, em Caicó-RN.

No entanto, como já fiz questão de escrever anteriormente, as competições locais não tinham grandes projeções no que se refere a revelar jogadores para os clubes nacionais ou mesmo da capital (Natal-RN). Quem vislumbrasse essa possibilidade (no caso eu), teria que sair da cidade na qual residia. A partir desse momento, comecei a perceber uma dificuldade em conciliar o futebol com os estudos.

Em São Gonçalo do Amarante-RN, no clube Touro, mesmo ficando um dia na concentração, percebi que uma grande parte dos atletas que residiam nos alojamentos estudava no período noturno, tendo como justificativa a disponibilidade dos horários diurnos para treinos do Clube. Todavia, não precisamos ser um expert nesse assunto para imaginar uma situação de cansaço físico ao final do dia, provocado pelos treinos, e uma falta na escola. Os que vivem longe de casa, por exemplo, aproveitam o período noturno para conversar com os pais. Em ambos os casos, o horário escolhido para descanso ou outra opção, por exemplo, são os horários escolares e, com esse fato ocorrendo sistematicamente, temos um problema em projeção.

Em Natal, aos 16 anos de idade e aluno pré-vestibulando, o momento foi bem crítico para mim no que se refere à dedicação aos estudos escolares, devido os horários dos treinos no América de Natal, que ocorriam durante o período da tarde. Alguns atletas estudavam pela manhã ou à noite, eu estudava pela manhã. Para não me atrasar, tinha que sair correndo da escola para o Centro de treinamento (CT)<sup>43</sup>. Nas segundas, quartas e sextas, ao final do treino,

---

<sup>43</sup> As aulas terminavam às 12h30 e eu precisava sair correndo para pegar o ônibus da escola para casa (chegava entre 13h15 a 13h30), almoçar com muita pressa e depois ir correndo até a BR pegar o ônibus para o centro de

tinha que retornar à escola para treinar a modalidade (futsal), uma vez que eu era bolsista. Retornava à minha casa perto das 22 h.

Depois de um dia como esses, o que poderia fazer se não dormir de tão cansado? Somando ao cansaço havia os jogos do campeonato, que ocorriam em dias da semana. No meu caso, não tive prejuízos nas aulas presenciais porque estudava pela manhã, porém tive perdas consideráveis na produção de trabalhos, realização de pesquisas, estudos para o vestibular, etc. Já os colegas que estudavam à noite, acabavam ou por não irem às aulas ou por chegarem atrasados. De certa forma, um campo de formação não estava dialogando com o outro e a consequência disso foi uma competição, ao meu ver, desnecessária.

Pois bem, com esta rotina os estudos, naquele momento extremamente importante para uma carreira acadêmica, foram ficando de lado e já não conseguia acompanhar os meus colegas, em razão da escolha feita em seguir prioritariamente no futebol. Lembro que, naquela época, em conversa com minha mãe, cogitei a possibilidade de largar os estudos e me dedicar apenas ao futebol. Contudo não obtive sucesso e continuei nos estudos, graças à intervenção da minha mãe.

No mesmo ano de 2007, conforme já relatado anteriormente, estive no Rio de Janeiro para passar por um período de testes no Flamengo, resultado de uma aprovação em peneira realizada nos Estados do RN, PB, CE. Fui dispensado e, ao retornar a Natal-RN, surgiu uma nova oportunidade no interior de Pernambuco, na cidade de Caruaru, no clube do Porto, ou popularmente conhecido como Porto de Caruaru. Já se passavam alguns dias que estava em teste e, preocupada com a escola, minha mãe me cobrava quando saíria o resultado e quando iria voltar aos estudos. A não resposta do clube fez com que minha mãe fosse até Caruaru conversar com o presidente e aquela ação foi um dos motivos da minha dispensa, fazendo com que retornasse para Natal.

A gratidão que tenho pela senhora Jucinês não se explica em palavras. Se não fosse aquela atitude, talvez eu não tivesse concluído o Ensino Médio e, conseqüentemente, o Superior e Mestrado. Ressalto, portanto, o valor da família para decisões e direcionamentos importantes na vida, no meu caso para a permanência na escola.

---

treinamento, que ficava localizado na cidade de Parnamirim-RN. Caso perdesse alguns desses ônibus, não treinaria. Tendo em vista uma viagem de 30 a 40 minutos, aproveitava para dormir um pouco. Nas segundas, quartas e sextas-feiras, ao sair do treino do América Futebol Clube, por volta de 17h às 17h30, levava uma bolsa com os tênis, porque teria que passar direto para Natal e treinar com a equipe de futsal da escola. Ou seja, saía às 7h de casa e retornava praticamente às 22h. De fato, o cansaço devido às atividades realizadas, me dominava e por este motivo os estudos iam ficando de lado.

Como diz Zeca Pagodinho, em um trecho da música *Deixa a vida me levar*<sup>44</sup>, “E aos trancos e barrancos lá vou eu[...]”, em busca do meu processo de conclusão do Ensino Médio, quase sendo reprovado ou mesmo desistindo. No ano de 2008, não tive problemas com a perspectiva escolar, tendo em vista que já havia concluído e, em virtude disso, pude me dedicar apenas ao futebol. Mesmo assim os estudos me faziam falta.

Em 2009, viajei para o continente europeu e, durante o campeonato, senti uma necessidade de voltar aos bancos escolares. Externei meu desejo ao dirigente do Sport Comércio e Salgueiros, conhecido por Luis Manuel Pinheiro,<sup>45</sup> que não mediu esforços e apresentou minha inquietação ao coordenador. Mas apareceu um problema que de imediato precisava ser resolvido. O modelo de ensino em Portugal difere do brasileiro, portanto, mesmo tendo concluído o Ensino Médio, precisava obter equivalências e os valores<sup>46</sup> finais para ingresso no Ensino Superior. Fui ao Consulado Brasileiro, que fica no Porto, entreguei a documentação e aguardei. Antes de receber o resultado, frequentei, também no Porto, uma escola chamada de Externato Santa Clara e, naquele momento, Portugal me provocou uma reflexão que até hoje me persegue. Durante a “volta” aos estudos, percebi que era possível conciliar a formação escolar com a formação no futebol, porque no Salgueiros treinávamos à noite.

Diante dessa percepção, em um dia comum de treino, fiz dois questionamentos ao Mister<sup>47</sup> Ricardo: “Ô Mister! Por que treinamos à noite? Por que não treinamos dois períodos (manhã e tarde)? De forma rápida e segura o treinador me respondeu: “Porque pela manhã e à tarde são destinados para escola/faculdade, ou seja, é livre para os alunos estudarem”. Esta resposta do Mister Ricardo me provocou uma reflexão profunda e complexa, inclusive, retornando o olhar para o meu processo de formação futebolística/escolar e para tudo aquilo que havia vivenciado no Brasil.

Ao receber as equivalências, conversei com o Sr. Luís com o objetivo de nesse diálogo conseguir me matricular no ensino superior, especificamente no curso de Desporto, de uma Faculdade em Portugal (não tinha preferência). Luís entrou em contato com a polícia de estrangeiros, conhecida por SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras), através de uma carta escrita, solicitando uma autorização para que eu pudesse ingressar no ensino superior. A

---

<sup>44</sup> Letra da música *Deixa a vida me levar*. Zeca Pagodinho: Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/zeca-pagodinho/49398/>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

<sup>45</sup> Dirigente na época do futebol de formação do Salgueiros, com quem morei, juntamente com sua família, em Portugal, durante minha passagem pelo Salgueiros.

<sup>46</sup> Nota/Média atribuída aos alunos que concluem o 12º ano em Portugal.

<sup>47</sup> Mesmo que treinador, no Brasil.

negação do pedido me fez repensar a minha persistência (sem estudar) no futebol, ou seja, não queria apenas jogar e sim poder conciliar os dois segmentos.

A razão de também querer estudar se deu pela não garantia de sucesso no mundo do futebol, em virtude de interrupções precoces por lesões, desestímulos, etc. Todos os atletas estavam e continuam sujeitos a alguma situação deste tipo e em caso de interrupção, sem estudar, o que fazer? Portanto, e cada vez mais, os estudos surgiam em meu horizonte. A partir de então, já percebendo essa incompatibilidade, comecei a amadurecer a decisão que precisava tomar a fim de seguir o fluxo da vida. Não conseguia mais pensar nas duas possibilidades e, assim, tomei a decisão de parar com o futebol e me dedicar aos estudos.

Com efeito, a decisão em seguir a profissão de ser jogador de futebol profissional vem do sujeito, da família e sofre também influência do meio. Na concretização desse sonho o clube se revela como um espaço extremamente importante na vida de milhares de adolescentes, por ser um mediador entre a realização ou frustração desse sonho. Torna-se um espaço não só de desenvolvimento das capacidades relacionadas com o futebol, mas também de acompanhamento da vida desses adolescentes. A escola entra como importante espaço de formação para a vida e, por isso, necessita de uma atenção especial. Logo, tanto o clube como a escola têm suas devidas responsabilidades para com o atleta em formação. A partir dessa afirmação consideramos importante entender o olhar dos clubes para com a escola, a fim de provocarmos reflexões acerca de todo o processo de formação dos atletas, vidas que estão em jogo e que precisam, em determinados momentos, tomar decisões extremamente importantes.

### III A REGRA DO JOGO: OS ELEMENTOS E O PERCURSO DA PESQUISA

A produção do conhecimento tem aspectos imbricados à condição existencial do homem. Em outras palavras, desde quando “a gente é gente” apresenta uma sede pela construção de novos saberes. Nesse sentido, o novo, no contexto do conhecimento, é condição *sine qua non*<sup>48</sup> e imprescindível para a evolução da espécie.

Dentro do processo de construção do conhecimento, a metodologia se torna extremamente importante e condiz, sobretudo, com a materialização do saber. Conhecido como passo-a-passo, esse importante tópico apresenta os caminhos da pesquisa e a justificativa para a decisão de segui-los.

Decerto, as correntes do pensamento influenciaram/influenciam a humanidade de forma singular. Na pesquisa não é diferente, a escolha da abordagem ou abordagens se torna importante e decisiva durante o processo de sua construção. No caso desta pesquisa, por considerar as pessoas enquanto principais sujeitos, sobretudo suas falas (e aqui destaco também o relato das minhas vivências como ex-atleta), para garantir a qualidade dos discursos durante a realização das entrevistas adotamos a abordagem qualitativa.

Essa perspectiva teórica se contrapõe aos métodos quantitativos, sobretudo em decorrência das limitações expostas (do outro) durante a realização dos trabalhos, ou seja, por não atenderem ou englobarem toda complexidade envolvida. Por isso, novas abordagens têm surgido, principalmente nas ciências sociais/humanas.

Poupart *et al.* (2008) contemplam o importante momento do surgimento desse novo modelo de ciência (século XIX) que quebra, inclusive, com o dogmatismo pré-estabelecido na perspectiva outra. Assim discorrem sobre as possibilidades desse novo momento:

[...]essas mesmas ciências parecem nos dizer que o mais importante não é o envolver-se com um conhecimento neutro da realidade objetiva, mas, ao contrário, produzir um conhecimento, certamente útil, mas explicitamente orientado por um projeto ético visando à solidariedade, à harmonia e à criatividade. POUPART *et. al.*, 2008, p. 44).

Godoy (1995) corrobora os aspectos antropológicos da pesquisa qualitativa ao dizer que é a partir da segunda metade do século XIX, através do estudo sociológico de Frédéric Le Play

---

<sup>48</sup> Locução adjetiva originada do Latim e que significa “sem a qual não”. É uma expressão frequentemente usada no nosso vocabulário e faz referência a uma **ação ou condição que é indispensável, que é imprescindível ou que é essencial**. Informação disponível em: < <https://www.significados.com.br/sine-qua-non/>>. Acesso em: 18 maio. 2018.

(1806 – 1882), intitulado *Les ouvriers européens* e publicado em 1885, que surge ou se tem registros desse novo olhar perante a pesquisa. Todavia, vale destacar que a importância desta nova proposta de pesquisa se deu através das possibilidades que a observação direta traz para a pesquisa, transcendendo a lógica racional ou quantitativa dos objetos.

Mediante as observações dos autores citados, entendemos que a pesquisa qualitativa considera tanto o pesquisador como o espaço ou local onde ocorre o fenômeno investigado, criando um elo entre eles, extremamente importante para a materialização do trabalho. Sobre essa relação de interação, Neves (1996) diz ser fundamental a aproximação do pesquisador com o objeto e o local, o que corrobora na qualidade do processo, sobretudo, na obtenção dos dados. González (2005) endossa essa observação ao afirmar que este modelo de pesquisa “envolve a imersão do pesquisador”.

Não obstante as vantagens apresentadas, o modelo de pesquisa qualitativo exige cuidado com o teor de aprofundamento. Não por menos, Pradanov e Freitas (2013) descrevem a relação complexa entre pesquisador-objeto quando relatam o contato direto entre ambos, do mesmo modo que atentam para cuidados em consequência dessa aproximação, com destaque para a manipulação dos resultados. Em virtude dessa relação próxima, imbricada, intrínseca, o pesquisador precisa adotar medidas que preservem ou minimizem as interferências no produto final do trabalho. No que diz respeito à pesquisa ora apresentada, consideramos a relevância desta abordagem tendo em vista, justamente a relação direta com os sujeitos e, conseqüentemente, a compreensão e adaptabilidade com o ambiente a que pertencem.

A pesquisa qualitativa em seu significado nos diz muito. A qualidade dos dados, assim como do processo de análise é fundamental para a compreensão dos fenômenos. Ademais, não se prende à rigidez de métodos que refutam ou concordam com alguma ideia. Segundo González (2005, p. 81), “[...]a pesquisa qualitativa representa um processo permanente, dentro do qual se definem e se redefinem constantemente todas as decisões e opções metodológicas no decorrer do próprio processo de pesquisa”. Ou seja, considerando a diversidade dos sujeitos, a pesquisa pode, de repente, seguir por outra verdade e propiciar, criar, novos conhecimentos. Isso não significa, entretanto, ausência de rigor, por parte do pesquisador.

A partir de uma visão cientificamente tradicional, a pesquisa de natureza qualitativa é aquela que, segundo Bogdan e Biklen (1994), não estabelece os questionamentos a serem investigados por meio de variáveis. Assim, as questões são formuladas com o objetivo de estudar os fenômenos na realidade em que se inserem, permitindo percorrer os caminhos das significações, das opiniões e das vivências dos sujeitos.

Nessa esteira de pensamento, Bogdan e Biklen (1994, p.47-50) descrevem cinco características que identificam uma pesquisa qualitativa: 1. “Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal; 2. A investigação qualitativa é descritiva; 3. Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos; 4. Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva; 5. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa”.

Uma vez exposta a relevância da perspectiva qualitativa para o nosso trabalho, seguimos com a apresentação das técnicas adotadas para a obtenção dos dados referentes aos clubes de nosso interesse, América de Natal e do ABC Futebol Clube, ambos no Estado do Rio Grande do Norte, Brasil. Vale frisar que os clubes estão aqui representados por seus coordenadores de base, portanto, sujeitos da nossa pesquisa, o que nos levou a optar como instrumentos investigativos as entrevistas semiestruturada e reflexiva.

Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 134), a entrevista “[...] consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas [...]”. Escolhemos essa técnica de investigação devido à aproximação do pesquisador com o campo de investigação, sendo esse um ponto facilitador na compreensão do diálogo.

Dialogar vai, portanto, muito além do ato de responder a algum questionamento. É expressar aquilo que sentimos durante uma interação, que pode iniciar através de uma problematização ou não. Por outro lado, qualquer pessoa tem a opção de não estabelecer um diálogo com outra e de manter o silêncio. Feita essa importante observação, afirmamos que a entrevista como instrumento investigativo corrobora com o sucesso de uma pesquisa no momento em que concede aos entrevistados a liberdade de expressão, de modo a tornar a conversa mais produtiva, sendo possível até abordar questões que não estavam no *script* ou no roteiro.

Nesse processo, atentamos ao rigor metodológico, assim como às implicações que podem acarretar a aproximação ou distanciamento do autor com o objeto. Escolhemos o modelo semiestruturado por acreditar que contribui de forma direta com a fala. Esse tipo instrumento permite adaptações, caso em determinado tópico percebamos novas possibilidades de perguntas. Desse modo, é possível obter novos relatos que contribuirão com a pesquisa.

Bogdan e Biklen (1994, p. 135) mais uma vez contribuem com uma reflexão sobre a estruturação rígida das entrevistas ao comentarem que o controle excessivo pode se tornar um problema quando o entrevistado, por alguma razão, não consegue contar “sua história”. Nesse

caso, o pesquisador ficará impossibilitado em refazer, ou, de repente, tomar novos rumos com o propósito de colher mais informações.

A entrevista é, de fato, um passo importante para a produção de estudos acadêmicos, todavia traz consigo uma tensão que corrobora ou pode atrapalhar os envolvidos, deixando pesquisador e entrevistados nervosos. Sem dúvida, a pressão maior recai sobre o pesquisador, que deve ter o cuidado para não interferir na fala do sujeito que entende e vivencia o fenômeno singular e crucial para novas produções.

Sobre a estruturação ou não estruturação, o importante em torno desse debate é ter a certeza de que: “As boas entrevistas caracterizam-se pelo facto de os sujeitos estarem à vontade e falarem livremente sobre os seus pontos de vista” (BOGDAN; BIKLEN, 1994 p, 136). Portanto, atentamos para esses importantes pontos, estando sempre abertos a possíveis mudanças.

Deste modo e com esse objetivo, direcionamos as conversas com os sujeitos, dando-lhes voz. As falas, tanto quanto outras fontes, possuem extrema relevância em uma análise, por isso ocupam lugar em nossa pesquisa. Devemos ressaltar que antes mesmo de iniciar os diálogos deixamos bem claro aos entrevistados que esse momento seria uma bate-papo descontraído sobre a questão escolar na vida dos atletas, contudo, seguindo o rigor das questões previamente elaboradas (Anexo I).

O diálogo foi iniciado com a apresentação formal do pesquisador, ressaltando os aspectos de formação acadêmica, instituição e programa a que estou vinculado e o tema abordado na pesquisa. Em seguida, os entrevistados assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido autorizando a pesquisa (Anexo II). Nos esclarecimentos deixamos claro que os princípios éticos e morais seriam respeitados e que retornaríamos aos clubes, tanto com as transcrições como com a dissertação em si, para a realização de uma entrevista reflexiva.

A entrevista reflexiva foi proposta por Szymanski (2011). A autora alerta para o “[...]sentido de refletir sobre a fala de quem foi entrevistado, expressando a compreensão dela pelo entrevistador e submeter tal compreensão ao próprio entrevistado [...]” (SZMANSKI, 2011, p. 15). Reforça ainda que essa é uma forma de aprimorar a fidedignidade do conteúdo das respostas. Nessa perspectiva, o entrevistado “[...]ao deparar-se com sua fala, na fala do pesquisador, há a possibilidade de outro movimento reflexivo: o entrevistado pode voltar à questão discutida e articulá-la de outra maneira em nova narrativa, a partir da narrativa do pesquisador” (SZMANSKI, 2011, p.16-17).

Com efeito, em algumas situações, no calor do momento, o participante pode falar alguma palavra que, na transcrição, feita de acordo com a interpretação do pesquisador, pode

aparecer de maneira equivocada e, por essa razão, o texto pode ser alterado pelo entrevistado, lhe garantindo esse direito de discordar do que disse. Esse rito, segundo a autora em destaque, cumpre um compromisso ético dentro da pesquisa.

Com base nesses princípios, depois de realizada a entrevista semiestruturada, fizemos a transcrição das falas e, em seguida, enviamos os textos para os participantes, para que pudessem adicionar ou retirar algo que estivesse deturpado. Ressaltamos que os textos foram enviados aos nossos entrevistados, via e-mail<sup>49</sup>, no dia 19.04.2018, todavia, não obtivemos respostas, o que inviabilizou a realização da entrevista reflexiva. Dessa maneira, seguimos com as discussões tomando como base apenas a entrevista semiestruturada. No capítulo IV, trazemos, portanto, a análise das falas dos coordenadores. Salientamos que as entrevistas completas se encontram nos anexos deste trabalho (Anexos III e IV).

O nosso contato com o coordenador do ABC Futebol Clube foi feito, num primeiro momento, com a mediação de uma Professora do Curso de Educação Física da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, campus central, localizado na cidade de Mossoró-RN. Em conversa sobre o trabalho (dissertação), ela me sugeriu que poderia ajudar e mencionou que o esposo era um dos fisiologistas da equipe profissional. Em seguida, após conversa com Valdo<sup>50</sup>, conseguimos o contato do então coordenador da base do ABC Futebol Clube. Houve uma mudança no cargo e, por essa razão, não entrevistamos o primeiro indicado. Assim sendo, o coordenador, que estava desligado da função, passou o telefone do então coordenador, aqui denominado Pedro<sup>51</sup>. Desta maneira foi iniciado o contato para explicar a pesquisa e sua relevância e agendar uma entrevista.

Voltar, na condição de pesquisador, aos espaços onde estive de chuteiras e meias, com um sonho extremamente forte na minha cabeça, me fez repensar sobre tudo o que vivi. Foi impressionante! No contato com o atual coordenador, cuja vida é muito corrida, pedi um tempinho para dialogarmos sobre algo muito importante e que serviria para a vida de milhares de atletas. Disse a ele que falaríamos da importância de um segmento fundamental para a sociedade: a escola.

Talvez pela compreensão da importância desse espaço, o coordenador não mediu esforços e logo reservou um tempo para dialogarmos, todavia perguntou de que realmente se tratava. Então, logo tratei de explicar e reforçar minha preocupação com a importância do

---

<sup>49</sup> O e-mail foi anotado no meu caderno de anotações, no dia das entrevistas.

<sup>50</sup> Nome fictício para o esposo da professora a fim de preservar a sua identidade;

<sup>51</sup> Nome fictício para preservar a identidade do participante.

momento. Disse a ele que tanto eu quanto a comunidade acadêmica precisávamos escutá-lo, afinal ele faz parte da pesquisa e poderia contribuir com ela.

A conversa inicial foi realizada no setor onde ficam as instalações de futebol de base do ABC Futebol Clube. Logo após a apresentação, fomos convidados a entrar na sala do coordenador, onde foi realizada a entrevista. Destacamos a importância daquele momento para a produção de novos dados, assim como para a reflexão sobre a atual conjuntura relacionada à formação escolar de atletas de futebol no Estado do Rio Grande do Norte.

No América de Natal, utilizamos as redes sociais para uma aproximação. Contudo, devido ao longo período sem frequentar o clube, pelo qual joguei em 2007, não tinha mais o contato dos coordenadores, dirigentes, nem dos treinadores. Devo lembrar que o treinador da minha época de jogador já não estava mais no clube. Por essa razão, foi solicitado o contato do atual treinador à esposa do gerente de futebol, cujo contato está acessível nas redes sociais. Ela, então, forneceu o contato do gerente, que nos ajudou. Nesse momento, estabelecemos um contato e eu expliquei as razões/justificativas acadêmicas, sociais e pessoais da pesquisa. Em seguida agendei a entrevista com o coordenador Marcos<sup>52</sup>. Essa mediação foi realizada pelo gerente de futebol profissional e, por essa razão, o contato de ordem visual, presente, com o coordenador foi feito somente no dia da entrevista.

Por questão de logística, procuramos agendar as duas entrevistas para o mesmo dia, no entanto, devido as ocupações profissionais/pessoais não conseguimos êxito e marcamos primeiro com o América de Natal, no dia 12.12.2017, e depois com o ABC Futebol Clube, no dia 13.12.2017, ambas no período da tarde. No América Futebol Clube, ficamos dois períodos (manhã e tarde), porque o coordenador não estava presente pela manhã. Assim agendamos para o período da tarde.

Desde o contato com o meu antigo procurador<sup>53</sup> e empresário da época até a chegada ao coordenador/treinador (mesma pessoa), esperei ansioso por esse momento. Não sabia como estava o clube, pois, nesses últimos anos, tenho acompanhado apenas por notícias, através dos meios de comunicação. Porquanto, o momento era outro. Agora, enquanto pesquisador, meu olhar também era outro, graças aos conhecimentos adquiridos durante a formação para o esporte, desenvolvida nos espaços acadêmicos de discussões na graduação e no mestrado.

---

<sup>52</sup> Nome fictício para preservar a identidade do participante.

<sup>53</sup> Quem administrou minha carreira naquele ano de 2007 e inclusive me embarcou para o Rio de Janeiro. Na época, eu tinha passado numa peneira realizada pelo Clube de Regatas Flamengo – RJ. Foi ele quem me levou para o América-RN em 2007. Era quem me dava orientações, dicas e ensinamento para o futebol.

Todavia, retornei ao clube onde disputei competições e dividi amizades que permanecem até hoje. Na chegada, percebi mudanças nas instalações. Na verdade, poucas melhoras desde a minha época. Os atletas trocavam de roupa no mesmo local e desciam para os campos de treinamento para realizarem as atividades, ou seja, era feito o mesmo percurso. O campo da base ainda estava ao lado do profissional e percebi outros garotos olhando lá pra cima (campo dos profissionais) com toda certeza pensando: “um dia treinarei ali”. As histórias se inter cruzam porque esse é o caminho para se tornar jogador, tem que ser um profissional.

Observei o treino atentamente e, enquanto os atletas jogavam, lembrava do meu tempo. Foi impressionante! Ao terminar o treino, aguardei o coordenador para conversarmos e ele pediu esclarecimentos do teor da conversa. Expliquei mais uma vez que era em prol de uma causa nobre na vida dos adolescentes, a escola. O coordenador pediu para eu aguardar e, em seguida, logo me convidou até sua sala para iniciarmos o nosso bate-papo. Nesse ínterim, pude conversar com dois personagens da minha época, um treinador e o roupeiro. Falamos de futebol e relembramos os bons tempos daquela época. Para minha surpresa, os dois me reconheceram. Passado esse momento iniciei a conversa com o coordenador.

A visita ao América ocorreu no período da manhã e também realizei anotações sobre a rotina da categoria sub 19, comportamento dos atletas e trabalhos com eles desenvolvidos. No ABC, não observei todo o treinamento, assim como fiz no turno da manhã com o América. Todavia, registrei que os garotos estavam em treinamento. Foi utilizado um caderno de anotações para registros, assim como gravações de áudios no celular de marca Samsung modelo J7 Prime, para que houvesse o registro de determinados momentos considerados importantes.

Foi utilizado um gravador *Digital Voice Recorder* para acompanhar e assegurar as gravações. Prevendo possíveis falhas em um dos aparelhos resolvemos utilizar dois. Escutamos os dois áudios e transcrevemos as entrevistas dos gravadores, atentando para a qualidade. A entrevista do ABC durou 21:33 (vinte e um minutos e trinta e três segundos) e a entrevista do América de Natal durou 33:11 (trinta e três minutos e onze segundos). A diferença de aproximadamente doze minutos se deve a questões pessoais dos entrevistados, sobretudo na apresentação, assim como à própria liberdade em discorrer sobre os assuntos, sem tempo estipulado. Sendo assim, os entrevistados tiveram total liberdade para falar sobre as questões postas e por tais razões um falou mais do que o outro.

No América de Natal, a entrevista ocorreu após o treinamento da equipe sub19, na sala do coordenador, ao final do dia e início da noite, por volta das 17h30 (início). Em virtude de o coordenador também assumir a condição de treinador da categoria, tivemos que aguardar o fim do treinamento para realizarmos a entrevista. No ABC, a conversa ocorreu no início da tarde,

por volta das 15h30, também na sala do coordenador, durante o treinamento da equipe. Nesse último caso, o coordenador não era o treinador e, por essa razão, a entrevista foi realizada no período do treino, ressaltamos, como dito antes, que foi possível observar o início do treino.

Registramos a excelente receptividade, assim como a cordialidade de ambos os clubes, sobretudo se mostrando interessados com o assunto. Não mediram esforços e deram toda assistência que estava em seu alcance. Esse aspecto demonstra um olhar atento para as discussões preteridas nesse preâmbulo e reforçam um interesse dos clubes em participarem das discussões.

Durante o diálogo não tivemos interrupções, ou seja, o momento foi destinado para a entrevista. Os coordenadores não tiveram acesso às perguntas de modo antecipado, contudo, antes do diálogo foi entregue o roteiro para que fosse feito o acompanhamento durante a leitura das perguntas. Não registramos problemas no decorrer da entrevista, conseguimos guiá-la da maneira como havíamos planejado, o que nos trouxe satisfação.

Devido às questões de fundamentação teórica estarem bem sólidas sobre a dupla carreira no Brasil, assim como a vivência do pesquisador enquanto atleta na formação futebolística<sup>54</sup>, resolvemos ir direto ao assunto e conhecer a importância dada pelo clube para com a questão escolar de seus atletas. Assim posto, uma entrevista foi o suficiente para provocarmos uma discussão consistente com base na realidade brasileira. Nesse sentido, deixamos um dia para cada clube, em específico, no turno da tarde, e registramos uma conversa que culminou com a produção do novo no âmbito acadêmico, social e pessoal relacionado ao tema no Brasil.

Os critérios utilizados para a escolha dos dois clubes foram: maior notoriedade no Estado do Rio Grande do Norte; tempo de atividade; maior número de adeptos; participação em eventos nacionais; participação na Taça São Paulo de Futebol Júnior no ano de 2018<sup>55</sup>. Essa competição carrega um peso relevante por proporcionar a projeção de atletas, tanto em nível profissional como nas possíveis negociações com o estrangeiro (venda). Participar desse campeonato qualifica o clube ou o credencia para estar entre os mais vistos durante o período dos jogos. A Taça São Paulo de Futebol Júnior se torna, pois, uma vitrine.

Segundo os pré-requisitos estabelecidos, o Globo Futebol Clube poderia ter entrado na pesquisa, sobretudo pela conquista do vice-campeonato Estadual da categoria sub-19 (em 2017) e, conseqüentemente, pela conquista da vaga para a Taça São Paulo. No entanto, resolvemos manter apenas o América Futebol Clube e o ABC Futebol Clube, atendendo para um maior

---

<sup>54</sup> No capítulo 2, *O futebol e a minha vida*, descrevo um pouco desse processo e das equipes pelas quais passei.

<sup>55</sup> Competição com maior visibilidade em território nacional e mundial. Mais informações disponíveis em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa\\_S%C3%A3o\\_Paulo\\_de\\_Futebol\\_J%C3%BAnior](https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_S%C3%A3o_Paulo_de_Futebol_J%C3%BAnior)> Acesso em: 15 nov. 2017.

número de participações na Taça São Paulo e por serem os pioneiros no futebol potiguar, dando uma base temporal mais sólida aos achados.

Recente no futebol potiguar e nacional, o clube tem menos de 10 anos de criação. Se destaca tanto no cenário Estadual (sendo campeão do Estado) como no Nacional, tendo alcançado acesso à 3ª Divisão de Futebol Profissional, motivo de grande destaque para um clube com uma história tão recente. Ressaltamos que, as vagas no Estado do Rio Grande do Norte são garantidas apenas ao primeiro e segundo colocado do Campeonato Estadual de Futebol sub-19. O campeão e o vice se credenciam para participarem da competição juntamente com outros clubes<sup>56</sup>, o que caracteriza a seletividade e qualidade da competição.

No ano de 2017, as equipes potiguares que se credenciaram para disputar a Taça São Paulo de Futebol Júnior 2018 foram América de Natal (campeão) e o Globo Futebol Clube (vice-campeão)<sup>57</sup>, no entanto, a Federação Paulista de Futebol convidou o ABC Futebol Clube para participar. Por essa razão essa edição da Taça São Paulo se tornou tão importante para o Estado do Rio Grande do Norte, pela participação de três clubes potiguares.

Outro critério para escolha dos clubes participantes da pesquisa foi a faixa etária dos adolescentes credenciados, entre 16 a 19 anos, subtendendo-se que estão frequentando ou já concluíram a fase escolar. Nesse sentido, o clube, o adolescente, a família e o Estado tiveram ou têm papéis preponderante na administração da dupla carreira.

A grandeza dos clubes selecionados para comporem a amostra se deu através de títulos e conquistas históricas. O América e o ABC surgiram por volta do início do século XX<sup>58</sup>, na cidade de Natal. A partir de então, construíram histórias de superação e vitória. Ambos disputam competições em nível nacional. O “Mecão”, como é carinhosamente chamado o América pelos seus adeptos, teve participação na elite do futebol brasileiro, conhecida como Série A, no ano de 2007 (mais recente). Atualmente (2018), disputa a 4ª divisão do futebol brasileiro, enquanto O ABC atualmente luta pela terceira divisão, sendo o clube que mais conquistou títulos estaduais no Brasil.

Mas, uma pergunta não quer calar: por que escolher os clubes e não os atletas para sujeitos desta pesquisa? A ideia de dar voz aos clubes se torna aparentemente simples, haja

---

<sup>56</sup> 120 clubes participaram da edição de 2017. Disponível em: <<http://2016.fpf.org.br/arquivos/201612/1929473933.pdf>>. Acesso em: 18 de Janeiro de 2017.

<sup>57</sup> Disponível em: <<http://www.fnf.org.br/tabela/25/campeonato-estadual-de-futebol-sub-19>>. Acesso em: 18 jan. 2017.

<sup>58</sup> Retirado do site do clube. ABC, disponível em: <<http://abcfc.com.br/historia/historico/>>. Site do América, disponível em: <<http://www.americadenatal.com.br/o-clube>>. Acesso em: 18 jan. 2017.

vista que existe um processo naturalizado de pesquisa no qual para fazer parte tem que, de certo modo, aceitar o que já está cristalizado.

De um tempo pra cá os pesquisadores têm escutado ou registrado a rotina dos atletas, todavia não têm atentado para a materialização das impossibilidades ou mesmo da possibilidade da dupla carreira de jogador e estudante. Nesse sentido, os clubes ganham importância, visto que são eles os responsáveis pela administração, ou seja, por lidarem diretamente com os sonhos de jovens praticantes de futebol. São os clubes que avaliam se o adolescente tem ou não condições de prosseguir na carreira, eles que possuem, de certo modo, um poder decisivo na vida profissional desses jovens.

Na figura do coordenador, o clube tem relação direta com o contexto vivido pelos adolescentes. A função do coordenador é a de acompanhar os atletas do clube, desde o rendimento esportivo até o rendimento escolar. Além disso, consideramos a hipótese de que são eles que promulgam ações, políticas ou conhecem as leis referentes à possibilidade de conciliar a formação futebolística e escolar. Por esses motivos, atribuímos a eles o cuidado com a vida dos adolescentes que ingressam no(s) clube(s). Importante frisar ainda que o estudo direcionado aos coordenadores tem sua singularidade pela pouca produção a seu respeito disponível na literatura, tornando-se algo inovador para a temática.

A experiência com o futebol, de certo estreita nossos laços com a temática, numa relação dialética entre academia e os clubes, portanto, atentos a esse importante aspecto, adotamos enquanto procedimento metodológico para interpretação dos dados a análise de conteúdo, iniciada com a realização de inferências<sup>59</sup>, de modo a propor um debate teórico em torno das relações escolares com a formação futebolística(s) de adolescentes frequentadores de clubes no Estado do Rio Grande do Norte. A título de compreensão, a análise de conteúdo, segundo Bardin (1977, p.42) é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

De acordo com o trecho acima, a escolha desse procedimento é pano de fundo para efetivar a fidedignidade, assim como o rigor dos aspectos metodológicos para analisar o material obtido, no caso desta investigação as entrevistas com os coordenadores das categorias

---

<sup>59</sup> Inferência: operação lógica, pela qual se admite uma proposição em virtude da sua ligação com outras proposições já aceites como verdadeiras. (BARDIN, 1977, p.39).

sub-19 do América-RN e do ABC FC. Franco (2012) endossa o valor do procedimento escolhido para a pesquisa quando reconhece o importante e preponderante papel do sujeito na produção do conhecimento, ademais de admitir que o ser humano é fundamental nessa construção, sendo ele, o ator principal da pesquisa.

A busca pelo aprimoramento das técnicas de investigação, fizeram com que, a própria análise de conteúdo passasse por transformações até chegarmos na técnica qualitativa, que numa relação dialética entre o pesquisador e o pesquisado, consegue produzir dados científicos de uma determinada realidade, na qual ocorre algum fenômeno.

Bardin (1977) e Franco (2012) reforçam o surgimento da análise de conteúdo numa perspectiva qualitativa, de maneira que, na medida em que os sujeitos se tornam fenômenos a serem estudados, sobretudo em sua subjetividade, a própria técnica sofre adequações que transcendem a abordagem quantitativa. Essa visão corrobora as perspectivas antropológicas e evolutivas da análise de conteúdo, haja vista que não é de hoje que essa ciência define o comportamento humano como seu objeto de estudo. (FRANCO, 2012).

Nos moldes de uma pesquisa qualitativa, os sujeitos e seus respectivos comportamentos passam, pois, a ter papel fundamental na própria compreensão dos fenômenos, sobretudo os sociais. Consideramos, portanto, esse o melhor caminho para entender uma certa disputa de duas realidades que se defrontam, o futebol e a escola, na vida de adolescentes. Entender como o clube administra essa complexa relação, corrobora com elucidicações, discussões e reflexões sobre o objeto. Também lembramos que, pelas características socioeconômicas da maioria dos atletas que buscam a concretização do sonho de ser um jogador bem-sucedido, a escola aparece cada vez mais como uma grande possibilidade de contribuição.

Para encaminhamento da análise das entrevistas, realizada no capítulo subsequente, foi realizada uma organização e categorização através dos tópicos considerados relevantes, assim como, para descrever os resultados encontrados. As categorias foram estabelecidas da seguinte forma: função do coordenador; seleção dos atletas; horário dos treinos; turno para os estudos; rotina dos jogos; acompanhamento escolar dos atletas; a função do clube na conciliação da dupla carreira; competitividade entre escola e futebol e legislação.

A pesquisa bibliográfica, feita num primeiro momento da investigação, foi extremamente relevante para a escolha do caminho seguido, inclusive se tornou o primeiro capítulo da dissertação, intitulado FUTEBOL E ESCOLA: DUAS REALIDADES QUE SE DEFRONTAM. O próprio título destaca e materializa uma disputa que, no Brasil, culmina com a escola sendo posta em segundo lugar ou saindo de cena para dar vez ao futebol, que, de fato, é o que interessa aos que estão imersos nesse mundo duplo. Entretanto, os que optam por esse

caminho acabam negligenciando a possibilidade de a carreira de atleta não dar certo, ficando pelo meio do caminho e não conseguindo realizar o tão esperado sonho de se tornarem ricos fazendo aquilo que gostam.

## **IV ENTRANDO EM CAMPO: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Encontramos na figura do coordenador da base um importante membro que tem aproximação com os atletas e com as instâncias máximas do clube, como o próprio presidente. O coordenador da base é, portanto, uma espécie de facilitador, mediador entre os atletas e a escola. Vale salientar que ele não é o único responsável pelo bom desempenho dos jovens atletas no futebol e na escola, sobretudo, por se tratar de algo complexo e que envolve também a família, o Estado e o próprio atleta.

Seguindo a proposta de Bargin (1976) e Franco (2012), dividimos a análise do conteúdo em categorias, as quais intitulam os tópicos deste capítulo, que traz as discussões/reflexões das entrevistas. A pontuação dos assuntos em tópicos se dá em concomitância com uma discussão que já se encontra sólida na literatura.

Num breve relato, pedimos aos entrevistados que fizessem uma síntese, em forma de apresentação, para que pudéssemos entender o tipo de formação que ambos receberam. Essa solicitação foi feita com o objetivo de comprovarmos a hipótese de que em alguns clubes não se tem formação acadêmica nos diversos setores, como a própria coordenação, ocupada, geralmente, por um ex-atleta de futebol profissional e ídolo do clube. Em contraposição, tanto o ABC como o América confirmaram que possuem coordenadores com ensino superior e com experiências no esporte. O coordenador do América inclusive foi jogador de futebol profissional e professor da rede pública de ensino. Já o coordenador do ABC é Bacharel em Direito. Desse modo, podemos dizer que os clubes demonstram certa preocupação com a formação acadêmica dos coordenadores, não sendo necessário que sejam da área futebolística.

Ao que se refere à contratação, ambos destacaram o convite feito pelos presidentes como principal meio para assumirem tal função nos clubes. Fica claro, então, que, pelo menos nos dois clubes pesquisados, não existe uma seleção para assumir o cargo e que pessoas sem nível superior ou formação na área também podem ser contratadas como coordenadores. No entanto, é bom ressaltar que a avaliação dessa adequação da formação acadêmica específica na área não é objetivo do presente trabalho.

### **Função do coordenador**

Indagados sobre o desempenho da função de coordenador os dirigentes se pronunciaram da seguinte maneira:

Então, a função no meu ver é[...] já está dizendo o nome, é coordenar, é você dá o suporte aos treinadores, aos atletas né? Acompanhar o dia-a-dia em relação aos estudos, em relação ao desempenho, à disciplina, ao compromisso, comprometimento, e tentar de uma forma, tentar viabilizar da melhor forma possível né? Dá o suporte pra poder eles desempenharem as funções no futebol, tanto dentro como fora de campo. (COORDENADOR DO ABC, 2017)

Tempo integral. Estou há dois anos no cargo. Fui reconduzido à essa função. Recebi um convite da direção do América pra fazer essa função de coordenação né? [...] é [...] e estou desempenhando essa função agora como eu lhe falei e acumulando a função de técnico do sub-19. Então, é assim, é difícil [...]. Hoje eu estou aposentado, estou com tempo integral dedicado ao América. Graças a Deus me aposentei, até porque essa política que o Brasil tá impondo aí de [...] pra aposentadoria tá complicado. 65 anos você já tá no fim de carreira mesmo, não tem mais condição de fazer nada e eu estou ainda com 62, vou fazer 63, já estou de ladeira abaixo, vamos dizer. Mas, enquanto Deus me der saúde e vontade de trabalhar a gente tá aqui desenvolvendo essa função. Então, eu estou no cargo há dois anos de coordenador e acumulando o cargo de técnico do sub-19. Graças a Deus fizemos um trabalho bom e fomos campeões, agora vamos pra São Paulo, né? Fomos pra Copa Nordeste, fizemos uma boa participação lá, na Copa Nordeste, né? E agora vamos pra São Paulo que aí é um nível mais alto e uma competição que dá uma projeção já mais abrangente a nível de Brasil, a nível até de exterior, mas é essa a nossa rotina. Hoje eu estou dedicado 24 horas ao América. (COORDENADOR DO AMÉRICA, 2017).

Como se vê nos trechos em destaque, ambos relatam uma função já esperada no sentido de coordenar, mediar, resolver situações envolvendo os atletas. Na fala do coordenador do América, há um reforço de outros aspectos referentes a questões de ordem pessoal. Já na resposta do dirigente do ABC encontramos uma clareza da função exercida pelo coordenador. Dentro de uma estrutura complexa, que é o clube de futebol, o coordenador da base tem uma função relevante como a de administrar essa dupla carreira (futebol e escola). Nesse sentido, a figura desse Profissional estreita os laços da formação escolar com a formação futebolística.

### **Seleção dos atletas**

A formação do elenco é um momento importante e que diz muito sobre como será a temporada de um clube no ano. Se o clube formar um bom grupo de jogadores terá condições de disputar títulos e vagas, do contrário o caminho não será dos mais promissores, pelo menos no planejamento e numa perspectiva inicial, já que o jogo, às vezes, se torna uma lógica inversa e o time com jogadores com menos recursos, digamos assim, pode vencer uma partida.

Para evitar a segunda situação, América e ABC utilizam um modelo tradicional de seleção dos atletas para compor a equipe de base, ou seja, as indicações, as peneiras, a visita dos coordenadores a clubes menores ou a vinda de atletas desses clubes à base para avaliação. Vejamos uma das falas:

Então, muitos chegam pelo nome ABC. Então, muitos batem à porta da gente, digamos assim, e outros a gente vai captar é[...] indo assistir nos interiores torneios, né? Captações que têm os projetos nos interiores do Estado, não só do Rio Grande do Norte como nos outros Estados do Nordeste. E a gente marca, agenda e vai acompanhar uma captação, um jogo de uma equipe contra a outra e daí que vai surgindo esses talentos e também indicações. A gente tem uma larga agenda, assim, o clube, então, pessoas que [...] esses atletas do clube assim indicam, ‘Oh, tem um garoto aqui na minha cidade. Posso mandar aí pra fazer um teste?’ A gente agenda, vem, fica uma semana aqui, duas, um mês e aí vai surgindo esses atletas. (COORDENADOR DO ABC, 2017).

No América Futebol Clube, a forma de recrutar atletas em muito se assemelha com a do ABC. Isso fica explícito no trecho a seguir:

Bom, de várias formas. Por indicação, por *peneirões*<sup>60</sup> que a gente faz, por trabalho de avaliação nos interiores aí, que a gente faz nos finais de semana. A gente viaja, tanto eu como o Fábio (nome fictício), e é dessa forma, por indicação também. E aí[...] quando o garoto chega aqui, ele tendo uma condição, a gente dá sequência. Nós temos uma escolinha, como eu lhe falei, e a faixa etária de 8 até 14. Essa faixa etária de 12, 14 anos a gente já olha, né? Com mais uma referência pra já catar esses meninos, já pescar, vamos dizer assim, esses garotos pra sub-15. E dessa forma[...] dá uma sequência no trabalho a médio e longo prazo, né? Para que esses garotos tenham condições de vir, futuramente, a ser um atleta. (COORDENADOR DO AMÉRICA, 2017).

A reflexão, neste pequeno tópico, gira em torno da confirmação da hipótese de que muitos jovens acreditam na possibilidade de se tornarem grandes atletas na modalidade, o que, de fato, é confirmado com a necessidade de *peneiras*, indicações, observações, haja vista o grande contingente de garotos que investem na carreira. A procura é grande e o funil, segundo o antropólogo Damo (2005), é estreito ao final do processo, reforçando os dados de que uma grande parte fica pelo meio do caminho.

---

<sup>60</sup> Peneirão significa, no mundo do futebol, um processo de captação de potenciais talentos da modalidade. O clube manda um funcionário que é responsável pela realização. O procedimento é simples. É organizado um jogo ou vários jogos, dependendo da quantidade de garotos inscritos, e aqueles que se destacarem serão selecionados para fazer testes no clube. Em caso de avanço nos testes do clube, o garoto se torna atleta daquele clube e passa a disputar competições com aquela camisa, ou seja, ingressa de fato no mundo do futebol e na busca pelo sonho.

## Horários dos treinos

Durante o processo de formação futebolístico, a definição dos horários de treino/trabalho se torna também um importante elemento para entender e, conseqüentemente, problematizar situações referentes às prioridades do clube com relação à formação dos atletas. Por essa razão, resolvemos perguntar aos dirigentes qual o horário das atividades da categoria sub-19, ao que responderam:

A gente intercala assim, numa pré-temporada faz dois períodos (manhã e tarde) mas, realmente, é uma ou duas semanas, depois fica sendo só à tarde. O ano passado, era só pela manhã e esse ano a gente mudou só para tarde, de 15h às 17h30. (COORDENADOR DO ABC 2017).

Olha, para não atrapalhar nos estudos, a gente preferiu colocar o turno da tarde, porque 80 a 90% desses garotos, eles já estudam pela manhã, então, a gente faz com que esse pessoal venha a frequentar os nossos trabalhos diariamente, né? De segunda a sexta é na parte da tarde, sempre na parte da tarde. Então a gente é [...] encaixa os horários, né? Dá ênfase à categoria que tá começando o campeonato. Nós começamos, esse ano, com o sub-15, depois introduzimos o sub-17 e o sub-19 ficou por último, porque o sub-19 já é uma categoria que já está formada, praticamente, já vem do 15, 17 e 19 é uma sequência. Então, a gente apenas faz o trabalho de recrutamento, ou seja, de aproveitamento desses atletas. através de pesquisa, através de indicação, através de *peneirões* que a gente sempre faz aqui no nosso dia-a-dia, tá? E dá sequência ao trabalho então essas equipes são formadas dessa forma e são assistidas dessa forma (COORDENADOR DO AMÉRICA 2017).

Diante dos pronunciamentos dos coordenadores, entendemos que tanto o América quanto o ABC dão ênfase ou priorizam as atividades do clube. Essa conclusão tem como base a escolha dos horários para o desenvolvimento das atividades da própria instituição, sempre pela manhã ou pela tarde, ou nos dois períodos, como mencionado pelos dirigentes. A lógica no cronograma de atividades dos clubes tem por objetivo o desenvolvimento das habilidades específicas da modalidade, mas, em contrapartida, acaba por se tornar prejudicial para a formação escolar dos atletas, haja vista que, depois de um dia de trabalho, poderão estar exaustos física e mentalmente e não renderem o esperado ou sequer o mínimo nos bancos escolares.

Trabalhos extremamente relevantes para essa discussão são os realizados por Rocha e colaboradores (2011), bem como os de Damo (2005), Bossle e Lima (2013), Barreto (2012) Melo (2010, 2015, 2016) e Soares (2011), dentre outros, os quais reforçam a constatação de que os clubes priorizaram as atividades esportivas em detrimento das atividades escolares. Isso

implica dizer que, na medida em que progredirem no esporte, a probabilidade do abandono, da defasagem também aumenta.

A realidade vivenciada nos clubes do Rio Grande do Norte não é diferente da que se observa nos demais estados brasileiros, afinal, quem não quer ficar rico fazendo o que mais gosta? Nesse sentido, a busca pelo sonho de ser um jogador profissional se torna uma verdadeira disputa pelo capital envolvido no contexto esportivo e, também, a fundamentação para um esforço que, em pensamento, um dia será recompensado com o retorno financeiro tão desejado. Por essa razão, a escola fica em segundo plano, como bem disse Melo *et. al* (2014), quando traçaram o perfil educacional dos atletas em formação no Rio de Janeiro. Ao analisarem a dinâmica de formação desses atletas os autores admitiram: “Os dados podem insinuar que quanto mais investimentos o atleta realiza em sua carreira, maior será a probabilidade de secundarizar a escola”. (MELO *et al*, 2014, p. 626).

### **Turno para os estudos**

Na medida em que os atletas evoluem no esporte e se aproximam do profissional, aumenta-se a carga de treinos com uma proposta ou objetivo de rendimento. No futebol brasileiro, esse momento de se tornar um profissional está acontecendo cada vez mais cedo. Tem atletas com 16 anos que já conseguem um contrato, como o caso do garoto Jean Carlos Chera<sup>61</sup>, que ficou conhecido nacionalmente como grande promessa do futebol brasileiro. Para termos uma noção de valores, antes mesmo dos 15 anos de idade, ele recebia uma quantia de \$20.000,00 (vinte mil reais) mensais<sup>62</sup> e sua renovação pulou para uma quantia em torno de \$40.000,00 (quarenta) a \$45.000,00 (quarenta e cinco mil reais)<sup>63</sup>. Por esses valores já temos uma noção do porquê da corrida em busca desse sonho. O problema é que são exceções ou minorias que conseguem esse feito. Mesmo assim, o que passa na cabeça dos atletas é que um dia vão conseguir.

Em razão da prioridade dos jovens brasileiros ser a formação futebolística, os clubes determinam os horários dos treinamentos para os turnos matutino, vespertino ou diurno e com

---

<sup>61</sup> Informações disponíveis em: <<http://esportes.r7.com/blogs/cosme-rimoli/o-lastimavel-fim-de-carreira-de-jean-chera-o-primeiro-jogador-que-a-internet-convenceu-o-mundo-era-o-messi-do-mato-grosso-melhor-que-ney-mar-nunca-fui-o-pele-branco-infelizmente-19072016/>>. Acesso em: 15 jun 2017.

<sup>62</sup> Disponível em: <<http://www.analisesdosantos.com.br/2011/05/o-caso-jean-carlos-chera.html>>. Acesso em: 15 jun 2017.

<sup>63</sup> Retirado em: [http://www.espn.com.br/noticia/532180\\_apos-pedir-r-75-mil-no-passado-jean-chera-volta-ao-santos-por-um-salario-minimo](http://www.espn.com.br/noticia/532180_apos-pedir-r-75-mil-no-passado-jean-chera-volta-ao-santos-por-um-salario-minimo)>. Acesso em: 15 jun 2017.

isso selam qual deve ser a prioridade dos atletas em formação. Dentro de uma perspectiva capitalista de rendimento, retorno financeiro, é compreensível essa escolha, porém, é questionável, a partir do momento em que não são todos que conseguem êxito na carreira. Pelo contrário, apenas uma minoria sai vencedora e, com o isso, refletimos sobre a grande parte que fica pelo caminho: o que lhes ocorrerá?

É importante ressaltar que os dirigentes, ao priorizarem os treinos durante o dia, transferem para o período noturno a possibilidade de os atletas frequentarem a escola. Sobre a escolha dos horários Melo et.al (2014, p.622) destacam; “Entre os atletas da categoria sub-20, a grande maioria estuda no turno da noite”. Mais à frente, os autores reforçam que a justificava do horário se dá através da evolução no esporte e que, por essa razão, os alunos são matriculados à noite.

Conceição (2015) corrobora com a discussão quando relatou, em sua dissertação de Mestrado, que tanto o Figueirense quanto o Avaí (grandes clubes do Estado de Santa Catarina) procuram o ensino noturno para matricularem seus atletas alojados nos centros de treinamento dos respectivos clubes. Essa busca também é atribuída ou justificada na medida em que o atleta progride e precisa de mais tempo para desenvolver as habilidades.

Atentamos, entretanto, para o fato de que existem clubes, como mostraremos a seguir, com escolas ou sistemas de ensino dentro do(s) centro(s) de treinamento(s) e, com isso, dispõem de mecanismos para “facilitar” essa dupla carreira. Nesse caso, os alunos/atletas assistem a aulas em turnos alternados de treinamento, podendo, inclusive, assistir às aulas pela tarde ou manhã e até mesmo à noite, tudo depende do cronograma, assim como do planejamento feito pelos Clubes.

Em sua pesquisa, Barreto (2012) descreve que encontrou dois modelos de educação oferecidos pelos clubes para os atletas brasileiros: o direto e o indireto. O Primeiro é oferecido pelos clubes dentro dos centros de treinamento, como no caso do Cruzeiro, na toca da Raposa, em Minas Gerais. O segundo, por sua vez, é o modelo destinado aos atletas alojados ou moradores dos centros de treinamento, matriculados na rede de ensino público em período noturno. Nesse sentido, o sistema de ensino noturno segue outros moldes, diferentes do ensino regular, sobretudo em termos de exigências. Na época da realização da pesquisa de Barreto, em 2012, o Atlético Mineiro não tinha escola em suas instalações, realidade modificada atualmente, de acordo com pesquisa feita no seu site<sup>64</sup> do clube, que informa a existência de escola em suas instalações atualmente.

---

<sup>64</sup> Disponível em: <<https://www.atletico.com.br/base/>>. Acesso em: 20 out. 2017.

O trabalho de Barreto (2012) se torna importante para compreendermos esse sistema criado pelos clubes, denominado pelo autor de flexibilização escolar para o cumprimento dos ritos (escola – futebol). A referida dissertação de mestrado evidencia não a realidade não só dos dois maiores clubes de Minas Gerais (Cruzeiro e Atlético), mas de outros clubes do Brasil. Comprova essa afirmação nossa conversa com os coordenadores dos clubes potiguares. Quando perguntado sobre em qual turno os atletas eram matriculados na escola, o dirigente do ABC, por exemplo, respondeu: “É a noite, sempre é a noite, porque tem treino de manhã e de tarde” (COORDENADOR DO ABC, 2017).

Na pesquisa de Barreto (2012), há informação de que 86,6% dos seus entrevistados estudavam a noite. Em seguida, o autor reforça: “O que se observa é que a frequência escolar no turno noturno vem se tornando um padrão na formação de atletas de futebol e, como é sabido, o ensino noturno apresenta maior grau de flexibilização” (BARRETO, 2012, p. 76).

No Estado do Rio Grande do Norte, os atletas do América e ABC são matriculados em escolas públicas, como ocorre na grande parte dos clubes brasileiros. As matrículas dos atletas do Rio Grande do Norte e de outras partes do Brasil no período noturno, geralmente em escolas públicas, têm por objetivo permitir ou possibilitar aos atletas em formação a conciliação dos dois caminhos e, deste modo, afirmar um discurso de que é possível estudar e jogar futebol em alto rendimento (na formação esportiva). No entanto, percebemos que só se torna possível seguir os dois caminhos com um movimento chamado de flexibilização das escolas em face à questão. Em outras palavras, ou a escola flexibiliza/facilita suas atividades regulares ou se tornará responsável pela evasão dos atletas. Notamos aqui uma inversão de valores, visto que a escola sozinha é tida como responsável (em caso de não ajudar) por algo que naturalmente é de responsabilidade de todos que estão envolvidos com esses atletas, desde à família ao Estado. Nesse sentido, Barreto (2012, p.76) enfatiza: “Temos para os aprendizes desse esporte que a escola flexibiliza suas normas, enquanto os clubes (empregadores) são rígidos quanto às normas de ingresso e permanência nas categorias de base”.

Com base na literatura consultada, refletimos aqui sobre algumas questões relacionadas diretamente com o processo formativo educacional dos atletas. Destacamos a preferência dada pelos clubes de futebol aos turnos diurnos para os treinos das categorias de base, sobretudo aquelas que estão mais próximas do profissional e, conseqüentemente, em fase final da fase escolar. Dessa reflexão nasceram, pois, as seguintes questões: o que aconteceria se invertêssemos a lógica do processo, na qual os clubes treinassem em contraturno das escolas? E se os treinos fossem à noite? E se a Escola fosse e se tornasse base para seguir no caminho do futebol? São perguntas que, a priori, ficam sem resposta, no entanto, deixam um gostinho

pelo tentar por esse caminho, haja vista que o outro não está sendo bom no que se refere a uma progressão na escola por parte dos atletas.

### **Rotina dos jogos**

Considerando que o calendário esportivo é anual e com várias competições estaduais, regionais e nacionais, os clubes se preocupam mais com a preparação dos atletas para as competições do que com as questões relacionadas à educação escolar. Vejamos o que dizem os coordenadores:

É[...] os jogos das categorias, como eu disse a você, dos níveis de campeonato da federação, nós cumprimos o calendário que a federação determina, ou seja, geralmente finais de semana, né? Sub-15 né é sábado e domingo, né? Sub-17, também. Porque a gente obedece ao calendário da federação. Já o sub-19 é um pouco diferenciado, né? É campeonato Estadual, já tem a participação das equipes do interior. Esse ano teve Mossoró, teve Açu, né? Interiorizar essa categoria é muito importante, tá? Então, assim, o sub-19 é diferenciado, mas, a rotina de trabalho e os jogos geralmente ocorrem aos finais de semana. (COORDENADOR DO AMÉRICA, 2017).

O dirigente do América reforça que a Instituição cumpre o que a Federação determina e reforça que os jogos ocorrem mais aos finais de semana. Contudo, não descarta a possibilidade de ocorrerem competições no meio de semana. Por sua vez, o dirigente do ABC reforça uma perspectiva outra e que, inclusive, menciona jogos no meio de semana. Vejamos;

É o Estadual Metropolitano são jogos dia de semana, meio de semana e final de semana. Geralmente treina dois dias, treina segunda e terça, joga na quarta, aí treina sexta e sábado, joga no domingo. Geralmente é assim que acontece, a rotina dos jogos. (COORDENADOR DO ABC, 2017).

Para entendermos melhor a dinâmica dos clubes, resolvemos ir até o site da Federação Potiguar de Futebol verificar o calendário da categoria sub-19 do ano 2017<sup>65</sup>. Pesquisamos as datas dos jogos, assim como os dias da semana em que foram realizados. Constatamos um número considerável de jogos realizados no meio de semana, em dias de terças, quartas e quintas-feiras, inclusive as semifinais, um total de três jogos realizados nas quartas e um jogo na quinta, ou seja, jogos ocorreram no meio da semana.

---

<sup>65</sup> Disponível em: < <http://fnf.org.br/tabela/25/campeonato-estadual-de-futebol-sub-19>>. Acesso em: 20 out. 2017.

Assim posto, questionamos a lógica da escolha dos dias, porque que o adolescente que, por ventura, estudar à tarde não terá mais como ir para a escola, da mesma forma, o aluno que estudar à noite não terá condições físicas, depois de um jogo dessa importância, para assistir a alguma aula. Então, por que os jogos não ocorrem nos finais de semana, sem causar prejuízos à escola? Perguntamos, pois, aos coordenadores se eles participam da escolha do calendário de jogos, ou mesmo, se discutem, opinam sobre o mesmo. Eles assim responderam:

Tem os congressos técnicos da federação. A federação apresenta um calendário e todos os clubes participantes do evento vão lá na federação. A federação marca e nós vamos discutir lá o calendário. É feito de acordo com a participação de todos. Todos opinam. O que é de errado a gente corrige, o que é[...] não tem nada de, vamos dizer assim, de proteção pra A, nem B, né? É tudo sorteio. A tabela, regulamento, tudo isso é discutido às claras e com toda a aprovação de todos os clubes. (COORDENADOR DO AMÉRICA, 2017).

Mais sucinto, o coordenador do ABC informou: “Sim, sim, todos os clubes têm o direito e podem opinar e discutir a melhor forma possível de disputa, digamos assim” (DIRIGENTE DO ABC, 2017). Contrário ao que afirmam os coordenadores, entendemos haver uma passividade dos clubes na própria participação da elaboração do calendário, aceitando com naturalidade os jogos e treinos no meio da semana, prejudicando o processo educacional dos atletas em formação no futebol. A ação de colocar o futebol como prioridade de certa forma está atrelada ao capital envolvido. Por consequência, as outras questões se tornam secundárias. Se acontecerem bem, se não, paciência.

Os clubes aparecem, então, como importantes espaços para discutir, assim como, refletir, reconstruir os caminhos do processo educacional dos atletas, a começar pela decisão dos horários de treinos, dos horários de jogos e um estreitamento na mediação do processo educacional com o futebolístico, trazendo a escola para o clube e levando o clube para escola.

### **Acompanhamento escolar dos atletas**

A família se torna uma base importante no acompanhamento da vida escolar dos atletas, todavia, no mundo do futebol, essa prática é extremamente difícil, sobretudo pelas características do processo no qual muitos dos atletas precisam morar em outros Estados, ou mesmo migram do interior para a Capital. No Estado do Rio Grande do Norte, especificamente no América e no Abc, os clubes possuem atletas estudantes que estão alojados e que passam a

semana, e, às vezes, meses, sem irem em casa. Sendo assim, o clube acaba tendo um contato maior com os atletas e no acompanhamento escolar.

Nesse sentido, o América respondeu: “O atleta interno aqui que nós temos, os atletas internos a gente acompanha” (COORDENADOR DO AMÉRICA, 2017). O Abc também faz o acompanhamento, como disse:

A gente faz o acompanhamento se conversa com Professores, como no caso diretora do colégio, mas não é um acompanhamento[...] não é o ideal. A verdade não é um acompanhamento ideal, a gente tenta da melhor forma possível incentivar. Enfim, mas não é o acompanhamento ideal, digamos assim, justamente por ser um colégio mais próximo, um colégio do Estado, então assim, foge um pouco do nosso controle (COORDENADOR DO ABC, 2017).

Ambos os clubes relatam um acompanhamento dos atletas que estão alojados, demonstrando, assim, uma preocupação com a questão escolar na vida dos atletas. Porém, vale salientar que os atletas que não estão alojados ficam a critério da família. O ABC, nessa questão, reforça um diálogo com os professores, diretora da escola, ou seja, um estreitamento entre escola e clube, todavia reforça que não é o ideal e que fica aquém do esperado. O não ideal, dito pelo dirigente, abre precedentes para refletirmos o processo formativo dos clubes, sobretudo no âmbito escolar. Ou seja, a questão de como o clube se insere nessa mediação, nessa possibilidade, ou nesse processo, carece de mais aprofundamentos, afinal, além do futebol, estão as pessoas.

### **Importância dos clubes para com a questão escolar**

De forma direta, questionamos a importância dada pelos clubes para com a questão escolar, de modo que, através do relato, discutíssemos mais a fundo sobre os achados obtidos através das respostas. O América se disse preocupado com esse âmbito e afirmou fazer um acompanhamento dos atletas no que diz respeito à matrícula e prováveis contatos no sentido de resolver alguma situação pendente. Contudo, se contradisse com a seletividade da escolha do turno para matricular os atletas e, deste modo, relativiza a importância da questão escolar.

No ABC, o discurso reforça a fala do dirigente do América, onde é dada, de certo modo, uma importância aos estudos, devido à matrícula na escola, a conversas com os atletas sobre a importância de estudar, à clareza na fala, de que nem todos conseguirão êxito no esporte e por isso terão que buscar outros caminhos. No entanto, as atitudes demonstradas através da escolha dos horários dos treinos, bem como da aceitação dos dias de jogos a serem realizados em meio

de semana, refletem ou apontam para outras questões, como a da própria naturalização desse caminho, onde o atleta terá que levar a escola como segunda opção e, deste modo, arcar com as consequências de prováveis abandonos, assim como a evasão do sistema regular de ensino.

Perguntado se o clube estabelece uma comunicação oficial com a escola, tendo como objetivo um estreitamento/aproximação entre ambos, e sobre possíveis redirecionamentos na aprendizagem do aluno em caso de constatação de atraso, um os dirigentes respondeu:

Bom, a nossa função aqui é exatamente como eu digo é com os internos é nosso dia-a-dia aqui como eu tenho contato com ele todos os dias no treinamento e... uma vez por outra eu chamo eles aqui na minha sala e pergunto faço uma pequena entrevista como nós estamos fazendo agora: Como é que tá lá na escola? O que é que tá achando? Como tá o seu aproveitamento? E... geralmente eles falam, tá? E... Graças a Deus a gente nunca recebeu assim reclamação de nenhuma escola de nenhum atleta nosso que esteja é..., vamos dizer assim, em déficit ou em débito com o ensino lá. Então a gente orienta e incentiva não é pra que esses atletas frequentem a aula normalmente não é e o próximo ano a gente tá pensando exatamente em introduzir no nosso estatuto aqui que nós temos um estatuto interno, a obrigatoriedade de frequentar a escola porque hoje nós temos aqui uma demanda não é... de doze atletas eu acredito que uns seis 50% estejam frequentando aula, então a gente tem essa preocupação de que todos frequentem a aula quem está concluindo o ensino médio, quem está fazendo não é... até Enem já teve dois atletas esse ano nosso que fizeram, dois não três, três atletas eu vou até conversar com eles agora pra saber qual foi o rendimento deles, se passaram, se tiveram aprovação ou não. Então de maneira que é assim, a gente acompanha através dos pais também, do contato com os pais, através da direção da própria escola que como eu le falei eu fui professor da rede pública é trinta anos e mais ou menos a gente sabe conhece alguns diretores aí de escola principalmente aqui em Parnamirim e tem outros, é tem um professor nosso aqui que trabalha conosco aqui que faz parte de alguns projetos da rede municipal então esse professor faz esse elo não é, de acompanhamento, e passa pra gente. (COORDENADOR DO AMÉRICA, 2017, p.06)

A dúvida na clareza da resposta abriu precedentes para um novo questionamento, mais direto, sobre a existência de um contato oficial com o América, e a resposta foi:

É[...] o contato do clube com a escola do América é através da gente, é através de mim não é e através do próprio atleta e os pais. Não é a direção do América! A direção.... eu sou o coordenador então eu é que me responsabilizo por isso, então, todo esse contato é feito através de... ou por telefone ou por convocação de uma reunião ala junto com o diretor da escola ou com os pais, então assim, esse contato é um contato feito dessa forma. (COORDENADOR DO AMÉRICA, 2017, p.06)

Além de ser esporádico, o acompanhamento dos clubes não reflete o que de fato está passando com os atletas/alunos na escola e ainda está claro que se torna uma responsabilidade e um peso maior dos pais e dos próprios atletas. Todavia, o clube, por ser instância administradora do sonho, também tem um peso considerável e, deste modo, necessita de um maior rigor nesse acompanhamento. Na outra instituição ouvimos o seguinte relato:

Não assim... oficialmente não tem nenhum vínculo, digamos assim, mas assim, depois que eu estou aqui, eu fui lá, conversei várias vezes com a diretoria a gente procura acompanhar, ver a questão de notas, entendeu? Mas assim, honestamente não é ainda o ideal, precisa de um acompanhamento mais intenso, mais aprimorado. (COORDENADOR DO ABC, 2017, p.06)

A própria ausência de um contato oficial, da realização de seminários no clube e na escola reforça o discurso de apelo por novos caminhos nesses processos formativos, tendo em vista, a importância que ambos têm para os participantes. O contato oficial, assim como, a produção de relatórios de acompanhamentos individuais e coletivos, por exemplo, culminam com novas reflexões e seguridade para os atletas/alunos, dando um feedback aos clubes, aos pais e ao Estado, ou seja, todos ganham com a educação.

A condição do atleta em formação no Brasil divide opiniões e gera reflexões sobre a dupla carreira (futebol e escola). Poucos decidem pela vida de muitos que pleiteiam a concretização do tão esperado sonho. Destacamos a semelhança estrutural das instituições formadoras para com a questão escolar como reflexo da força do capital intrínseca e substancial do futebol, que corroboram para a escolha do esporte enquanto prioridade.

### **Competitividade entre escola e futebol**

Futebol e escola: essa ideia rola? Diferentemente do título da dissertação, a interrogação nesse espaço do texto é estratégica, de maneira a possibilitar ao leitor uma provocação, assim como uma reflexão sobre os dois espaços no Brasil. Decerto, a vida de um atleta de futebol demanda tempo e dedicação para suas atividades, todavia, a vida de um estudante também necessita de tempo e dedicação. Nesse caso, um não pode atrapalhar o outro?

Perguntamos, então, aos dirigentes se existe uma competição ou competitividade no quesito tempo entre a escola e o futebol. Segue a resposta de um deles:

Não, acredito assim, que o atleta, ele precisa de tempo pros dois. Ele não pode ser apenas num período, o período de formação é que você treina num período que aí você não, é, você tem o outro período para estudar. Mas, a gente sabe

que os dois, tanto o estudo é importante quanto a prática de esporte porque um é uma coisa é prática e a outra é teórica não é você tem que aprender, você tem que estudar pra aprender. Vai que você não seja mais um atleta? Chega lá aos 20 anos, 21, 22, você não quer mais ser atleta profissional nem quer seguir a carreira de atleta e aí? Se você não tivesse estudado dos 15 aos 20 você teria perdido aê cinco, seis anos, iria recomeçar já fora de faixa de idade, então assim, a preocupação é essa tá certo? Não deixar o atleta perder tempo. Então, eu acredito que os grandes clubes que eu conheço muitos por aí a fora, Atlético Paranaense, Cruzeiro, o Grêmio, o Inter, Bahia, Vitória, Náutico, Sport de Recife já andei por todos esses clubes aí, então, esses clubes tem o comprometimento de colocar o atleta pra estudar, desde que não atrapalhe, é como eu digo, desde que não atrapalhe porque é difícil tá? Você dá a condição desse atleta frequentar uma faculdade ou um próprio colégio bom, até privado que tem clube que até paga, o São Paulo paga, o São Paulo tem uma estrutura muito grande, investe mesmo! Então hoje um garoto lá de base do São Paulo, do próprio Corinthians, do Atlético Paranaense, o garoto já fala inglês fluentemente, então na hora que ele sai lá pra um clube daquele ali ele já vai... chegando lá só aprimora. Neymar quando saiu do Santos que lá pro Barcelona, Neymar já tinha uma grande noção do inglês, do italiano mesmo, dessas línguas que os países lá adotam e falam. Então, acho que é importante isso, o jogador tem que praticar, o atleta tem que praticar a parte esportiva, a parte prática e estudar. Jamais, jamais, deixar de estudar! (COORDENADOR DO AMÉRICA, 2017),

Existe, através desse discurso, uma preocupação administrativa do tempo dos atletas para seguirem os dois caminhos, todavia, o olhar do clube demonstra a superficialidade. E o não aprofundamento em relação à escola fica claro quando aparece na resposta que, um período (manhã ou tarde) é para treinar e o outro para estudar (manhã, tarde ou noite). Estudar não significa ir à escola, sentar numa cadeira e escutar o professor falar, por exemplo, estudar tem uma relação de tempo, reflexão, ou seja, exercício do pensamento para construir o conhecimento, que demanda tempo fora da escola. Lembramos que essa categoria treina dois períodos<sup>66</sup> ao menos duas vezes na semana (terça e quinta), ficando o horário noturno vago e deixado para os atletas frequentarem a escola.

A resposta do outro dirigente reforça:

Não, realmente é complexo, como você frisou, mas a gente enxerga que pra não perder esses meninos pra outras situações, a gente incentiva ao estudo. A carga aqui de trabalho, não é? De futebol é puxada, então assim, eles a tarde tão treinando, de noite vão pro o colégio cansados e a manhã é pra descansar e estudar, então assim, a gente tenta, digamos assim, estreitar esse tempo, essa relação pra poder não ficarem ociosos, não é? E conseqüentemente não irem por outros caminhos. (COORDENADOR DO ABC, 2017).

---

<sup>66</sup> Salientamos que, os dois períodos foram observados na fase de preparação para a taça São Paulo de Futebol Júnior 2018 e desta maneira, não fica claro se é o ano todo (treina dois períodos), ou, em alguns momentos específicos de preparação. No entanto, treinar dois períodos compromete de certo modo, os rendimentos escolares em virtude das necessidades escolares.

O incentivo aos estudos aparece como caminho para não desviar o foco e, por essa razão, a resposta não descreveu se um pode atrapalhar o outro no que se refere ao tempo dedicado tanto para o futebol quanto para a escola. Assim, reforçamos que a demanda de carga horária priorizada pelo futebol determina qual o foco ou perspectiva dos clubes, que é a formação para o esporte que acaba por secundarizar a escola.

Os resultados de grandes trabalhos produzidos na área, como o do Professor Melo (2010, p.66), reforçam: “Os dados indicam que o investimento escolar para atletas pode ser inversamente proporcional as possibilidades de sobrevivência a partir do esporte como profissão”. Bossle e Lima (2013) também corroboram que a escola necessita de um maior poder simbólico e que está longe de ser prioridade ou foco na vida dos atletas. Desse modo, fica evidente que a prioridade esportiva secundariza a vida escolar e que essa lógica determina o processo de naturalização desse caminho.

Destarte, podemos pensar numa lógica outra em que a prioridade, a base seja a escola e o clube, por exemplo, siga enquanto segunda opção. Nessa perspectiva, Soares e colaboradores (2009) reforçam que a família tem papel importante nessa decisão e pelo fato dos atletas, em sua maioria, serem das camadas populares, depositam no futebol uma grande oportunidade de conseguirem melhores condições financeiras. Assim eles afirmam: “O futebol pode, assim, ser um sonho e uma aposta individual e familiar que proporcione poucas perdas para aqueles que possuem poucas oportunidades de ascensão social e econômica”. (SOARES et.al, 2009, p.07).

Devido ao grande capital envolvido no esporte e, às vezes, a perspectiva de vida culminar com uma aceitação daquela condição, fica aquele ditado “não tenho nada a perder” e, por essa razão, jovens depositam tudo para seguir no futebol e, até mesmo em situações mais extremas, abandonam a escola.

## **Legislação**

A legislação que rege o país, além de importante, é fundamental para entendermos qual ou quais perspectivas de vida seguir. Resultado de um trabalho imenso, as leis são criadas de forma democrática, com a participação popular, tendo enquanto princípio alguma necessidade existente. Nesse sentido, saber das leis e cumpri-las é condição básica para o desenvolvimento de uma sociedade.

Num contexto social, as leis são os dispositivos que definem o que é ou não permitido. No futebol não é diferente e, assim como em outros espaços, as leis são condicionantes e

fundamentais nesse aspecto. Reforçamos ao leitor que não entraremos no mérito de discutir a criação das leis, tendo em vista que este tópico está diretamente ligado com a atual legislação vigente sobre atletas em formação futebolística e escolar. A esses dois segmentos demandaremos energia suficiente para pensarmos as atuais condições legislativas.

Antes de iniciarmos as discussões das leis propriamente ditas, citamos o importante trabalho realizado por Barreto (2012), com a orientação do Professor Dr. Antônio Jorge Gonçalves Soares, que traz uma preocupação e, sobretudo, uma relevante discussão direcionada à legislação para atletas em formação. O autor destina um capítulo inteiro de seu trabalho (capítulo 3) ao assunto e, com isso, aguça nosso pensar, principalmente sobre o processo de formação futebolística, atentando para seu funcionamento ou não dentro dos aspectos legais.

Em seu estudo, Barreto (2012) cita as condições insalubres, precárias e difíceis enfrentadas por adolescentes entre 13 a 17 anos, na cidade de Formiga/MG, em busca do sonho de se tornarem atletas profissionais. Segundo o autor, além de morarem num estádio de futebol, os adolescentes são responsáveis pela própria limpeza. Destaca ainda o acesso limitado da família ao local para visitar os garotos.

A realidade desses meninos me faz recordar situações bem parecidas com as que vivi na minha época de atleta em formação. Lembro-me da situação em que precisei dividir um quarto pequeno com mais 11 atletas em beliches triplas. O fato é que muitos adolescentes passam por momentos parecidos e os encaram, de certa forma, com naturalidade na busca pelo sonho. Entretanto, até que ponto isso é necessário? Quais leis existentes sobre o assunto?

Diante dessa problematização e com base na leitura do trabalho de Barreto (2012), investigamos a Carta Magna, ou Constituição Nacional, criada e estabelecida enquanto caminho regido pelo princípio democrático para a sociedade brasileira. O objetivo era encontrar leis que falassem sobre a formação futebolística no Brasil, bem como alguma que mencionasse a responsabilidade de quem se encontra nesse processo, ou seja, quem são os responsáveis e que atribuições estão a eles direcionadas pelas leis.

Desse modo, chegamos à Lei nº 12.935/2011, que altera as Leis nº 9.615/1998 e nº 10.891/2004. Esse dispositivo é, portanto, o norte referente ao desporto em âmbito nacional e, de forma muito clara, estabelece quais compromissos ou responsabilidades são atribuídos aos campos formativos. Segundo o artigo 29, parágrafo 2º “é considerada formadora de atleta a entidade de prática desportiva que”:

I - forneça aos atletas programas de treinamento nas categorias de base e complementação educacional; e II - satisfaça cumulativamente os seguintes requisitos: a) estar o atleta em formação inscrito por ela na respectiva entidade regional de administração do desporto há, pelo menos, 1 (um) ano; b) comprovar que, efetivamente, o atleta em formação está inscrito em competições oficiais; c) garantir assistência educacional, psicológica, médica e odontológica, assim como alimentação, transporte e convivência familiar; d) manter alojamento e instalações desportivas adequados, sobretudo em matéria de alimentação, higiene, segurança e salubridade; e) manter corpo de profissionais especializados em formação técnico-desportiva; f) ajustar o tempo destinado à efetiva atividade de formação do atleta, não superior a 4 (quatro) horas por dia, aos horários do currículo escolar ou de curso profissionalizante, além de propiciar-lhe a matrícula escolar, com exigência de frequência e satisfatório aproveitamento; g) ser a formação do atleta gratuita e a expensas da entidade de prática desportiva; h) comprovar que participa anualmente de competições organizadas por entidade de administração do desporto em, pelo menos, 2 (duas) categorias da respectiva modalidade desportiva; e i) garantir que o período de seleção não coincida com os horários escolares. (BRASIL, 2011, grifos nossos).

Destacamos na citação aspectos relevantes e que contribuem com as discussões aqui estabelecidas, reforçando a importância da investigação preterida nesta dissertação. Conforme a lei em comento, observamos que os clubes aqui investigados cumprem o primeiro critério estabelecido para que sejam reconhecidos como instituições formadores de atletas, ou seja, oferecem programas de treinamentos. Também, destacamos outro aspecto que os qualificam nesse parâmetro que é o de matricular os atletas em escolas públicas, nesse caso. Entretanto, segundo a mesma lei, os clubes devem/deveriam ainda “[...] garantir assistência educacional, ajustar o tempo da formação futebolística ao currículo escolar ou curso profissionalizante, garantido que não coincida os dois, além de propiciar-lhe a matrícula escolar, com exigência de frequência e satisfatório aproveitamento” (BRASIL, 2011).

É certo que não podemos atribuir total responsabilidade pelos jovens atletas e suas ações aos clubes, pois, antes deles, a família também tem papel preponderante na vida dos adolescentes. No entanto, e à luz da legislação, os clubes se tornam entidades responsáveis diretas pelo acompanhamento escolar dos seus atletas, lhes permitindo seguir tanto na formação para o esporte como na formação escolar.

Em âmbito mais específico, no Estado de São Paulo, a Lei nº 13.748, de outubro de 2009, foi criada com o anseio de garantir a frequência escolar para os atletas de futebol da região. Em cumprimento a esse dispositivo legal os clubes de futebol paulistas devem assegurar que seus atletas menores de 18 anos estejam matriculados em instituição de ensino, seja ela pública ou privada. A lei também estabelece um diálogo entre diferentes esferas participantes do processo formativo dos atletas, como o clube, responsável por essa garantia, a Federação

Paulista de Futebol, que recebe os comprovantes de matrícula e frequência escolar<sup>67</sup>, e a Secretaria de Educação, que, segundo a lei, fica responsável por receber os comprovantes e, junto com a comissão de Educação da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, tomar as devidas providências para garantir a permanência dos atletas na escola.

Como se pode perceber, as leis mencionadas falam de matrícula, frequência e aproveitamento escolar, todavia, não destacam a qualidade desse processo educacional. É necessário frisar que o atleta, nas atuais condições de treinos/trabalhos exaustivos que vive, não tem condições mínimas de desempenhar atividades escolares com rigor acadêmico por um simples motivo - a dedicação ao esporte.

Mesmo com avanços significativos na legislação, a lógica que permeia o processo de formação nos dois segmentos ainda permanece a mesma e, conseqüentemente, ocasionam ou continuarão a ocasionar evasão e defasagem escolar caso não sejam tomadas as devidas providências. Nesse sentido, direcionamos nossos esforços e energia para as Instituições formadoras que administram o sonho de milhares de adolescentes retomando a problematização da pesquisa, expressa nas seguintes perguntas: como os clubes de futebol percebem a formação escolar dos atletas juvenis? Quais ações de incentivo ou políticas são adotadas pelos clubes para facilitar a vida do atleta quando o assunto é escola? Até que ponto é possível conciliar as duas formações (escola e futebol)?

A lei em comento é clara em destacar o papel do clube na vida escolar dos atletas. Além de estipular um período de 4 horas a não ser ultrapassado com relação aos treinos, reforça a obrigatoriedade da matrícula e da assistência escolar, assim como o acompanhamento do atleta, garantindo a frequência e resultados satisfatórios de aproveitamentos, e por fim, o ajuste do período dos treinos com o currículo escolar.

De acordo com esse dispositivo legal, a escola aparece, pois, como base formativa e o clube ou carreira esportiva como segunda opção, digamos assim. Por lei, os atletas não são obrigados a estudarem no período noturno, sendo uma pretensão do clube matricular os garotos à noite, por causa da formação esportiva.

Atentando à importância da lei, perguntamos aos dirigentes se os clubes têm conhecimento a seu respeito, ao que nos responderam:

---

<sup>67</sup> Artigo 4º da lei 13.748/2009 - A responsabilidade pelo recebimento da relação dos comprovantes de matrícula e frequência escolar dos jogadores menores de 18 (dezoito) anos, encaminhados pelos clubes oficiais, incumbe à Federação Paulista de Futebol. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2009/lei-13748-08.10.2009.html>>. Acesso em: 01 de Maio de 2018

O conhecimento tem, que a lei é publicada e quem estuda, quem ler, quem acompanha não é... eu como professor da rede pública, como eu disse a você, trabalhei numa Secretaria de Educação durante trinta anos. Eu fiz curso lá em Brasília, participei no MEC (Ministério da Educação) na época que tinha essa discussão dessas leis. Mas é uma coisa muito, vamos dizer assim, muito[...] é[...] que não se cumpre ao pé da letra, não é? Você vê que a Constituição do Brasil os cara não cumpre a Constituição imagine (risos) uma lei, não é? Então assim, nosso país, infelizmente, hoje a nossa educação tá fragilizada, em termos de lei, a lei tá lá, mas, não é cumprida, tá? A rede pública tá aí, uma professora do ensino médio ganhando uma mixaria e atrasado. Os Governos não tão pagando. Então assim, a inadimplência, a defasagem das aulas na rede pública é alarmante, eu fui professor de sala de aula e tinha dia que eu tinha uns cinco alunos em sala de aula, como era que eu ia dar aula a cinco alunos? Uma turma de trinta e cinco eu tinha cinco, entendeu? Então assim, é como eu digo, o clube tem consciência da legislação, mas infelizmente não é cumprida e é cumprida em certos locais, então a gente procura o máximo possível fazer com que a coisa ande, porque isso depende de estrutura, se não tiver estrutura não funciona e nossa rede pública, nossa educação tá quebrada, infelizmente. (COORDENADOR DO AMÉRICA, 2017).

Eu tenho conhecimento, mas, não tão amplo assim entendeu? Tenho superficial, digamos assim. O clube tem assim [...] aqui é a base, mas, o profissional do futebol profissional também tem esse conhecimento assim [...] e tem, digamos, o setor jurídico que é mais “a par” dessa situação. (COORDENADOR DO ABC, 2017).

A constatação da existência, assim como do não cumprimento da lei, problematiza o processo de formação escolar de atletas de futebol. Fica evidente que a falta de conhecimento dos coordenadores sobre lei de tamanha importância, faz com que reflitamos, dentro de uma perspectiva crítica, se é mesmo possível levar adiante com qualidade as duas carreiras, futebolística e escolar.

O cumprimento da lei é condição preponderante e os clubes precisam desenvolver consciência disso, buscando desenvolver este duplo processo de modo que todos saiam ganhando, principalmente os atletas que, em caso de insucesso no futebol, terão a chance de ingressar, sem grandes prejuízos, em profissões que exigem conhecimentos técnicos e acadêmicos. Em outras palavras, é ainda um objetivo a ser alcançado que os clubes desenvolvam políticas de ação para que os atletas/alunos se capacitem tanto para o futebol como para concorrer ao mercado profissional.

## Outras considerações

Parafrazeando a banda Skank<sup>68</sup>, em um trecho da música *é uma partida de futebol*, refletimos no mesmo sentido da canção: “quem não sonhou em ser um jogador de futebol”? No Brasil, o futebol é um dos esportes mais praticados e assistidos<sup>69</sup>, prova disso são as audiências nas transmissões dos jogos de campeonatos nacionais, internacionais e da seleção brasileira. Muita gente, incluindo crianças/adolescentes, assistem a uma partida de futebol e acompanham seus comentários e análises.

O poder gerado através do esporte, sobretudo com referência ao capital, desperta o interesse em milhares de jovens em se tornarem ricos (financeiramente) fazendo aquilo que gostam. Ou seja, é uma espécie de emprego dos sonhos que os circundam e, por essa razão, depositam neste sonho toda dedicação possível e impossível ao alcance de si, como da família.

A todo instante, os jovens que ingressam no mundo do futebol com perspectiva de se tornarem profissionais do esporte são obrigados a tomar decisões importantes e que são condicionantes para o sucesso na profissão, como abdicar de estarem ao lado (dia-a-dia) da família, assim como de uma maturação natural, social (amigos de infância), para morarem em alojamentos propostos pelos clubes, em regime de internato. Aliás, alojamentos estes que, em alguns clubes, são de excelência e, portanto, minimizam esse afastamento, já em outros, no caso da grande maioria, são em condições abaixo do desejado e recomendado, tornando esse fato uma condição agravante para a situação.

As escolhas podem ser muito importantes e determinantes para o futuro de um jovem durante a carreira no futebol. Como não há garantias de sucesso, o caminho é escuro e nebuloso, haja vista que os atletas podem sofrer lesões que os tornem incapazes de desempenhar a excelência no esporte, ou até mesmo serem dispensados dos clubes por razões técnicas ou outro motivo que seja. Portanto, até a estabilidade financeira (contratos milionários) os jovens não possuem a certeza de que irão conseguir.

É nesse momento que aparece a importância da escola. Para os que ficam e não conseguem, terão a oportunidade de conseguirem bons postos de trabalhos, graças aos estudos, e para os que continuam é necessária a elevada remuneração, o acesso a um nível de vida e status social bem diverso daquele de suas origens. Sem um amadurecimento intelectual e

---

<sup>68</sup> Disponível em: <<http://www.skank.com.br/historico/>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

<sup>69</sup> Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/o-futebol-continua-sendo-um-forte-propulsor-de-audiencia,7cbba2dd37a0f55023bb538d9c09c61bd01ohk7h.html>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

educacional esse jovem pode sentir grandes dificuldades no que toca a sua realização humana, apesar de densa realização financeira.

Com relação aos que ficam pelo meio do caminho, questionamos, por exemplo, o que farão da vida? A base escolar aparece, então, no anseio da sociedade enquanto instituição formadora, por isso se torna indispensável para os adolescentes, sejam eles ingressantes ou não no mundo do futebol. O mercado, cada vez mais exigente, cobra competências e habilidades que estão presentes na escola e essa relação escola-formação se estabelece de tal maneira que os jovens não podem abdicar, dispensar, ou evadir desse caminho.

Na música do cantor e compositor Gabriel o Pensador, intitulada *Brazuca*, ele faz uma reflexão inquietante do ponto de vista pessoal, social e acadêmico, quando diz “Futebol não se aprende na escola, é por isso que o brazuca é bom de bola”. O trecho supracitado encontra-se na epígrafe desta dissertação e é refletido na proposta do trabalho graças a outra reflexão: por que não se pode jogar e estudar? Ou, por que o atleta que é craque de bola é ruim na escola? Isso tem relação com o processo formativo de ambos?

A busca incessante pela concretização do sonho em ser jogador de futebol corrobora com decisões importantes do ponto de vista social e uma delas é justamente a escolha de qual caminho seguir, sobretudo se tratando de Brasil, onde sabemos que o futebol acaba sendo a escolha dos atletas, colocando em segundo plano a escola.

Vários olhares sobre os processos formativos escolar e futebolístico se fizeram presentes nessa dissertação, na visão de cada autor ou de vários autores citados. Todavia, neste momento do texto, trazemos a nossa visão, associada aos achados dos trabalhos, para, junto com os colegas, promover um ambiente de discussões críticas e reflexivas acerca da formação escolar para atletas de futebol.

Com efeito, se tornou muito importante o levantamento bibliográfico feito nessa dissertação. Por meio dele conseguimos, numa perspectiva cronológica crescente, organizar os trabalhos, as discussões e os principais resultados desde 2003 até o ano de 2017. Contudo, para além dos achados, precisamos propor soluções, assim como materializar novas perspectivas relacionadas à formação escolar de atletas de futebol.

A principal questão gira em torno da conciliação dos dois caminhos aqui mencionados (futebol e escola): como possibilitá-la? Rodrigues (2003) discutiu a formação do jogador de futebol em um clube do sul do país e, nesse processo para o esporte, aparece a escola enquanto instituição formativa. O autor reforça a existência de um “[...] discurso sobre o aumento da escolaridade do jogador de futebol no Brasil tende a se confirmar”. (RODRIGUES, 2003, p.131).

No entanto, se faz importante destacarmos que os atletas têm procurado o ensino noturno para conciliar os dois processos. Rodrigues (2003, p.131), em nota confirma um elevado número de atletas que estavam cursando ou já cursaram o supletivo. Esse modelo de estudo é destinado, em parte, aos alunos que se encontravam atrasados e, portanto, é menos exigente com relação às atividades acadêmicas. Nesse sentido, a procura por esse caminho é compreendida como um mecanismo facilitador desse processo onde, para os atletas, as exigências serão menores.

Sobre a migração para o ensino noturno, destacamos a fala de Almeida e Souza (2013, p. 18 e 19):

De um modo geral, os atletas mostraram ter dificuldades na conciliação entre o futebol e os estudos; eles chegam aos clubes com 14 anos em níveis escolares razoáveis, e cada vez que se aproximam do futebol profissional eles migram cada vez mais para o ensino noturno e as taxas de abandono, repetência e defasagem escolar aumentam consideravelmente.

A fala dos autores corrobora com o discurso de secundarização da escola, ou, segundo Conceição (2015), colocam a escola em plano B em prol do esporte. Vale destacar que, Almeida e Souza (2013) enfatizam essa procura pelo ensino noturno na medida em que os atletas se aproximam do profissional, todavia, destacamos que o problema é justamente a precocidade na profissionalização no futebol, que, em média, ocorre entre 18 a 20 anos de idade, salvo em casos especiais (16, 17 e depois dos 20 anos).

Existem casos de atletas que se matriculam na escola em turnos matutinos e vespertinos. Alguns desses casos são de atletas que moram na cidade ou próximo à cidade do clube, podendo fazer o percurso de ir e vir. Geralmente, esses atletas têm um acompanhamento mais próximo da família, por estarem em casa, digamos assim. Contudo, os horários dos treinos dificultam a realização desse cronograma, porque existem atividades que são realizadas em períodos diurnos, como jogos e os próprios treinos (as vezes treinam dois períodos). No Rio Grande do Norte, por exemplo, alguns jogos<sup>70</sup> do campeonato estadual ocorrem no meio de semana e esse fato se torna preocupante, porque há uma transferência de responsabilidade para a família e o atleta de tomarem a decisão de ir ou não para o jogo.

Nesse sentido, o trabalho de Barreto (2012) destaca a flexibilização escolar para seguir em ambos os caminhos, isto é, a escola deve reajustar seus horários<sup>71</sup> para facilitar a vida dos

---

<sup>70</sup> Procurar na seção tabelas dos campeonatos realizados pela Federação Norte-rio-grandense de Futebol em: < <http://www.fnf.org.br/>>. Acesso em: 10 de Maio de 2018

<sup>71</sup> No sentido de facilitar o processo, remarcar avaliações, trabalhos entre outros.

atletas, sendo que essa facilitação vai desde os trabalhos acadêmicos, até a frequência escolar. Com isso, o atleta progressivamente terá um déficit nas atividades acadêmicas e menos qualidade na formação escolar, ao final do processo. Caso a escola não facilite, o aluno provavelmente irá evadir-se em prol do sonho. Nesse sentido, retornamos ao questionamento: e se não der certo no futebol?

Souza, Vaz e Soares (2008) afirmam a difícil reconversão do capital adquirido na formação futebolística para outros postos de trabalhos em caso de aposentadoria ou interrupção da carreira. Ou seja, dificilmente os atletas terão chances para arrumar emprego fora do futebol. É preciso considerar que, mesmo dentro do futebol, os postos de trabalhos estão cada vez mais exigentes, inclusive, algum deles exigem formação acadêmica. Problematizando as questões referentes à escolha apenas no caminho do futebol, os autores reforçam: “Esse quadro demonstra que a escolha da profissão oferece inúmeros riscos para aqueles que buscam conquistá-la” (SOUZA; VAZ; SOARES, 2008, p.109). Indo além e repetindo o que já foi dito, não há garantias de sucesso, pelo contrário, o chamado oásis da profissão (DAMO, 2005) é um espaço para poucos.

A conscientização sobre a relevância da escola perpassa, pois, por várias instituições, ela não é reponsabilidade apenas do clube (mesmo acreditando que é o principal). Passa pela família, assim como pelo Estado também e, por essa razão, propusemos uma relação dialética entre os envolvidos que objetivem uma formação para além das quatro linhas do campo de futebol. Segundo Brandão (1981, p.03) “Ninguém escapa da educação” e, nesse sentido, todos se tornam responsáveis pela educação dos atletas.

Conclamamos, portanto, a possibilidade de se rediscutir a mediação dos processos formativos relacionados à escolarização de atletas de futebol, assim como, a redefinição dos objetivos nesses âmbitos formativos, acreditando num objetivo mais amplo e geral/global que culmine com ações para assegurar uma formação de qualidade, ou seja, um *habitus* que materialize os discursos e possibilite colocar a escola em primeiro plano. Deste modo, os jovens terão uma seguridade em caso de interrupção da carreira e poderão ingressar em outros postos de trabalhos.

Do ponto de vista legal, a Constituição garante e destaca como obrigatória a permanência na escola durante essa fase. Segundo a LDB 9.394/1996, artigo 4º seção I “educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade” (BRASIL, 1996). Desta maneira, enfatizamos a garantia por lei dos atletas de frequentarem a escola durante a formação para o esporte. Todavia, para além da própria lei, os jovens das categorias juniores (17 a 19 anos) deveriam já ter concluído os estudos ou estarem cursando o

3º ano do ensino médio, coisa que não acontece majoritariamente, como constataram em seu trabalho Almeida e Souza (2013), onde também destacam o abandono dos estudos por atletas que estão em formação no futebol da região norte do país.

O estudo ainda destaca a dificuldade dos atletas em conciliar os dois processos (formação escolar e futebolística) e o resultado disso é o abandono ou a defasagem nos estudos, em virtude da escolha do esporte enquanto projeto de vida. Os clubes do RN também corroboram com essa estatística e confirmam que os atletas alojados não se dedicam aos bancos escolares.

Indo mais além na discussão das leis esportivas, destacamos a lei 9.615/1998, que fala do desporto e outras providências, todavia, a lei 12.395/2011 é um marco, assim como, uma vitória no progresso das discussões relacionadas a uma maior atenção para a questão escolar dos atletas, sobretudo ao que se refere à responsabilidade do clube nessa questão. Essa lei destaca a importância das instituições formadoras (clubes) no acompanhamento escolar dos atletas e preza pela qualidade do processo. Além da lei obrigar os atletas a estarem matriculados, responsabiliza o clube pelo acompanhamento satisfatório dos resultados desse processo formativo. Assim, abre precedentes para afirmarmos que existe lei e uma lei que está atendendo os pressupostos da discussão relacionada à escola durante o processo de formação futebolística.

Porém, é importante ressaltarmos que a materialização dessa lei não ocorre. Na verdade, essa lei é desconhecida numa perspectiva de aprofundamento pelos coordenadores que, desta maneira, corroboram com o próprio desinteresse e estatística de se dar menos importância para o contexto escolar, deixando reafirmar-se o interesse pelo rendimento esportivo. Fica claro na fala dos entrevistados dessa dissertação, assim como, em trabalhos realizado na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará, pelos autores Balzano, Oliveira e Morais (2017) que confirmaram que os atletas não possuem o apoio dos clubes na relação escola e futebol.

Nesse sentido, reforçamos a relevância em dizer que, dentro dos aspectos legais vem ocorrendo uma evolução que contribui com a discussão relacionada à questão escolar de atletas de futebol. Necessitamos de uma maior aproximação entre a família, o clube, o Estado enquanto órgão fiscalizador para uma melhor efetivação da própria lei.

Ainda sobre as leis, destacamos que se encontra em trâmite, no Senado Federal, um projeto de lei (PL) da câmara, nº 16, de 2017<sup>72</sup>, que altera os artigos 29 e 30 da lei número

---

<sup>72</sup> Retirado do site do Senado Federal: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/127918?o=t>>. Acesso em: 15 jun. 2018

9.615, de 24 de março de 1998<sup>73</sup>. Vale salientar que essa iniciativa foi da deputada Federal Flávia Moraes (PDT/GO) através da PL 6260/2013<sup>74</sup>, aprovada na câmara e que, agora, no ano de 2018, encontra-se no Senado Federal sob a relatoria do senador Randolfe Rodrigues.

Essa alteração possui relação direta com aspectos escolares na vida de atletas de futebol, sendo exigido para aqueles com dezesseis anos de idade um contrato de trabalho de no mínimo seis meses de duração. Segundo a justificativa, essa alteração culminará com o ano letivo dos atletas. Nesse sentido, resolve retirar do texto original as mudanças:

Art. 29. A entidade de prática desportiva formadora terá o direito de assinar com o atleta em formação há pelo menos seis meses, a partir de dezesseis anos de idade, o primeiro contrato especial de trabalho desportivo, cujo prazo não poderá ser superior a três anos: a) estar o atleta em formação inscrito por ela na respectiva entidade regional de administração do desporto há, pelo menos, seis meses. (BRASIL, 2017).

Os seis meses devem coincidir com o período letivo escolar, assim diz o projeto de lei: “§ 4º deste artigo deverá ter prazo mínimo de seis meses, período coincidente com o do semestre letivo do atleta e incluir obrigatoriamente” (BRASIL, 2017). E para o texto final segue a redação: “Art. 3º O caput do art. 30 da Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, passa a vigorar com a seguinte redação: “Art. 30. O contrato de trabalho do atleta profissional terá prazo determinado, com vigência nunca inferior a três meses nem superior a três anos. (BRASIL, 2017).

A importância da educação para atletas de futebol em formação se torna fundamental quando pensamos numa perspectiva cidadã. Enquanto sujeitos que compõem uma sociedade, os adolescentes depositam no futebol uma possibilidade de ascensão de vida e a escola se estabelece enquanto base comum para todos, independentemente de serem atletas ou não. Deste modo, nos reportamos aos fatos discutidos aqui, alertando que uma minoria conseguirá êxito no esporte e, portanto, se tornarão ricos. Por outro lado, grande parte ficará pelo meio do caminho e, como já relatado, deixarão de lado a escola para seguir no sonho, pagando as consequências num período futuro dessa decisão.

Sobre a importância da escola para atletas de futebol, Santos (2010) fez uma dissertação de mestrado, na cidade de Recife, estado de Pernambuco, com os dois maiores<sup>75</sup> clubes da

---

<sup>73</sup> Lei que institui regras gerais sobre desporto e dá outras providências. Encontrado em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19615consol.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19615consol.htm)> Acesso em: 15 jun. 2018

<sup>74</sup> Encontrar em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=590397>> Acesso em: 15 jun. 2018

<sup>75</sup> O Náutico também é grande e estava incluso na amostra, porém, por motivos maiores não participou do estudo.

capital, o Náutico e o Sport propondo uma discussão em torno do valor da educação durante a formação do atleta.

O trabalho traz à tona, mais uma vez, o descaso dos clubes para com a educação, mostrando que não têm pretensões objetivas e claras com a formação escolar dos atletas. Ao contrário, no futebol, a perspectiva ideológica formativa está pautada, acima de tudo, num modelo capitalista, mercadológico e financeiro. Para tanto, o autor conclui; “A educação no caso da maioria dos jovens jogadores recifenses é palavra distante não somente de seus dicionários; mas no sentido amplo; de suas próprias desumanas” (SANTOS, 2010, p.159).

Destacamos a fala de um dos entrevistados da sua pesquisa, no caso um atleta que se encontrava em formação no futebol. Segundo ele, não ocorre a preocupação do clube em relação a escola e sim, pela dedicação aos treinos,

Fato encontrado com a pesquisa foi que tanto no Náutico como no Sport, os atletas juvenis afirmaram ser deles a iniciativa de estarem estudando. Muitos disseram que o clube até cobrava deles estudarem, mais logo deixaram escapar ser uma cobrança superficial e sem compromisso. De fato, o que o clube cobra é a matrícula daí por diante, com relação a estudar, é como fala o entrevistado 3: ‘(...) foi coisa minha mesmo’ (SANTOS,2010, p.134).

Para ampliar a visão sobre a problemática, resolvemos destacar mais uma fala de seus entrevistados:

O clube não demonstra preocupação com o estudo da gente não. Não há nenhuma pegada, nenhuma preocupação, [...]. O clube cobra muito é com relação aos treinos, cobrança de horário e a cobrança é tão grande que às vezes a gente relaxa no estudo. Por exemplo, este ano de 2009 eu dei uma relaxada, pois às vezes chego tão cansado que não vou à escola. A cobrança da diretoria é só resultado e empenho (SANTOS, 2010, p.134).

Diferentemente do relato dos atletas na pesquisa de Santos (2010), trazemos uma fala do nosso entrevistado, que reforça a existência de um acompanhamento escolar com os seus atletas, todavia, destaca um distanciamento do real para o ideal, dizendo:

A gente faz o acompanhamento se conversa com Professores, como no caso diretora do colégio, mas, não é um acompanhamento...não é o ideal, a verdade não é um acompanhamento ideal, a gente tenta da melhor forma possível incentivar, enfim, mas não é o acompanhamento ideal, digamos assim, justamente por ser um colégio mais próximo, um colégio do Estado, então assim, foge um pouco do nosso controle (COORDENADOR do ABC, 2017).

Outro relato de mais um dos nossos entrevistados reforça o acompanhamento dos atletas internos, todavia não diz como é feito, deixando, assim, precedentes para maiores aprofundamentos sobre a qualidade desse acompanhamento. Ele disse: “O atleta interno aqui que nós temos, os atletas internos a gente acompanha” (COORDENADOR do AMÉRICA, 2017).

A comparação do atleta com um produto faz todo sentido e a escola fica de lado para que o atleta se dedique integralmente ao esporte, mantendo a máxima do rendimento: rendeu está dentro, não rendeu está fora. A utilidade do atleta está pautada no seu rendimento esportivo e, sendo assim, a dedicação para o esporte passa a ser integral, além de cautelosa, haja vista que os atletas precisam treinar e jogar ao máximo do esforço para renderem ao máximo, sem se machucarem.

Santos (2010) contribui de forma singular com novas discussões no âmbito da importância sobre a concomitância entre a escola e futebol, sobretudo quando diz:

[...]Se as crianças encontrassem nesses clubes, além do esporte, a educação (formal e informal) conciliada com valores morais e dignificantes, elas sairiam desses clubes no mínimo de duas maneiras: (a) ou como jogadores profissionais que, com a aposentadoria precoce característica da profissão, utilizariam o estudo como ponte para uma segunda carreira profissional; (b) ou como seres humanos estudados e formados, prontos para se projetar em outros trilhos do mercado de trabalho destino comuns a todos (SANTOS, 2010, p. 28).

O autor reflete uma questão também pensada por nós, ou seja, essa base educacional, independentemente de qualquer coisa, se torna importante para os futuros aspirantes ao estrelado no futebol, assim como para aqueles que ficam pelo meio do caminho, podendo, inclusive, ingressar no mercado de trabalho sem terem tido prejuízos oriundos da formação futebolística. Em concomitância com essa perspectiva, que tal se os clubes mudassem a lógica mercadológica capitalística em prol da perspectiva humana social, ou seja, se ao invés das escolas se adaptarem ao futebol, utilizássemos o futebol em adaptação com a escola?

Destarte, alguém poderia questionar da seguinte maneira: “Então, como poderíamos fazer”? Uma atitude simples já contribuiria. Mudar os horários dos treinos para os turnos de fins de tarde ou noite para que, durante o dia, os jovens pudessem frequentar a escola como os outros sujeitos. Essa ação se torna uma possível mudança na lógica estrutural. Nesse caso, os jovens teriam a escola enquanto base, inclusive, frequentariam os horários junto com outros estudantes que não são atletas. Teriam tempo para realizarem as atividades, por exemplo, se estudassem pela manhã, a tarde livre para estudarem, realizarem trabalhos, enfim, dedicarem-

se à escola. Outra possibilidade seria dos clubes, a família, as escolas, o estado manterem uma rede dialógica com palestras, fiscalização da lei 12.935/2011 e/ou ações que corroborem com esse olhar crítico e a efetivação do acompanhamento escolar dos atletas.

Por ter vivenciado o futebol em sua totalidade, percebi a falta de vontade dos clubes em relação à escola na vida dos atletas, prova disso foi uma quase reprovação no 3º ano do ensino médio, contada lá na minha história de vida. Nesse caso, se não fosse minha mãe, era certa uma reprovação e a partir de então, provavelmente, a história não seria essa.

Ao ler um considerável e importante referencial teórico destinado à discussão da questão escolar, ou melhor, trabalhos preocupados com a educação dos atletas, foi notado um avanço na legislação referente à temática. No Estado de São Paulo, por exemplo, existe uma lei de nº 13.748, de 08 de outubro de 2009 <sup>76</sup>, que no seu artigo 1º reforça que os clubes do Estado de São Paulo devem assegurar seus atletas menores de 18 anos nos estabelecimentos de ensino, sejam eles públicos ou privados, e, em caso de não cumprimento, o clube será penalizado, inclusive com a não participação em competições. Vale salientar que estamos falando de clubes formadores, ou seja, aqueles que estão associados à Federação Paulista de Futebol.

Indo além, destacamos a lei 12.935/2011, que demonstra de forma clara a preocupação com a formação educacional dos atletas de futebol brasileiro. Essa lei traz condições importantíssimas para um repensar a formação escolar em atletas de futebol no Brasil, isso porque, além de garantir a matrícula do atleta ao clube, ou seja, a responsabilização desta matrícula ao clube de futebol, exige um acompanhamento satisfatório dos rendimentos escolares dos atletas. Portanto, o clube, enquanto formador para o esporte, também corrobora, através de mecanismos adotados por eles, para os resultados satisfatórios e conseqüentemente um progresso escolar.

Mais uma situação de avanço é o projeto de lei 16º, 2017, que se encontra no Senado. Fala do contrato para os adolescentes, estipulando um tempo mínimo de 6 meses e, nesse caso, culmina com o ano letivo escolar do atleta.

Outra realidade, são os clubes que possuem escola ou um acompanhamento pedagógico com profissionais capacitados em suas instalações, todavia a lógica mercadológica, capitalista, ainda enraizada nesses espaços de formação, com a ideia de obter lucro com os atletas não muda e, por essa razão, toda essa estrutura serve apenas para complementar a formação para o esporte. Enquanto permanecer esse modelo ideológico, a condição do clube apenas encobrirá uma dura

---

<sup>76</sup> Encontrar em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2009/lei-13748-08.10.2009.html>>. Acesso em: 15 jun. 2018

realidade em um futuro próximo. É como sortear um carro todos os anos para milhares de pessoas que compram em um determinado supermercado, típico da época de fim de ano. Pois bem, vamos citar dois indivíduos, onde A é o trabalhador e B é o indivíduo que aguarda o sorteio. Deste modo, A está trabalhando para comprar um carro e B é quem está esperando ser sorteado, daí a questão: quem terá mais chances de ter um carro? Quem está trabalhando! Trazendo para o futebol, a maioria que fica pelo caminho e sem estudar não terá as mesmas chances ao final da carreira ou, em caso de uma interrupção precoce, comparando com aqueles que frequentam a escola, pelo contrário, sairão atrás.

Assim sendo, a proposta destas considerações foi a de que o leitor pudesse compreender a difícil relação do futebol e a escola no Brasil, através de um diálogo crítico e reflexivo entre a literatura com a minha perspectiva e constatação empírica relacionadas ao futebol. Dizemos que, se não houver uma mudança na ideia de formação, assim como, uma fiscalização atuante, as leis não darão conta de garantir a possibilidade de conciliação entre as duas formações, trazendo com isso um prejuízo cada vez maior para a sociedade, haja vista que os candidatos ao estrelado no futebol, assim como qualquer outro cidadão, são sujeitos participantes de uma sociedade e necessitam de atenção para uma educação resultado de uma formação escolar de qualidade.

Os caminhos percorridos até aqui solidificam um caminhar que, por sua vez, é inacabado, assim como o conhecimento. Dito isto, a pesquisa incorpora uma discussão sobre a formação escolar de atletas em formação futebolística a partir do que o clube tem a dizer, ou seja, propusemos entender, através de uma análise, como o clube ou de que maneira o clube lida com esses dois momentos (escola e futebol) na vida dos atletas.

## V CONCLUSÃO

No presente trabalho, os dois maiores clubes do Estado do Rio Grande do Norte se tornaram campo de pesquisa em virtude da sua importância para o cenário Estadual e Nacional. ABC e América são os clubes com maior número de adeptos e títulos estaduais. Outro critério para inclusão na amostra era o de estarem qualificados para a maior competição a nível nacional de futebol de formação que é a taça São Paulo de futebol Júnior<sup>77</sup>.

Os discursos, tanto do América de Natal quanto do ABC Futebol Clube, destacam a importância da escola na vida dos atletas em formação, sobretudo para uma perspectiva futura, no entanto, a materialização desta possibilidade só é possível com um movimento de flexibilização da própria escola. Para que os meninos consigam seguir nos dois caminhos, tanto o ABC quanto o América, matriculam seus atletas no período noturno em escolas públicas próximas ao centro de treinamento de cada instituição, destacando, desta forma, a priorização do clube para formar primeiro o atleta para o esporte. Vale lembrar que esse controle é feito com os atletas que ficam alojados no clube, os que moram na cidade ficam a critério das famílias.

Através de conversas com os coordenadores de ambos os clubes com a escola, percebeu-se que é feito um acompanhamento, porém não algo sistemático e longe do ideal, conforme relato de um dos entrevistados. Assim, fica o alerta para a necessidade de equacionamento de uma questão tão importante e que é a base para o desenvolvimento humano de jovens atletas, a necessidade de aproximação entre o clube e a escola.

Nessa ótica, os achados não diferem de grande parte dos clubes formadores no Brasil, onde, inclusive, já destacamos trabalhos de autores que utilizam da nomenclatura plano B para importância dada à escola (CONCEIÇÃO, 2015; MELO, 2010; BOSSLE E LIMA, 2013; MARQUES E SAMULSKI, 2009).

Considerando outros países, temos exemplos claros de possibilidades para uma conciliação na dupla carreira, como no caso do estudo proposto por Damo (2005), onde uma formação à francesa difere da brasileira, sobretudo na efetivação de ações como uma escola para atletas, na qual a própria ambientação contribui com a permanência escolar. O acompanhamento se torna efetivo e os próprios atletas (maioria) assimilam a importância de seguirem na escola. Para além, um estudo feito com treinadores brasileiros e portugueses (DO

---

<sup>77</sup> Ressaltamos que o Globo também estaria incluso nesse critério, sendo vice-campeão estadual da categoria sub19 e estando credenciado para participar da edição 2018 da taça São Paulo, contudo, consideramos o fator tempo de participação um filtro importante e preponderante para a permanência da escolha da amostra.

PRADO SZEREMETA *et al.*, 2017) destaca a diferença em ambas as formações, mormente pela perspectiva central. No caso de Portugal, forma para a cidadania, portanto, o objetivo central é a formação escolar e, em concomitância, o esporte entra em segundo plano.

Em ambos os casos citados deve-se considerar os contextos (países europeus), todavia, no Brasil, as coisas necessitam de um novo redimensionamento, de novas discussões. Apresenta-se a necessidade de novas propostas que possibilitem aos atletas em formação no futebol conseguirem seguir nos dois caminhos. A ideia de educação como importante precisa sair do papel e materializar-se.

Sobre ações ou políticas nos clubes de futebol do Estado do Rio Grande do Norte que incentive aos atletas estudarem, relatamos que o América Futebol Clube possui regimento interno (relatado na entrevista) que incentiva aos estudos, todavia, não foi possibilitado acesso ao mesmo. O ABC Futebol Clube não possui regimento interno.

As ações se restringem ou limitam a matrícula dos atletas na escola e/ou a ida do coordenador até a instituição de ensino para resolver alguma questão que envolva diretamente o atleta como quanto ao comportamento, por exemplo.

Considerado os aspectos legais, compreende-se que a lei é importante mecanismo para organização e funcionamento da sociedade, portanto a sua compreensão, aplicação, fiscalização, ou seja, efetivação, é de suma relevância. Perguntados sobre a Lei 12.935/2011, que por sinal fala diretamente das responsabilidades dos clubes, ambos responderam que tinham conhecimentos aos quais podemos chamar de superficiais, pois, atribuíram ao sistema jurídico de cada clube tal responsabilidade. Os coordenadores dentro de uma perspectiva mais profunda, desconhecem a lei que responsabiliza os clubes pela matrícula, acompanhamento e, por fim, pela garantia de resultados satisfatórios na escola. Portanto, ao que se refere a lei, os dois maiores clubes do Rio Grande do Norte não conhecem<sup>78</sup> a ponto de debater e opinar sobre tal. Sendo assim, fica a critério do Estado essa fiscalização e à família a missão de dar segmento aos estudos dos atletas.

Diante do exposto, consideramos importantes as discussões da legislação entre escola, clube, estado, família, objetivando os esclarecimentos da importância de cada setor. Entender de leis não é responsabilidade apenas de advogados ou juristas, e sim da sociedade, que, por sua vez, são os mais interessados. Nesse sentido, integramos um discurso de responsabilização do clube com a participação do Estado e da família para com a questão da escola na vida dos atletas.

---

<sup>78</sup> Através da voz dos coordenadores.

A realidade brasileira, sobretudo no estado do Rio Grande do Norte, reforça um discurso meio que paradoxal, onde todos concordam com a importância da escola, todavia naturalizam, de certo modo, o processo de formação onde ocorre a secundarização da escola em prol do esporte, fazendo um movimento inverso daquilo relatado nos discursos.

A lógica precisa ser mudada e, nesse sentido, a ideia de formar cidadão junto com a escola passará a sobrepor outros interesses financeiros. Não precisamos perder muitos estudantes para formar poucos atletas, precisamos, sim, formar muitos estudantes para encontrar atletas. Nesse sentido, a educação se torna base e o clube de futebol um facilitador do processo para o esporte, atendendo às demandas escolares em primeiro lugar e depois voltando os olhares para o desenvolvimento das competências e habilidades relacionadas à modalidade.

A lei 12.935/2011 se torna um importante mecanismo de ação política com objetivo de zelar por uma qualidade na formação escolar dos atletas de futebol e que está na Constituição. Nesse caso, a fiscalização, assim como o acompanhamento da efetivação da lei, se torna uma sugestão para que também possamos melhorar nesse aspecto.

Assim como no Estado de São Paulo, o Rio Grande do Norte poderia propor a criação de uma lei com características semelhantes, mas considerando seu contexto específico. Portanto, nossa proposta trata de, junto aos clubes de futebol do nosso estado, efetivar a criação de uma política baseada na lei 12.935/2011, de modo que garantam a efetivação de uma educação de qualidade aos seus atletas. Para debatermos tal situação, seria interessante convidar os maiores interessados: o clube, a família e o estado.

Concluimos que no Estado do Rio Grande do Norte ambos os clubes investigados não possuem políticas internas, estratégias ou mesmo mecanismos que possibilitem a permanência de jovens atletas de futebol na escola em condições de alcançarem êxito efetivo. A ênfase é quanto à importância da criação de políticas contextualizadas com a realidade local, de modo que os alunos/atletas não saiam prejudicados.

Parafrazeando Freire (1991), quando se remete à importância de educar as pessoas para transformarem o mundo, se conseguirmos mudar a nossa realidade, ou melhor, transformá-la, já teremos dado um grande passo para mudarmos o nosso modelo ideológico de formação para o esporte/capital, introduzindo, através dos clubes, ações, políticas e/ou estratégias que objetivem uma formação para cidadania tendo a escola enquanto base.

## REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Hélio. **A magia do futebol**. Estudos avançados, v. 20, n. 57, 2006, p. 297-313.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, v. 70, 1977.
- BARBOSA, Sílvia Maria Costa; BARBOSA, Joaquim Gonçalves. **Etnometodologia multirreferencial: contribuições teórico epistemológicas para a formação do professor-pesquisador**. DOI: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1043/el.v11n18p238-256>. Educação & Linguagem, v. 11, n. 18, 2009, p. 238-256.
- BARCELOS, Caco. Tudo pelo futebol. **Profissão Repórter**. São Bernardo do campo, 06 set. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P0ZA9AtD8d8>>. Acesso em: 13 ago. 2015.
- BARRETO, Paulo Henrique Guilhermino. **Flexibilização escolar para atletas em formação alojados em centros de treinamento no futebol: um estudo na toca da raposa e na cidade do galo. 2012. 106 p.** 2012. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Educação Física) –Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
- BIKLEN, Sari; BOGDAN, Roberto C. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. 1994.
- BOSSLE, Fabiano. Entre a formação na escola e a formação como atleta de futebol profissional: prioridades e influências. **Caderno de educação física: estudos e reflexões**. Marechal Cândido Rondon., v. 11, n. 1, jan. /jun. 2013, p. 35-43, 2013. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/106710>>. 13 ago. 2015
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Brasiliense, 2017. (1ª impressão 1981).
- BRASIL. **Lei nº12.395, de 16 de março de 2011**. Altera as Leis nos 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto, e 10.891, de 9 de julho de 2004, que institui a Bolsa-Atleta; cria os Programas Atleta Pódio e Cidade Esportiva; revoga a Lei no 6.354, de 2 de setembro de 1976; e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/lei/l12395.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12395.htm)>. Acesso em: 13 ago. 2015
- \_\_\_\_\_. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394\\_ldbn1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf)>. Acesso em: 13 ago. 2015.
- \_\_\_\_\_. **Projeto de Lei da Câmara nº 16, de 2017**. Senado federal. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/127918?o=t>> Acesso em: 13 ago. 2015.
- CONCEIÇÃO, Daniel Machado da *et al.* **O estudante-atleta: desafios de uma conciliação**. 2015. 133 páginas. Dissertação (Mestrado Centro de Ciência da Educação – Programa de Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.
- DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. 2005. 435 páginas. Tese (Doutorado em

Filosofia) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

DE ALMEIDA, Tobias Benjamin Costa; DE SOUZA, Divaldo Martins. **ABANDONO DOS ESTUDOS: uma análise dos atletas de futebol em formação nas categorias de base de Belém/PA.**

DE OLIVEIRA, Edilson Medeiros; BALZANO, Otávio Nogueira; MORAIS, Pedro Henrique Nascimento. O perfil dos atletas em transição da fase amadora para a fase profissional, das equipes de Futebol da cidade de Fortaleza, e a relação Escola e Futebol. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 9, n. 33, p. 130-137, 2017. Disponível em: < <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/469>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

DO PRADO SZEREMETA, Thaynara *et al.* **A formação de jovens futebolistas além das quatro linhas: uma análise sob a ótica dos técnicos de Brasil e Portugal.** **Pensar a Prática**, v. 20, n. 1, jan/mar. 2017. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/41613>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo.** 4. ed. Brasília: Liber Livro, 2012.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade.** São Paulo: Cortez; 1991.

GODOY, Arlida Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** Revista de administração de empresas, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível: < <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2016

MARQUES, Maurício Pimenta; SAMULSKI, Dietmar Martin. **Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio familiar e planejamento da carreira.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 23, n. 2, p. 103-119, 2009. Disponível em: < <http://www.periodicos.usp.br/rbef/article/view/16714>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

MEDEIROS RODRIGUES REALI, Aline Maria; SIMÕES PUCCINELLI TANCREDI, Regina Maria. **A importância do que se aprende na escola: a parceria escola-famílias em perspectiva.** Paidéia, v. 15, n. 31, 2005.

MELO, Leonardo BS. **Formação e escolarização de jogadores de futebol no Estado do Rio de Janeiro.** 2010. 72 f. 2010. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Educação Física) -Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

MELO, Leonardo Bernardes Silva; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; DA ROCHA, Hugo Paula Almeida. **Perfil educacional de atletas em formação no futebol no Estado do Rio de Janeiro.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 28, n. 4, p. 617-628. Rio de Janeiro. 2014.

MELO, Leonardo Bernardes Silva *et al.* **Jornada escolar versus tempo de treinamento: a profissionalização no futebol e a formação na escola básica.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 38, n. 4, p. 400-406. Rio de Janeiro. 2016.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades.** Caderno de pesquisas em administração, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 2, 1996.

OLIVEIRA, Yokky Ywky Dantas de. **Sonhos Interrompidos de Praticantes de Futebol.** Monografia apresentada ao Curso de Educação Física da UERN – CAMEAM, 56 f, 2015.

OS 12 esportes mais populares do mundo. Será que você conhece o segundo? **Portal Bol**. Disponível em: <https://noticias.bol.uol.com.br/bol-listas/os-12-esportes-mais-populares-do-mundo-sera-que-voce-conhece-o-segundo.htm?cmpid=copiaecola>. 27 out, 2016. Acesso em: 12 nov. 2016.

PAULA, Márcio Adriano de. **Acaso, destino e revelação: um estudo sobre circulação, projetos familiares e trajetórias na formação de jogadores de futebol**. 2013. 134 páginas. Dissertação (Mestrado Programa em Antropologia Social). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Universidade de Brasília. Brasília, 2013.

POUPART, Jean *et al.* A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. In: \_\_\_\_\_. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Vozes, 2008.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Editora Feevale, 2013.

ROCHA, Hugo Paula Almeida da *et al.* Jovens esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola. **Motriz rev. educ. fís.** v. 17, n. 2, p. 252-263, 2011.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. **A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional: (1997-2002)**. 2003. 200 páginas. Dissertação (Mestrado Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) – Programa de Pós-graduação em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

SANTOS, F. X. dos. **O valor da educação na formação do jovem atleta para o futebol profissional em Recife**. 2010. 197 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

SÃO PAULO. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. **Lei nº 13.748, de 08 de novembro de 2009**. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/norma/?id=157968>>. Acesso em: 13 ago. 2015.

SOARES, Antônio Jorge Gonçalves *et al.* **Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 33, n. 4, 2011. Disponível em:

<<http://www.oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/view/902>>. Acesso em: 13 ago. 2015.

SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. BARTHOLLO, Tiago Lisboa. MELO, Leonardo Bernardes Silva de. **Escola e a formação de jogadores para mercado do futebol**. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

SOUZA, Camilo Araújo Máximo de *et al.* Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. **Horizontes antropológicos**, v. 14, n. 30, p. 85-111, 2008.

SZYMANSKI, Heloísa (Org). **A Entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro, 2011

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte**. Cortez Editora, 1992.

XAVIER DOS SANTOS, Francisco. **O valor da educação na formação do jovem atleta para o futebol profissional em Recife.** Recife, 2010.

## **ANEXOS**

## ANEXO I - ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Bom dia, boa tarde ou boa noite. Me chamo Yokky Ywky Dantas de Oliveira, Professor de Educação Física, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDU) pela UERN MOSSORÓ.

Sou pesquisador e meu tema da pesquisa tem a ver com a relação entre escola e futebol na vida dos atletas do Globo Futebol Clube, América Futebol Clube e ABC FUTEBOL CLUBE. Pretendo compreender como se dá a relação da escola na vida de jovens que buscam a formação e a concretização do tão esperado sonho de ser um jogador de futebol. Para isso, resolvi fazer um bate papo com os clubes (que participarão da Taça São Paulo de Futebol Júnior) com essa finalidade. De início, conte-nos sobre sua relação com o esporte. Apresente-se. Qual cargo o Senhor ocupa? Quanto tempo nesse cargo? Qual a função do Senhor?

1. Do ponto de vista pessoal: Qual a sua relação com o esporte? Foi jogador Profissional? Jogou por quanto tempo?
2. Referente à formação acadêmica: Qual formação?
3. Como os garotos são recrutados?
4. Quando inicia a temporada dos atletas? Quando começam os treinos?
5. Qual turno dos treinos? Quantas vezes por semana? Quantas horas de treino por dia?
6. Como é feito o vínculo do atleta com o clube?
7. Os jogadores são todos de Natal? De outras cidades? Moram no clube?
8. Solicitar para descrever um pouco a rotina de jogos para estes adolescentes/jovens;
9. Sobre a escola: O clube dispõe de escola? Se sim, como é o processo educacional dos atletas? Se não. Onde são matriculados? Escolas públicas ou privadas?
10. O clube tem parceria com alguma escola?
11. Como é feito o acompanhamento escolar dos atletas? Existem Profissionais com esse objetivo?
12. Sobre a importância que o entrevistado atribui ao fato de jovens que buscam se afirmarem na profissão de jogador de futebol não interrompam seus estudos;

13. Como o clube em pauta lida com esta situação de interesses divergentes: clube de um lado e necessidades escolares, de outro;
14. Como o clube estabelece comunicação com a escola ou escolas as quais estão envolvidos seus jovens jogadores? Qual a relação do clube com a escola? Existe algum contato oficial estabelecido? Que tipo de troca de experiências ocorrem? Há algum responsável no clube para acompanhar os rendimentos escolar de seus jovens/adolescentes?
15. Indagar se tem conhecimento da legislação no Brasil que obriga a continuidade dos estudos para jovens e adolescentes em idade escolar. (Lei 12.935/2011)

## ANEXO II

### ANEXO II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

#### Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa “**Futebol e escola: essa ideia rola?**” coordenada pelo (a) **Prof. Dr. Joaquim Gonçalves Barbosa** e que segue as recomendações das resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares. Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Essa pesquisa tem como objetivo geral: “Analisar a percepção dos clubes através dos coordenadores da categoria juvenil (até 19 anos de idade) acerca da importância da formação escolar para atletas de futebol”. E como objetivos específicos: Comparar as políticas relacionadas ao incentivo escolar em dois clubes de Futebol do Rio Grande do Norte; Compreender o significado dado pelos clubes de futebol à formação escolar dos atletas em idade escolar e Identificar, assim como, refletir sobre as ações e políticas adotadas pelos clubes para que iniciantes em futebol se mantenham efetivamente engajados em seus estudos

O benefício desta pesquisa é a possibilidade de refletirmos através de uma discussão sólida, a formação escolar em atletas de futebol. Haja vista que, o Brasil é considerado o país do futebol e muitos adolescentes investem tempo significativo no âmbito da formação futebolística e nesse sentido, compreender a mediação destes dois momentos (escola e futebol) contribuirá, sobretudo, para uma formação para a cidadania.

Os dados coletados serão, ao final da pesquisa, armazenados em CD-ROM e caixa arquivo, guardada por no mínimo cinco anos sob a responsabilidade do pesquisador, a fim de garantir a confidencialidade, a privacidade e a segurança das informações coletadas. Reforçamos que, os dados serão utilizados para fins de publicações acadêmicas com o objetivo de ampliar as discussões, assim como reflexões relacionadas a questão escolar na vida de atletas em formação futebolística.

Você ficará com uma via original deste TCLE e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para o pesquisador Yokky Ywky Dantas de Oliveira do Estado do Rio Grande do Norte/RN, Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), no endereço Campus Central, no endereço Rua Prof. Antônio Campos, s/n, BR 110, km 48, bairro Costa e Silva, CEP 59600-000, Mossoró – RN. Tel.(84) 3314-3452 (Secretaria do POSEDUC). Tel.(84) 999 067 096 ou (84) 988 447 073. Dúvidas a respeito da ética desta pesquisa poderão ser questionadas ao **Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN)** - Campus Universitário Central - Centro de Convivência. BR 110, KM 48 Rua: Prof. Antonio Campos, S/N, Costa e Silva. Tel: (84) 3312-7032. e-mail: cep@uern.br / CEP 59.610-090.

Se para o participante houver gasto de qualquer natureza, em virtude da sua participação nesse estudo, é garantido o direito a indenização (Res. 466/12 II.7) – cobertura material para reparar dano e/ou ressarcimento (Res. 466/12 II.21) – compensação material, exclusivamente de despesas do participante e seus acompanhantes, quando necessário, tais como transporte e alimentação – sob a responsabilidade do (a) pesquisador Yokky Ywky Dantas de Oliveira.

Não será efetuada nenhuma forma de gratificação por sua participação. Os dados coletados farão parte do nosso trabalho, podendo ser divulgados em eventos científicos e publicados em revistas nacionais ou internacionais. O pesquisador estará à disposição para qualquer esclarecimento durante todo o processo de desenvolvimento deste estudo. Após todas essas informações, agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

**Consentimento Livre**

Concordo em participar desta pesquisa “**Futebol e escola: essa ideia rola?**” Declarando, para os devidos fins, que fui devidamente esclarecido quanto aos objetivos da pesquisa e dos possíveis riscos que possam advir de tal participação. Foram garantidos a mim esclarecimentos que venham a solicitar durante a pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento. Autorizo assim, a publicação dos dados da pesquisa com fins acadêmicos, corroborando assim, com novas discussões relacionadas a questão escolar para atletas de futebol em formação.

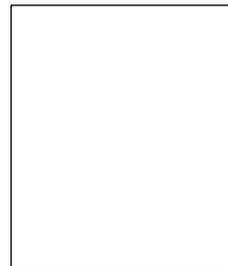
Mossoró/RN, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Assinatura do Pesquisador

---

Assinatura do Participante



**Yokky Ywky Dantas de Oliveira** - Aluno do Curso de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Central, no endereço Rua Prof. Antônio Campos, s/n, BR 110, km 48, bairro Costa e Silva, CEP 59600–000 , Mossoró – RN. Tel.(84) 3314-3452 (Secretaria do POSEDUC). Contatos do pesquisador (84) 999 067 096 ou (84) 988 447 073

**Prof. Dr. Joaquim Gonçalves Barbosa** – Professor Visitante do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), no endereço Campus Central, no endereço Rua Prof. Antônio Campos, s/n, BR 110, km 48, bairro Costa e Silva, CEP 59600–000, Mossoró – RN.

**Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN)** - Campus Universitário Central - Centro de Convivência. BR 110, KM 48 Rua: Prof. Antonio Campos, S/N, Costa e Silva.Tel: (84) 3312-7032.  
e-mail: cep@uern.br / CEP 59.610-090.

### ANEXO III - Diálogo com o Coordenador do ABC Futebol Clube – RN

**Pesquisador (P):** Como bem disse, me chamo Yokky Ywky Dantas de Oliveira. Sou mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERN (POSEDUC), em Mossoró, campus Central e pesquisador da área que referencia a temática da escola na vida de atletas em formação. Gostaria que o Senhor se apresentasse um pouco para que possamos conhecê-lo melhor.

**Entrevistado (E):** Meu nome é Pedro (Nome fictício) e estou no ABC, já faz dois anos, como coordenador da base e diretor administrativo, administrando também a base, fazendo essas duas funções. Pronto, estou a sua disposição.

**P:** Da perspectiva pessoal, qual a relação do Senhor com o esporte em si, com o futebol? A gente vê muito um histórico de dirigentes que já passaram pelos campos, assim como também tem colegas que não passaram pelos campos. O Senhor já foi jogador profissional?

**E:** Fui jogador amador, atleta amador de futebol de salão, de futsal e de voleibol. Tanto joguei pelo colégio JERNS (jogos escolares), quanto no futsal metropolitano estadual por clubes.

**P:** Referente a sua formação acadêmica, poderia falar um pouquinho?

**E:** Sou formado em Direito, Bacharel em Direito. Já exerci a função, digamos assim, mas faz uns cinco seis anos que não estou mais exercendo. E faz dois anos que estou ligado diretamente ao futebol amador. Sou conselheiro do clube, então minha vivência no futebol já tem uns quinze anos aqui no ABC, mas com cargo em função faz dois anos.

**P:** Como o Sr. é coordenador da base hoje e já foi diretor administrativo, gostaria que falasse um pouco sobre qual a função do coordenador da base, sendo este nosso foco.

**E:** A função, no meu ver, já está dizendo o nome, é coordenar, é você dar o suporte aos treinadores, aos atletas, acompanhar o dia-a-dia em relação aos estudos, em relação ao desempenho, à disciplina, ao compromisso, comprometimento e tentar, de uma forma, tentar viabilizar, da melhor forma possível, dar o suporte para poder eles desempenharem as funções no futebol tanto dentro como fora de campo.

**P:** Há quanto tempo o Senhor já trabalhou nessa função?

**E:** Eu passei um ano como coordenador, que foi o ano passado todo (2016). E esse ano o Vitor assumiu a Coordenação e eu fiquei só na administração e faz quinze dias que voltei para coordenação, reassumi, digamos assim.

**P:** Chegamos agora à perspectiva dessa garotada que vivencia esse sonho. A gente gostaria de entender como é que o ABC recruta esses meninos? Como é que são convocados? Como é que chegam até aqui?

**E:** Muitos chegam pelo nome ABC. Então, muitos batem à porta da gente, digamos assim, e outros a gente vai captar[...] indo assistir nos interiores torneios, captações que têm nos projetos, nos interiores do Estado, não só do Rio Grande do Norte, como nos outros Estados do Nordeste, e a gente marca, agenda e vai acompanhar uma captação, um jogo de uma equipe contra a outra e daí que vai surgindo esses talentos e também indicações, a gente tem uma larga agenda, assim o clube. Então, pessoas que [...] esses atletas do clube assim indicam, “ôh tem uma garoto aqui na minha cidade posso mandar aí pra fazer um teste?” a gente agenda vem fica uma semana aqui, duas, um mês e aí vai surgindo esses atletas.

**P:** E voltando agora para a perspectiva mais oficial, lembrando que a gente está com o sub-19, justamente porque essa molecada vai para a Taça São Paulo, que, em termos de projeção nacional é a maior competição que temos, então focamos nesse público. Quando que inicia a temporada desses atletas aqui no ABC? Quando é que eles começam os treinos?

**E:** Geralmente, nós começamos após o carnaval, primeira semana após o carnaval. Aí o calendário é o que essa categoria sub-19, que, no caso vai para Copa São Paulo. A primeira competição é o Campeonato Metropolitano, no qual o ABC, hoje, é bicampeão metropolitano. Depois vem o campeonato estadual, na sequência vem a Copa Nordeste, que é em novembro, e, em janeiro, a Copa São Paulo. Nesse período, a gente tem uma lacuna da Copa Nordeste para a Copa São Paulo, que a gente dá quinze a vinte dias de folga. E é o período que eles têm de folga, mas o quanto antes, isso depois do carnaval até dezembro, até a Copa São Paulo tem vinte dias de folga, vinte e cinco no máximo. O calendário se resume a essas competições. Tem outras competições, mas, assim, além das fronteiras, fora do Estado, que a gente não tem condições de ir porque são em outros estados, no centro-sul do país, centro-oeste, no sul, sudeste então assim, se resume a essas competições.

**P:** No caso, os garotos do sub-19 têm o ano todo de atividades?

**E:** Isso, o ano todo.

**P:** Qual o turno dos treinos? Dos trabalhos que eles fazem?

**E:** A gente intercala. Numa pré-temporada faz dois períodos (manhã e tarde), mas, realmente, é uma ou duas semanas, depois fica sendo só a tarde. O ano passado era só pela manhã e esse ano a gente mudou só para tarde, de 15h às 17h30.

**P:** Cinco vezes na semana? Quantas vezes?

**E:** Até o sábado, seis vezes. Geralmente o domingo é a folga.

**P:** É mais ou menos em torno de quantas horas que eles fazem cada sessão dessa de treino? Pela manhã, um turno, varia muito?

**E:** É[...] tem a variação, mas, à tarde é de 15h às 17h, 17h30, depende da carga de trabalho.

**P:** O critério de escolha dos turnos de treino, como é que ele é feito? É discutido aqui no clube?

**E:** Sim, sim. De acordo com o que seja a logística do clube, a gente poder dar um suporte maior e também questão de clima. De manhã o sol já[...] para ser um treino de manhã, para começar de 8h30, 10h30, o sol já está bastante forte, então, à tarde é mais por causa do clima, também, começa 15h, 15h30, o sol vai baixando, digamos assim.

**P:** Esses atletas, como é que eles são vinculados ao ABC? Como é que eles podem dizer assim, sou atleta do ABC Futebol Clube?

**E:** Então, eles chegam ao ABC, sendo aprovados. Alguns começam desde o sub15, sub14. A gente “federa” né? Federado como amador tem um vínculo com o clube e aí, na evolução deles, geralmente o que é que acontece, com 17, 18 anos, até com 16 já aconteceu, a gente faz um contrato Profissional, já com 16 anos pode ser atleta profissional, os que vão evoluindo a gente vai fazendo os contratos.

**P:** Me chama atenção a questão do “federado”. O senhor pode explicar para gente?

**E:** O vínculo de federado é o vínculo de amador que tem com o clube. Fica registrado na CBF (Confederação Brasileira de Futebol). Os “de menores”, o Pai tem que assinar. Paga uma taxa na federação da CBF e ele fica vinculado ao clube, certo? Como atleta amador. Te dá uma garantia, assim, de clube formador, começou no ABC, digamos assim, mas, infelizmente não prende o atleta, se o atleta quiser amanhã ir para outro clube e não comunicar nada, infelizmente a gente não tem como segurar, nenhum um clube tem como segurar.

**P:** Sr. Valdo os jogadores, é, a gente percebe que o ABC tem uma ótima referência na formação de atletas. A gente fica sabendo pelos meios de comunicação. Acaba pesquisa e vê a boa referência que aqui tem. A pergunta que gira em torno dessa temática é: os jogadores são todos aqui de Natal? E o clube hoje tem capacidade de alojar?

**E:** A gente tem a capacidade de alojar até 40 atletas, 40/45. Não, um fato até assim, interessante são poucos de Natal, porque infelizmente os clubes dos grandes centros já têm escolinhas aqui, já tem projetos, aqui, que eles já pegam os meninos com 10,11, 12 anos. Então, não chega nem a passar em ABC e América. Aí até as pessoas falam: "fulano teve, atleta tal estourou no Santos mais o ABC e o América não viu". A gente não viu porque os clubes estão vindo cada vez mais cedo levar esses meninos. Mais captações, muitos do interior, a maioria do interior do Estado e alguns de outros Estados do Nordeste, mas, a maioria é do interior do Estado. Digamos que 70% é interior do Estado.

**P:** Hoje, quantos o clube tem alojado aqui na categoria sub-19?

**E:** Sub-19 a gente tem em torno de 20 atletas.

**P:** No caso, esses que ficam aqui, ficam o ano todo, geralmente? São de responsabilidade do clube?

**E:** Isso, isso. Perfeito.

**P:** Agora, na perspectiva dos jogos, o Senhor pode descrever como é que são os jogos aqui em Natal, no Estado do Rio Grande do Norte? A competição que eles disputam aqui é o Estadual, então queria que o Senhor falasse como é essa rotina de jogos? São jogos nos finais de semana? São no meio da semana?

**E:** O Estadual Metropolitano são jogos nos dias de semana, meio de semana e final de semana. Geralmente treina dois dias, treina segunda e terça, joga na quarta, aí treina sexta e sábado, joga no domingo. Geralmente é assim que acontece a rotina dos jogos.

**P:** No calendário, o ABC chega a participar das discussões de datas?

**E:** Sim, sim, todos os clubes têm o direito e podem opinar e discutir a melhor forma possível de disputa, digamos assim.

**P:** Dentro da perspectiva da escola, que esse é o norte da nossa pesquisa, o clube dispõe de escola? Se sim, como é esse processo educacional?

**E:** Não, o clube não tem uma escola própria, digamos assim, que seria o ideal. Por exemplo, o Atlético Mineiro tem uma escola dentro do Atlético Mineiro, lá no CT do Galo, a cidade do Galo quer dizer. Infelizmente nós não temos. A escola que os alunos frequentam é a escola do Estado, aqui próximo ao clube.

**P:** Então, no caso, o clube já tem uma escola que geralmente matriculam os alunos?

**E:** Isso, isso. Tem a escola do Estado, que é a escola Machado, o nome. A gente tem um contato com a diretora, ela disponibiliza o ônibus do Estado, que faz a rota aqui do bairro do clube, que é o bairro que também se encontra a escola, e passa aqui e leva os alunos à noite. Eles estudam à noite. Tanto leva para o colégio como traz.

**P:** Então o horário deles estudarem geralmente é a noite?

**E:** É a noite, sempre é a noite, porque tem treino de manhã e de tarde.

**P:** Minha questão é referente ao acompanhamento dos atletas na questão escolar mesmo. Como é que o clube faz esse acompanhamento?

**E:** A gente faz o acompanhamento de conversa com Professores, como no caso diretora do colégio. Mas, não é um acompanhamento[...] não é o ideal. A verdade não é um acompanhamento ideal, a gente tenta da melhor forma possível incentivar, enfim. Mas não é o acompanhamento ideal, digamos assim, justamente por ser um colégio mais próximo, um colégio do Estado, então, assim, foge um pouco do nosso controle.

**P:** Pelo que entendi, esses que estão aqui alojados são os que o clube tem a maior proximidade de acompanhamento (na questão escolar). Os outros atletas, no caso, eles também têm esse acompanhamento ou fica mais para família?

**E:** Não, fica mais para família, os outros ficam mais para família. Os que não residem no clube. Os não residentes ficam mais a cargo da família, mas a gente não deixa de orientar, de cobrar, frequentar o colégio, ver as notas, entendeu?

**P:** A gente percebe a questão da evasão escolar de atletas que acaba ocorrendo. Aqui no ABC como é que é, estão todos frequentando ou alguns já desistiram?

**E:** Não, tem alguns que desistiram, que já chegaram aqui com já 17, 18 anos, que não quis estudar, não quer estudar. Então, assim, mas a gente orienta que o futebol a gente tem que formar o homem que tem que estudar, o estudo é a única coisa que ninguém pode tirar que vai servir para vida toda, futebol passa. Mas, tem alguns que[...] alguns que já terminaram os

estudos que ainda têm idade, termina com 17 anos e outros que já vieram assim, com 17 anos e não quiseram estudar e a gente não tem como[...] e tem talento, a gente não tem como forçar a estudar, a gente orienta que ele está sendo prejudicado logicamente, entendeu? Mas, não tem como obrigar a estudar.

**P:** E aqueles que não desistem? Como é que o clube dá essa importância? Aqueles que buscam estão lá nos bancos escolares tentando conciliar?

**E:** Então, assim[...] a gente incentiva da melhor maneira possível e sempre está perguntando se está precisando de alguma coisa. Tenta dar o suporte o mínimo possível para eles continuarem com esse interesse todo que só quem tem a ganhar é eles e o próprio clube também, com a educação que a educação é primordial.

**P:** Segundo alguns autores, nos estudos que fazem levantamentos da escolarização de atletas em formação escolar e futebolística, há uma divergência[...] há uma competitividade, digamos assim, do tempo, que acaba, às vezes, desencadeando alguns interesses e, conseqüentemente, direcionando o atleta para um possível caminho A ou um possível caminho B. Como que o ABC vê essa relação, essa competitividade, se ele percebe que existe uma competição do tempo? Se os dois exigem muito? Se o atleta que tem essa importância, mas a família tem que chegar mais junto? Como é que vê essa complexa relação, digamos assim?

**E:** Não, é[...] realmente, é complexo, como você frisou, mas a gente enxerga que tem que[...] para não perder esses meninos para outras situações, a gente incentiva ao estudo. A carga aqui de trabalho, de futebol é puxada. Então, assim, eles, à tarde, estão treinando, de noite vão para o colégio cansados e a manhã é para descansar e estudar. Então, assim a gente tenta, digamos assim, estreitar essa[...] esse tempo, essa relação para poder não ficarem ociosos e, conseqüentemente, não irem por outros caminhos.

**P:** O Sr. já conversou um pouquinho sobre a relação do clube com a escola. A gente queria afunilar um pouquinho mais. E essa parceria do clube com a escola, como que ela é feita? Existe algum contato oficial estabelecido? Quais as experiências ou trocas de experiências, por exemplo, do ABC com a escola Machado (que foi aqui a referenciada)?

**E:** Não, assim[...] oficialmente não tem nenhum vínculo, digamos assim. Mas, assim, depois que eu estou aqui, eu fui lá, conversei várias vezes com a diretoria. Então a gente procura acompanhar, ver a questão de notas, entendeu? Mas, assim, honestamente, não é ainda o ideal, precisa de um acompanhamento mais intenso, mais aprimorado.

**P:** O responsável por essa função é mesmo o coordenador?

**E:** Não, assim[...] quem dá esse suporte, no caso, é o supervisor do clube, quem vai lá e faz a matrícula. Também já fiz, fiz matrícula já[...], mas é o supervisor quem fica[...] faz mais essa ligação do atleta com o colégio e o clube.

**P:** Sr. Valdo chegando a parte final do nosso trabalho, o clube tem algum regimento de incentivo, tem alguma política que[...] nessa perspectiva educacional, tanja ou, então, abranja esse contexto da escola na vida dos atletas?

**E:** Não[...]. Assim, a nossa política é que primeiramente tem que estudar para poder ser atleta. Então, assim, a gente tenta, não consegue 100%, mas, digamos que 90% a gente consegue[...]. A política é essa, primeiro os estudos, depois que vem o[...] o[...] digamos, o trabalho com bola, o futebol em si. Até porque ninguém garante quem vai ser atleta profissional ou não. Então, assim, tem que garantir os estudos.

**P:** Escrito não existe esse regimento, por exemplo, no clube

**E:** Não, não existe.

**P:** E para fechar a gente pergunta sempre aos nossos entrevistados sobre as questões de lei mesmo. É[...] que a gente vai explicar um pouquinho dessa lei que existe na Constituição que é o que dá responsabilização às entidades formadoras, por exemplo. A gente queria saber, em síntese, se o clube tem conhecimento da Lei 12.935/2011, que é a lei que abrange ou que toca nesse assunto da formação.

**E:** Eu tenho conhecimento, mas não tão amplo assim, entendeu? Tenho superficial, digamos assim. O clube tem, assim[...] aqui é a base, mas o profissional do futebol profissional também tem esse conhecimento assim[...] e tem, digamos, o setor jurídico que é mais “a par” dessa situação.

#### ANEXO IV - Diálogo com o coordenador do América de Natal - RN

**Pesquisador:** Primeiramente, boa tarde, estamos aqui no América de Natal para iniciarmos um bate-papo. Eu me chamo Yokky Ywky Dantas de Oliveira, sou mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação pela UERN, sou Professor de Educação Física e pesquisador na temática que se refere a questão da escola na vida de atletas em formação, na base. Gostaria de começar com o Senhor, pedindo para se apresentar: Quem é? Qual a sua história no futebol? A gente sabe do currículo bem gabaritado, mas nada melhor do que as suas palavras para descrevê-la.

**Entrevistado:** Meu nome pessoal é Marcos<sup>79</sup>. Sou natural de Caicó-RN. Sou formado em Educação Física, também joguei futebol profissional. Joguei uma média de 8 a 10 anos pelo interior, lá em Caicó mesmo, no Corinthians, no Potiguar de Currais Novos. Foi quando vim fazer faculdade aqui em Natal e aí me desvinculei do profissionalismo e fui estudar Educação Física na UFRN e jogar o esporte amador. Disputei vários JUBS (Jogos Universitários Brasileiros), joguei no time da universidade da FURN, fui campeão também pela FURN de futsal, depois, ingressei no América e, já terminando o curso de Educação Física, fui convidado a trabalhar como preparador físico no América, pelo meu amigo Arthur Ferreira, que era preparador físico na época. Integrei a equipe profissional e comecei minha carreira como “físico cultor”<sup>80</sup>? Assim, é um currículo até, vamos dizer assim, pequeno, porém até valioso, porque onde passei ganhei, fui campeão. Graças a Deus, consegui dar ênfase a um trabalho que sempre sonhei, que foi ser professor de educação física. Sim. Fui professor da rede pública. Hoje sou aposentado como professor de educação física da rede estadual de ensino e trabalho na atividade ainda no futebol. Fui convidado para trabalhar, voltar a trabalhar aqui no América como coordenador de base e estou nesse desafio.

**P:** Muito bem apresentado, primeiramente quero agradecer pela oportunidade de estarmos conversando e dizer que estou muito feliz pelo fato de ser nosso conterrâneo. Vim da nossa terrinha. (Interrupção – Entrevistado: Somos caicoenses!) A gente sempre ouviu falar muito bem do currículo do Senhor e sua importância para o futebol, aqui, sobretudo em nossa região aqui no Nordeste, mesmo porque o Sr. passou por outros clubes.

---

<sup>79</sup> Nome fictício para preservar a identidade do entrevistado.

<sup>80</sup> Palavra não muito bem compreendida.

**E:** Eu só não trabalhei em Mossoró, mas nos outros locais. Trabalhei em Caicó, em Currais Novos, como atleta e como técnico, em Açu/Ipanguaçu e nos clubes grandes de Natal, os três grandes de Natal: Abc, América e Alecrim. E agora retornando ao América.

**P:** Vereador, se assim me permite chamar, o Sr., hoje, qual o cargo que ocupa aqui no América Futebol Clube?

**E:** Bom, sou o coordenador da base, desde a escolinha que nós temos aqui, com uma faixa etária de 8 a 14 anos. E aí passa para a base propriamente dita, as categorias sub-15; sub-17 e sub-19. Essa base, ela disputa o campeonato ligado à Federação, no caso, sub -15; sub-17 e sub-19, no qual, nós conseguimos ganhar, ser campeão esse ano no sub-19 e também sou técnico dessa equipe, como coordenador, estou acumulando as funções de coordenação da base e técnico da equipe sub-19.

**P:** Nossa pesquisa, ela tem um foco nas categorias sub-19, que vão para a Taça São Paulo, porque esse é o momento mais importante da categoria de base que nós entendemos que é uma copa que dá muitas projeções nacionais, midiáticas, enfim[...], que é o trampolim para o jovem ascender socialmente através do futebol. Então nós vamos direcionar o nosso bate papo para o sub-19. Nós gostaríamos de saber, a priori, como que é feita a seleção dos garotos aqui para o América de Natal? Como é que eles são selecionados?

**E:** Bom, de várias formas. Por indicação, por “peneirões”, que a gente faz, por trabalho de avaliação nos interiores, que a gente faz nos finais de semana. A gente viaja, tanto eu como o Severinho, e é dessa forma, por indicação também. Quando o garoto chega aqui, ele tendo uma condição, a gente dá sequência. Nós temos uma escolinha, como lhe falei, e a faixa etária de 8 até 14. Essa faixa etária de 12, 14 anos a gente já olha com mais uma referência para já catar esses meninos, já pescar, vamos dizer assim, esses garotos para sub-15 e, dessa forma[...] dá uma sequência no trabalho a médio e longo prazo para que esses garotos tenham condições de vir, futuramente, a ser atletas.

**P:** Quando inicia a temporada aqui no América? Quando que iniciam os trabalhos da categoria sub-19?

**E:** Bom[...] é como lhe falei. A temporada nossa começa geralmente no início do ano, em fevereiro. Esse ano nós já estamos com uma parte da programação do nosso projeto, do nosso plano de trabalho anual já praticamente pronto; iniciaremos com a nossa escolinha após o dia 15 de fevereiro, ou seja, após o carnaval, e as categorias de base em março, até porque os

campeonatos da federação só vão começar a partir de abril. Então, março, abril, maio por aí, a gente já começa com o sub-15, sub-17 e sub-19 na sequência, que não sei como é que vai ser esse ano, mas acredito que seja dessa forma e, se não, a gente tenta modificar o calendário da federação junto com os outros clubes para fazer uma boa participação de aproveitamento desses garotos.

**P:** Referente aos treinos, qual a frequência dos treinos que esses garotos têm? Quantas vezes na semana? Quantos turnos? Como é que é escolhido esse período de treino?

**E:** Olha, para não atrapalhar nos estudos, a gente preferiu colocar o turno da tarde, porque 80 a 90% desses garotos eles já estudam pela manhã. Então a gente faz com que esse pessoal venha a frequentar os nossos trabalhos diariamente, de segunda a sexta, na parte da tarde, sempre na parte da tarde. Então a gente encaixa os horários, dá ênfase à categoria que está começando o campeonato. Nós começamos esse ano com o sub-15, depois introduzimos o sub-17 e o sub-19 ficou por último, porque o sub-19 já é uma categoria que já está formada, praticamente já vem do 15, 17 e 19 é uma sequência. Então a gente apenas faz o trabalho de recrutamento, ou seja, de aproveitamento desses atletas através de pesquisa, através de indicação, através de “peneirões” que a gente sempre faz aqui no nosso dia-a-dia, e dá sequência ao trabalho então essas equipes são formadas dessa fórmula e são assistidas dessa fórmula.

**P:** Como é feito o vínculo desses atletas? Como é que o atleta é reconhecido enquanto jogador do América de Natal?

**E:** Ele quando aprovado que a gente sente que tem um nível técnico bom, que tem condição de você trabalhar bem esse atleta. Ele poderá ser um futuro atleta, futuro jogador, esse atleta é inscrito. Ele preenche uma proposta de amador, nós temos uma proposta de um vínculo não profissional, que o próprio pai autoriza e esse atleta fica vinculado ao América até que, vamos dizer assim, não queira mais ficar e queira sair para outro clube, outra agremiação e a gente não bota empecilho nenhum, desde que a gente consiga fazer esse trabalho de aproveitamento, se ele quiser ficar no América, ele fica, mas ele é vinculado ao clube através de uma assinatura de uma proposta de um contrato não profissional.

**P:** Esses jogadores são todos de Natal? Existem jogadores de fora? O clube tem condições de alojar esses adolescentes?

**E:** Tem. Nós temos aqui o nosso alojamento, você está testemunhando. Nós temos aqui, hoje, no nosso quadro amador, nós temos 12 atletas, 3 atletas sub-19. Isso eu estou falando no sub-

19. O atleta só aloja, só dá alojamento aos atletas na categoria sub-19, as outras categorias 15 e 17 não dá, a não ser que seja um atleta muito diferenciado e que não possa realmente, ou que seja de fora e aí a gente investe nesse tipo de aproveitamento de trabalho. Mas nós temos, o América dá toda a assistência de moradia aqui com alimentação, com estadia, com apartamento, com tudo. Até o colégio, até o colégio, a gente se preocupa em matricular esses garotos. Tem um ônibus escolar que passa aqui as 18 horas pega leva para o colégio aqui próximo, de forma que o América dá essa assistência a todos eles.

**P:** O Sr. está na função de coordenador. Fale um pouquinho de como que é essa função. O que é que o coordenador faz? E o tempo que o Sr. está no cargo.

**E:** Tempo integral. Estou há dois anos no cargo. Fui reconduzido à essa função, recebi um convite da direção do América para fazer essa função de coordenação e estou desempenhando essa função agora como lhe falei, e acumulando a função de técnico do sub-19. Então, é difícil. Hoje estou aposentado, estou com tempo integral dedicado ao América. Graças a Deus me aposentei, até porque essa política que o Brasil está impondo para aposentadoria está complicado. 65 anos você já está no fim de carreira mesmo, não tem mais condição de fazer nada e eu estou ainda com 62, vou fazer 63, já estou de ladeira abaixo, vamos dizer, mas, enquanto Deus me der saúde e vontade de trabalhar a gente tá aqui desenvolvendo essa função. Então, estou no cargo há dois anos de coordenador e acumulando o cargo de técnico do sub-19. Graças a Deus fizemos um trabalho bom e fomos campeões agora vamos para São Paulo. Fomos para Copa Nordeste, fizemos uma boa participação lá. E agora vamos para São Paulo que aí é um nível mais alto e uma competição que dá uma projeção já mais abrangente a nível de Brasil, a nível até de exterior, mas é essa a nossa rotina, hoje estou dedicado 24 horas ao América.

**P:** Solicito ao Sr. que fale um pouquinho da rotina dos jogos. Como que são os jogos dessa categoria? Se eles ocorrem aos finais de semana, meio de semana. Como que é feito?

**E:** Os jogos das categorias, como disse a você, do níveis de campeonato da federação nós cumprimos o calendário que a federação determina, ou seja, geralmente finais de semana, né? Sub-15 né é sábado e domingo, né? Sub-17, também. Porque a gente obedece ao calendário da federação. Já o sub-19 é um pouco diferenciado né? É campeonato Estadual, já tem a participação das equipes do interior. Esse ano teve Mossoró, teve Açu, não é? Interiorizar essa categoria é muito importante, tá? Então, assim, o sub-19 é diferenciado, mas, a rotina de trabalho e os jogos geralmente ocorrem finais de semana.

**P:** O clube discute sobre as tabelas? Opinam sobre os jogos?

**E:** Tem os congressos técnicos da federação. A federação apresenta um calendário e todos os clubes participantes do evento vão lá na federação. A federação marca e nós vamos discutir lá o calendário. É feito de acordo com a participação de todos. Todos opinam. O que é de errado a gente corrige, o que não tem nada de, vamos dizer assim, de proteção para A nem B. É tudo sorteio. A tabela, regulamento, tudo isso é discutido as claras e com toda a aprovação de todos os clubes.

**P:** Já chegou de algum jogo cair no meio de semana?

**E:** Já, sub-19 já. Como eu disse a você. A categoria sub-19 é diferenciada, ela é quase como um profissional. O profissional tem jogos, rodadas no meio de semana, rodadas no interior, rodadas na capital, grupos, dependendo da quantidade. Esse ano foi grupo único, foram oito equipes então a gente rodou. Teve a primeira fase e a fase classificatória. Classificaram-se quatro, teve um quadrangular e passaram para dois, semifinal e final.

**P:** Sobre a escola, a gente pergunta: o clube dispõe de escola? Se sim, como que é esse processo educacional dos atletas?

**E:** Não, o clube em si não, mas o clube corre atrás, através da nossa participação, como lhe disse. Como fui funcionário do Estado de Secretaria de Educação trabalhei muito tempo, a gente tem amizade com os diretores de escola, principalmente aqui em Parnamirim-RN. Então a rede escolar municipal/estadual fica aberta, se o aluno quiser estudar a gente matricula e tem interesse. O América tem interesse de colocar esses atletas para estudarem porque acho que faz parte do ensino do processo educacional e do ensino-aprendizado não só jogar futebol mas também ser um cidadão, ser uma pessoa que se não der futuramente para ser um atleta já ganhou tempo estudando e vai fazer um curso técnico profissionalizante e segue a sua vida.

**P:** No caso, eles são matriculados nas escolas municipais ou estaduais?

**E:** Estaduais.

**P:** O clube tem alguma parceria com escola privada?

**E:** Não, não, aliás[...] tem com Universidade, a Universidade Facex, que é de um ex-presidente do América, Dr. Zé Maria. e então, assim, ele propôs essa[...] acredito que hoje deva estar em processo de renovação de parceria. Então sempre apoiou o América aqui, mas acredito que esse contrato, esse apoio, tenha terminado e não sei, confesso a você que não posso lhe adiantar se realmente tem projeção mais pra futuro.

**P:** O clube faz o acompanhamento escolar do atleta ou ele não faz esse acompanhamento e fica mais a critério da família?

**E:** Os atletas internos aqui que nós temos, os atletas internos a gente acompanha.

**P:** Os alojados?

**E:** Os alojados, porque são atletas que a gente tá no dia-a-dia, agora, o atleta que não é alojado, mas faz parte do América sub-15, sub-17, sub-19 a gente acompanha através dos pais.

**P:** Qual a importância que o clube atribui àqueles jovens que querem persistir nos estudos e não interrompem a carreira na escola?

**E:** Bom, essa pergunta aqui é muito pertinente, porque a gente sempre teve esse cuidado de escolher o turno da tarde para que não venha, vamos dizer assim, coincidir do horário de escola com a atividade, as práticas desportivas aqui, então a gente já define para o atleta quando a gente puxa ele para cá, quando a gente adota ele aqui no América a gente já diz para ele procurar um colégio quando não é interno. Os internos aqui geralmente são atletas que já têm uma faixa etária de idade maior 18,19 anos aí já estudam todos a noite porque a parte da manhã e da tarde, parte do sub-19. A gente trabalha mais ou menos assim, quase como um profissional já um semiprofissional. Hoje mesmo nós trabalhamos dois expedientes, você já teve a oportunidade de ver aqui eu não estive pela manhã aqui, porque tive um problemzinho em Natal, tive que pegar minha filha no aeroporto porque ela estava chegando de São Paulo e não pude vir fazer o trabalho pela manhã aqui. e então, por isso que ficou só com Adriano e com meu assistente técnico. Mas, nós trabalhamos no mesmo ritmo a parte de *full time* dois expedientes na parte da manhã e à tarde. Então esses atletas que são alojados aqui, aí sim, esses estudam à noite, agora o restante fica a critério dos pais, mas o horário nosso de trabalho aqui é sempre na parte da tarde para exatamente não coincidir para que não prejudique o atleta na escola.

**P:** O clube estabelece uma comunicação com a escola? Qual a relação do clube com essa escola? Existe algum contato oficial? Que tipo ou quais tipos de trocas de experiências que ocorrem? Qual a função do coordenador nesse ínterim?

**E:** Bom, a nossa função aqui é exatamente como eu digo, é com os internos, é nosso dia-a-dia aqui. Como tenho contato com eles todos os dias no treinamento, uma vez por outra chamo eles aqui na minha sala e pergunto, faço uma pequena entrevista como nós estamos fazendo agora: Como é que você está lá na escola? O que é que você está achando? Como está o seu aproveitamento? E geralmente eles falam. E graças a Deus a gente nunca recebeu assim

reclamação de nenhuma escola, de nenhum atleta nosso que esteja, vamos dizer assim, em déficit ou em débito com o ensino lá. Então a gente orienta e incentiva para que esses atletas frequentem a aula normalmente. E o próximo ano a gente está pensando exatamente em introduzir no nosso estatuto aqui, que nós temos um estatuto interno, a obrigatoriedade de frequentar a escola, porque hoje nós temos aqui uma demanda de doze atletas. Acredito que uns seis (50%) estejam frequentando aula. Então a gente tem essa preocupação de que todos frequentem a aula quem está concluindo o ensino médio, quem está fazendo até Enem. Já teve dois atletas esse ano, nosso, que fizeram, dois não três, três atletas, vou até conversar com eles agora para saber qual foi o rendimento deles, se passaram, se tiveram aprovação ou não. Então de maneira que é assim, a gente acompanha através dos pais também, do contato com os pais, através da direção da própria escola que como lhe falei fui professor da rede pública é trinta anos e, mais ou menos, a gente sabe, conhece alguns diretores aí de escola, principalmente aqui em Parnamirim e tem outros, tem um professor nosso aqui que trabalha conosco aqui que faz parte de alguns projetos da rede municipal então esse professor faz esse elo de acompanhamento e passa para gente.

**P:** Chamou minha atenção quando o Sr. falou que o América tem um regimento que incentiva o aluno/atleta a frequentar a escola. O Sr. pode falar um pouquinho desse regimento? É uma política educacional do clube mesmo? Foi criada aqui?

**E:** Não, não foi criada aqui. É uma política do clube que acredito que essa política não só do América, mas não conheço a estrutura dos outros clubes aqui; é como estou vivenciando agora conhecendo agora do América, mas, acredito que o ABC mesmo tendo o atleta interno, volto a dizer: o incentivo do ensino de estudos para os atletas que permanecem aqui internados. Os outros que fazem parte do América, mas que estão frequentando a aula em casa, em conjunto com pais, esses a gente não acompanha tão de perto, mas os daqui a gente acompanha e também é uma norma de cobrança da própria direção. Exige que os atletas que estão aqui, já que o América está bancando essa estada aqui desses atletas com hospedagem. Com[...]. então[...] nós estamos cuidando de um[...] quem sabe? De um futuro atleta nosso. Então a gente que tem que preparar esse atleta, amanhã chega, vamos dizer assim, um empresário aqui que gostou de um atleta X e quer levar para Europa, então esse atleta tem que pelo menos ter uma noção do que é ensino médio, tem que saber um pouquinho de quem sabe o inglês, porque acho que é por aí, você mesmo que já trabalhou, já morou na Europa, você sabe disso. O jogador que sai daqui é cobrado, né? Então a gente tem essa esperança e esse cuidado para que o atleta futuramente seja um cidadão, um cidadão com condição de seguir a sua vida.

**P:** Para fecharmos, existe então o contato do clube do América para com a escola? Tem essa relação de contato, é isso?

**E:** O contato do clube com a escola do América, é através da gente, é através de mim e através do próprio atleta e os pais. Não é a direção do América! A direção[...]. eu sou o coordenador, então eu é que me responsabilizo por isso, então, todo esse contato é feito através de[...] ou por telefone ou por convocação de uma reunião junto com o diretor da escola ou com os pais, então, assim, esse contato é um contato feito dessa forma.

**P:** Existe na literatura alguns trabalhos como o do Professor Leonardo Bernardes de Melo, que falam de uma competitividade da questão do tempo da formação escolar com a formação futebolística. Como que o América lida com essa divergência? O clube entende se há ou não essa divergência?

**E:** Não. Acredito, assim, que o atleta, ele precisa de tempo para os dois. Ele não pode ser apenas num período. O período de formação é que você treina num período, que, aí você tem o outro período para estudar. Mas, a gente sabe que os dois, tanto o estudo é importante quanto a prática de esporte, porque um é uma coisa, é prática, e a outra é teórica, você tem que aprender, você tem que estudar para aprender. Vai que você não seja mais um atleta? Chega lá aos 20 anos, 21, 22, você não quer mais ser atleta profissional nem quer seguir a carreira de atleta e aí? Se você não tivesse estudado dos 15 aos 20 você teria perdido cinco, seis anos, iria recomeçar já fora de faixa de idade, então assim, a preocupação é essa tá certo? Não deixar o atleta perder tempo. Então, acredito que os grandes clubes que conheço, muitos por aí fora, Atlético Paranaense, Cruzeiro, o Grêmio, o Inter, Bahia, Vitória, Náutico, Sport de Recife já andei por todos esses clubes, então. Esses clubes têm o comprometimento de colocar o atleta para estudar, desde que não atrapalhe. É como digo, desde que não atrapalhe porque é difícil. Você dá a condição desse atleta frequentar uma faculdade ou um próprio colégio bom, até privado que tem clube que até paga. O São Paulo paga, o São Paulo tem uma estrutura muito grande, investe mesmo! Então hoje um garoto lá de base do São Paulo, do próprio Corinthians, do Atlético Paranaense, o garoto já fala inglês fluentemente. Então, na hora que ele sai de lá para um clube daquele ali ele já vai[...] chegando lá só aprimora. Neymar quando saiu do Santos para o Barcelona, Neymar já tinha uma grande noção até do inglês, do italiano mesmo, dessas línguas que os países lá adotam e falam. Então, acho que é importante isso, o jogador tem que praticar, o atleta tem que praticar a parte esportiva, a parte prática e estudar. Jamais deixar de estudar!

**P:** A questão financeira pode contribuir para esse distanciamento? Ou para melhor, ou para aproximar, ou, talvez, até mesmo para incentivar, acompanhar, enfim[...] O Sr. acha que um maior incentivo nessa perspectiva educacional contribui com essa formação?

**E:** Olha, o financeiro é importante em todas as áreas. Se tem um clube que tem uma estrutura boa, grande, que tenha essa parte financeira disponível que eles têm investimento, eles têm orçamento anual, gasta por exemplo: O Atlético Paranaense gasta cinco milhões de investimento na base. Eu estou falando aqui uma hipótese, então esses cinco milhões é em tudo e tem a parte de estudo dos atletas, tem a parte que ele dá o livro, dá a condição, dá o computador tá certo? Ele assiste o atleta em todas as formas e além de pagar o salário, o atleta mora lá então ele está fazendo um atleta[...]. formando. O Vitória da Bahia agora eu fui a Copa Nordeste e conversei com o gerente lá o supervisor e ele disse, praticamente a gente conversou sobre isso aqui, alguns itens aqui a gente teve oportunidade de conversar. (faltam uns trechos repetidos)

**P:** O clube tem conhecimento da Lei 12.935/2011?

**E:** O conhecimento tem que a lei é publicada e quem estuda, quem ler, quem acompanha, como professor da rede pública, como disse a você, trabalhei numa Secretaria de Educação durante trinta anos, fiz curso lá em Brasília, participei no MEC (ministério da educação) na época, que tinha essa discussão dessas leis. Mas é uma coisa muito, vamos dizer assim, muito[...] é[...] que não se cumpre ao pé da letra, não é? Você vê que a Constituição do Brasil o cara não cumpre imagine (risos) uma lei, não é?

Então, assim, nosso país, infelizmente, hoje a nossa educação está fragilizada em termos de lei. A lei está lá, mas não é cumprida. A rede pública está aí, uma professora do ensino médio ganhando uma mixaria e atrasado. Os Governos não estão pagando. Então, a inadimplência, a defasagem das aulas na rede pública é alarmante. Fui professor de sala de aula e tinha dia que tinha uns cinco alunos em sala de aula, como era que ia dar aula a cinco alunos? Uma turma de trinta e cinco tinha cinco, entendeu? Então, assim, é como digo, o clube tem consciência da legislação, mas, infelizmente, não é cumprida e é cumprida em certos locais. Então a gente procura o máximo possível fazer com que a coisa ande, porque isso depende de estrutura. Se não tiver estrutura para funcionar, não funciona e nossa rede pública, nossa educação está quebrada, infelizmente.